SCOTT E KIMBERLY HAHN

TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ROMA

O nosso percurso até o catolicismo

DIEL CLEOFAS

Scott e Kimberly Hahn

Todos os caminhos levam a Roma

8ª edição brasileira

editora CLÉOFAS

Título Original: Rome Sweet Home
Autores: Scott e Kimberly Hahn

© Ignatius Press
© 2002 by DIEL para Portugal e países de língua portuguesa

Tradução: Marta Mendonça
Adaptação para o Brasil: Francisco Faus
Capa: Jeferson Rocha e Tiago Carvalho
Versão digital: Jeferson Rocha

ISBN: 978-85-88158-91-7

© 2015 - EDITORA CLÉOFAS - Todos os direitos reservados
Caixa Postal 100 - Lorena - SP
CEP 12600-970
Tel/Fax: (12) 3152-6566
www.cleofas.com.br

DIEL – Lda.
Av. Almirante Reis, 142-1.º Dt.º
1150-023 Lisboa
www.diel.pt

Apresentação

Todas as histórias de conversão são diferentes, como são diferentes os flocos de neve ou as impressões digitais. Todas são dramáticas. A única história mais dramática do que a da conversão à Igreja de Cristo é a história da conversão inicial ao próprio Cristo. Mas ambos os dramas – tornar-se cristão e tornar-se católico – são passos de um mesmo processo e na mesma direção, como nascer e crescer. Este livro é uma excelente ilustração dessa verdade.

Em virtude do drama inerente a esta temática – o homem que busca o seu Criador e este que procura aquele – todas as histórias de conversão merecem ser conhecidas. Mas nem todas são capazes, como esta, de cativar o leitor e de arrastá-lo como um rio tormentoso. Penso que há quatro razões para que seja impossível largá-la uma vez começada.

Em primeiro lugar, os autores são muito inteligentes, de pensamento claro e de raciocínio irrefutável. Detestaria ser um anticatólico em debate com eles!

Em segundo lugar, estão apaixonadamente enamorados da Verdade e da retidão. São incapazes de desvirtuarem as suas convicções.

Em terceiro lugar, expressam-se com clareza e simplicidade, com caridade e com graça, com humor, entusiasmo e alegria.

Por último, são pessoas agradáveis e maravilhosas, que se oferecem a si mesmas e oferecem o tesouro que encontraram. Quando vier a encontrá-los nas páginas deste livro, o leitor encontrará essa qualidade inefável, mas claramente identificável, que é a "confiabilidade". Os hebreus denominam-na *emeth*. Quando alguém a toca, sabe que toca a verdade.

Há também razões religiosas que explicam a força deste livro.

Uma delas é o evidente amor dos seus autores a Cristo. Tão simples como isto.

Outra é o amor e o conhecimento da Sagrada Escritura. Haverá poucos católicos no mundo que conheçam e utilizem melhor a Bíblia.

Uma terceira razão é a forma que têm de harmonizar – como Cristo – a ortodoxia

bíblica e católica com o personalismo moderno e a sensibilidade contemporânea. Em outros termos, o amor à verdade e às pessoas, à doutrina e ao discípulo. Este duplo amor é o principal segredo dos grandes mestres.

Por último, está a sua consideração teológica de família, tanto biológica como espiritual (a Igreja como família). Esta doutrina, como cada aspecto da sabedoria da Igreja, define-se e aprecia-se mais claramente quando é atacada pelas heresias que a negam. Hoje em dia esta base fundamental de toda a sociedade divina e humana sofre duros ataques, e parece estar morrendo diante dos nossos olhos. Scott e Kimberly são dois soldados do exército de São Miguel Arcanjo que contra-ataca a última invasão do maligno, o velho *Coisa Ruim*[1]. A sorte da batalha está mudando, e o próprio mar da sabedoria da Igreja prepara-se para inundar e limpar à sua passagem a nossa terra. Scott e Kimberly são duas das primeiras ondas dessa maré purificadora.

Não há gravações mais solicitadas e mais entusiasticamente partilhadas entre os católicos norte-americanos do que as gravações dos Hahn. Agora temos, finalmente, a versão completa da sua história. Ela encontrará bocas espirituais tão ávidas como as dos passarinhos recém-nascidos.

Peter Kreeft

1 - No original, *Screwtape*, em referência ao personagem do romance *The Screwtape Letters*, de C. S. Lewis, publicado no Brasil sob o título *Cartas de um diabo ao seu aprendiz.*

Apresentação da edição brasileira

Em 1997, Dom Estêvão Bettencourt, OSB, monge beneditino, publicou em sua Revista "Pergunte e Responderemos" (nº 419 – Ano: 1997 – p. 146), o artigo *Pastores protestantes se tornam católicos*, com base num artigo de autoria de Elizabeth Althau, com título: *Protestant Pastors on the Road to Rome* (Pastores protestantes a caminho de Roma, pp. 2-13), que afirma que "nos últimos anos cinquenta pastores protestantes de alto nível, muitos doutores, se converteram ao Catolicismo, sendo que outros estão a caminho da Igreja Católica".

O artigo cita os motivos que levaram tais pastores à conversão: subjetivismo protestante em consequência do princípio do "livre exame da Bíblia"; o retorno à literatura Patrística (Padres da Igreja) ou dos oito primeiros séculos da Igreja, que mostra o modo de entender a fé dos antigos cristãos; e a definição do cânon da Bíblia, que não é deduzida da própria Bíblia, mas sim da Tradição oral da Igreja Católica, que é anterior à Bíblia e a identifica e abona. Foi a Igreja Católica quem selecionou os livros da Bíblia.

Entre esses pastores convertidos está o Dr. Scott Hahn e sua esposa Kimberly Hahn. Além de Scott Hahn, o artigo cita outros pastores protestantes convertidos, e conta a história de cada um: Bill Bales, amigo de Scott Hahn em tempos de seminário; Gerry Matalic, Marcus Grodi e Steve Wood. Bill Bales foi recebido na Igreja Católica na festa dos Santos Anjos da Guarda (2/10) de 1990. Marcus Grodi foi recebido na Igreja Católica em 1993. Steve Wood e a esposa Karen Wood foram recebidos na Igreja Católica em julho de 1990. Alguns dos ex-pastores constituíram uma sociedade chamada "The Network" (A Rede).

É com grande alegria que a Editora Cléofas publica no Brasil o livro do Dr. Scott Hahn e sua esposa Kimberly Hahn, TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ROMA, que narra a emocionante conversão do casal para o catolicismo. Dr. Scott Hahn é hoje um grande teólogo católico. Foi pastor presbiteriano, utilizava todas as suas forças para converter pessoas da Igreja Católica para o protestantismo, até que ele mesmo veio a converter-se ao catolicismo. Tornou-se um dos maiores pregadores católicos dos EUA. Centenas de suas palestras nos EUA e no mundo

são reproduzidas em vídeos e DVDs por *St. Joseph Communications*. Ele é fundador e diretor do *St. Paul Center for Biblical Theology* (Centro São Paulo de Teologia Bíblica), um Instituto de pesquisa sem fins lucrativos para promover o estudo bíblico e a Tradição católica (www.salvationhistory.com).

Por duas oportunidades eu pude estar com o Dr. Scott em sua casa na cidade americana de Steubenville, em Ohio, onde me recebeu com grande carinho e atenção. Na segunda vez que estive em sua casa pudemos gravar para o Programa Escola da Fé, da TV Canção Nova, uma entrevista.

Dr. Scott tem, em sua casa, cerca de 40.000 livros catalogados. Seus orientandos de doutorado estudam em sua biblioteca particular. Os livros que ele já escreveu foram recomendados por mais de dez bispos e cardeais americanos. Prega nos EUA e no mundo todo sobre a Bíblia e a fé católica.

Antes do leitor se enriquecer com a leitura dos outros livros do Dr. Scott Hahn, sem dúvida, precisa ler primeiro este: TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ROMA, um *best seller* que tem comovido milhares de pessoas em todo o mundo. É um livro que quando se começa a ler, não se consegue parar antes de se chegar ao final.

Prof. Dr. Felipe Aquino

Lorena, dezembro de 2013.

Prefácio

O falecido arcebispo Fulton Sheen escreveu um dia: "Talvez não haja nos Estados Unidos uma centena de pessoas que odeiem a Igreja Católica; mas há milhões de pessoas que odeiam aquilo que erroneamente supõem ser a Igreja Católica".

Ambos pensamos a certa altura que pertencíamos ao primeiro grupo, mas acabamos por descobrir que afinal nos encontrávamos no segundo. Mas, quando percebemos a diferença, e onde nos encontrávamos realmente, foi-se tornando cada vez mais evidente que não pertencíamos a nenhum dos dois. Nesse momento, já tínhamos avançado bastante no caminho de regresso à casa. Este livro descreve esse percurso. É um relato de como descobrimos que a Igreja Católica é a família da Aliança de Deus.

Queremos mostrar de que modo o Espírito Santo utilizou a Escritura para esclarecer as nossas ideias errôneas. Não pretendemos tratar das ideias falsas que outros possam ter. Com a graça de Deus, talvez algum dia possamos escrever um livro nesse sentido.

Esta história não poderia ter sido escrita se Terry Barber, da *Saint Joseph Communications*, em West Covina, na Califórnia, não nos tivesse proporcionado, generosamente, um computador portátil e numerosas gravações das nossas conferências, para Kimberly transcrevê-las e lhes dar uma forma legível. A isto deve-se acrescentar que Kimberly fez todo o trabalho, com quatro crianças à sua volta, no andar de cima, enquanto Scott refugiava-se numa tranquila zona do subsolo, trabalhando na conclusão da tese de doutorado: *Laços de família por Aliança*. Como o próprio Scott reconhece, a sua omissão como autor torna-o responsável por qualquer ambiguidade que persista no texto.

G. K. Chesterton disse uma vez: "Se *realmente* vale a pena fazer alguma coisa... vale a pena fazê-la a todo o custo". Isto explica por que razão quisemos correr o risco – e ter a consolação – de partilhar em papel impresso o nosso percurso, neste momento tão atarefado das nossas vidas.

Scott e Kimberly Hahn

29 de Junho de 1993

Festa de São Pedro e São Paulo

Introdução

Agradecemos a Deus pela graça da nossa conversão a Jesus Cristo e à Igreja Católica por Ele fundada; porque só pela assombrosa graça de Deus pudemos encontrar o caminho de regresso à casa.

Eu, Scott, dou graças a Deus pela Kimberly, a segunda graça mais assombrosa da minha vida. O Senhor a colocou ao meu lado para me revelar a realidade da sua família de Aliança; e enquanto eu ficava extasiado com a teoria, Kimberly punha-a em prática, servindo, cheia de alegria, de canal para as terceiras graças de Deus mais assombrosas da minha vida: Michael, Gabriel, Hannah e Jeremiah. O Senhor serviu-se de todas estas graças para ajudar este inepto detetive bíblico (o "tenente Colombo" da Teologia) a solucionar "o caso do Catolicismo", e voltar à casa.

O percurso começou de fato como uma história de detetives, mas converteu-se rapidamente numa espécie de história de terror, para terminar finalmente num grande romance: quando Cristo retirou o véu da sua Esposa, a Igreja. (A propósito, será útil ao leitor ter presente estes três tipos de histórias à medida que for lendo.)

Eu, Kimberly, dou graças a Deus pelo meu amado esposo, Scott. Levou a sério a chamada do Senhor para nutrir-me com a Palavra de Deus e amar-me pela graça de Deus (Ef 5, 29). Preparou o caminho para que a nossa família fosse recebida na Igreja, entregando a sua vida – educação, sonhos, carreira – por nós, porque queria seguir Cristo sem se importar com o preço.

Tal como a peregrinação de Scott, também a minha mudou de cor e de tom à medida que avançava, como mudam as estações. Que longe estava eu de imaginar como ia ser longa a passagem do verão à primavera!...

1

Do berço a Cristo

Scott:

Sou o mais novo dos três filhos de Molly Lou e Fred Hahn. Batizado como presbiteriano, criei-me num lar nominalmente protestante. A religião tinha pouco significado tanto para mim como para a minha família, e mais por razões sociais do que por convicções profundas.

Recordo a última vez que fui à igreja que a minha família frequentava. O ministro pregava unicamente sobre as suas dúvidas a respeito do nascimento virginal de Jesus e da sua ressurreição corporal. Levantei-me no meio do sermão e saí. Lembro-me de ter pensado: "Não sei com certeza em que é que acredito, mas pelo menos sou suficientemente honesto para não me levantar e atacar as coisas que se supõe que tenho que ensinar". Também me interroguei: "Porque é que este homem não deixa pura e simplesmente o seu ministério na Igreja Presbiteriana e se junta aos que partilham as suas crenças?" Mal sabia eu então que acabava de assistir a um presságio do meu próprio futuro.

Tudo o que fazia, correto ou incorreto, fazia-o com paixão. Como um adolescente típico, perdi todo o interesse pela igreja e comecei a interessar-me muito pelo mundo. Em consequência, depressa me vi metido em encrencas. Catalogado como delinquente, tive que comparecer ante o Tribunal de Menores.

Confrontado com uma sentença que me condenava a passar um ano num centro de detenção por uma série de acusações, a custo consegui que a alterassem por seis meses de liberdade condicional. Ao contrário de Dave, o meu melhor amigo, fiquei assustado ao ver onde tinham ido parar as coisas. Sabia que algo tinha que mudar. A minha vida desmoronava-se rapidamente e eu andava à deriva.

Dave era indiferente. Sabia que era católico, mas quando se gabou de mentir ao sacerdote na Confissão, pensei que já tinha ouvido demais. E falam de hipocrisia! Tudo o que consegui dizer foi: "Dave, como me alegra saber que nunca terei que

confessar os meus pecados a um padre". Que pouco sabia eu!

No primeiro ano do ensino médio, o Senhor pôs no meu caminho um estudante universitário chamado Jack. Era um responsável da *Young Life*, um movimento fundado para partilhar o Evangelho com rapazes difíceis e sem fé, como eu e os meus amigos. Jack chegou a ser um bom amigo e a nossa relação significou muito para mim. Costumava vir jogar basquete, ficava conosco depois das aulas, e por fim levava-nos a casa no seu carro.

Depois de nos conhecermos um pouco melhor, Jack convidou-me para um encontro da *Young Life*. De forma educada respondi: – "Não, obrigado.."... Não tinha a menor intenção de assistir a uma reunião de tipo religioso, mesmo que não fosse numa igreja.

Jack mencionou então de passagem que certa moça, chamada Kathy, iria estar lá. Devia saber que Kathy era a jovem que eu estava tentando namorar naquele momento. Disse-lhe então: "Vou pensar". O Jack continuou então a explicar-me que um dos principais guitarristas de Pittsburgh, um tal de Walt, tocava nas reuniões, e ficava depois para improvisar com algum guitarrista interessado. Naquele ano, como Jack sabia bem, a guitarra tinha-se convertido praticamente na minha religião, afastando outras atividades menos úteis. Pelo menos agora, eu tinha uma boa desculpa diante dos meus amigos para ir à reunião da *Young Life*.

E fui. Falei bastante com Kathy e depois improvisei com Walt, que era realmente assombroso com a guitarra; ensinou-me inclusive alguns arranjos. Voltei na semana seguinte, e na outra e na outra...

Todas as semanas, Jack dava uma palestra na qual fazia com que as histórias do Evangelho acerca de Jesus ganhassem vida. Depois desafiava-nos com a mensagem básica do Evangelho: éramos pecadores necessitados de salvação, e Cristo morrera na Cruz para pagar pelos nossos pecados. Tínhamos que escolhê-lo como nosso Salvador e Senhor para sermos salvos; não era algo automático. Ouvia-o, mas não ficava muito impressionado.

Um mês mais tarde, Jack convidou-me para um retiro. "Não, obrigado, tenho

outros planos". Então acrescentou que Kathy estaria lá durante o fim de semana. Homem astuto. Os meus "outros planos" podiam esperar.

O pregador do retiro apresentou o Evangelho de um modo simples, mas ao mesmo tempo motivador. Na primeira noite disse-nos: "Repare na Cruz. E se tiver a tentação de não levar a sério os seus pecados, lance um olhar intenso e demorado para ela". Fez-me dar conta, pela primeira vez, de que foram os meus pecados que cravaram realmente Jesus na Cruz.

Na noite seguinte interpelou-nos de outro modo. Disse: "Se você tem a tentação de tratar superficialmente o amor de Deus, olhe de novo para a Cruz, porque foi o amor de Deus por você que colocou Cristo na Cruz". Até esse momento eu tinha considerado o amor de Deus como algo puramente sentimental. Mas a Cruz não tem nada de sentimental.

Aquele homem interpelou-nos depois a comprometer-nos com Cristo. Vi um bom grupo de companheiros à minha volta responderem que sim, mas eu me contive. Pensei: "Não me quero deixar levar pela emoção. Prefiro esperar. Se isto é certo hoje, também o será amanhã, ou daqui a um mês". Deste modo voltei a casa, adiando qualquer decisão de entregar a minha vida a Cristo.

No retiro, comprara dois livros. Uma noite, quase um mês mais tarde, li de uma vez *Saiba porque crê*, de Paul Little, e vários capítulos de *Mero cristianismo*, de C. S. Lewis. Ambos ofereceram respostas a muitas das minhas perguntas acerca da evolução, da existência de Deus, da possibilidade dos milagres, da Ressurreição de Jesus e da veracidade das Escrituras. Por volta das duas da manhã, apaguei a luz, dei meia volta e rezei: "Senhor Jesus, sou um pecador. Creio que morreste para me salvar. Quero entregar-te a minha vida agora mesmo. Amém".

Adormeci. Não houve coros angélicos, nem trombetas, nem sequer uma torrente de emoções. Tudo pareceu totalmente irrelevante. Mas de manhã, ao ver os dois livros, recordei a decisão e a oração da véspera, e soube que alguma coisa tinha mudado.

Os meus amigos também notaram a diferença. O meu melhor amigo, Dave, um

dos rapazes mais populares do colégio, percebeu que eu já não queria continuar fumando maconha. Chamou-me à parte e me disse:

– Scott, não se ofenda, mas não queremos que continue andando conosco. Os outros e eu pensamos que você é um informante dos "tiras".

– Olhe, Dave – respondi – você sabe muito bem que eu não sou nenhum espião.

– Bom, não sabemos o que você é, mas o fato é que mudou, e já não queremos ter nada a ver com você. Boa sorte.

E se afastaram. Fiquei atordoado. Apenas um mês depois de me ter comprometido a seguir Cristo, ficava sozinho, sem nenhum amigo no colégio; senti-me atraiçoado. Voltei-me para Deus e disse-lhe: "Senhor, eu te dei a minha vida e tu me tiras os meus amigos. Que tipo de tratamento é este?"

Embora não o pudesse saber nesse momento, Deus pedia-me que sacrificasse algo que se interpunha na minha relação com Ele. Foi um processo duro e lento, mas ao longo dos dois anos seguintes, desenvolvi amizades sólidas, autênticas e sinceras.

Antes de acabar o segundo ano, experimentei o poder transformador da graça de Deus na conversão. Ao longo do ano seguinte senti a ação do Espírito Santo de uma forma pessoal e vivificante. Como consequência, cheguei a sentir uma fome insaciável da Escritura. Apaixonei-me totalmente pela Palavra de Deus – guia infalível para a nossa vida de cristãos – e pelo estudo da teologia.

Dediquei os dois últimos anos do colégio a tocar guitarra e a estudar a Escritura. Jack e seu amigo Art me explicaram a Escritura. No último ano, Art levou-me com ele a algumas aulas, que frequentava no seminário, com o doutor John Gerstner.

As personagens da história cristã que mais me atraíam – e de que o Jack e o Art estavam sempre falando – eram os grandes reformadores protestantes, Martinho Lutero e João Calvino. Comecei por estudar o modo como Martinho Lutero redescobriu o Evangelho, separando-se completamente da Igreja Católica, assim pensava eu. Comecei a devorar as suas obras.

Em consequência, tornei-me muito enérgico nas minhas convicções anticatólicas. Estava de tal modo convencido que, na aula de inglês da doutora Dengler, decidi fazer o trabalho final do colégio sobre as ideias de Lutero. Isso me levou a assumir a missão de corrigir e libertar os católicos, acorrentados pelo antibíblico legalismo da justificação pelas obras. Lutero convencera-me de que os católicos pensavam que se salvavam pelas obras, embora a Bíblia ensinasse a justificação exclusivamente pela fé, ou *sola fide*.

Em certa ocasião, Lutero declarara do púlpito que podia cometer adultério cem vezes ao dia e que isso não afetaria a sua justificação diante de Deus. Obviamente, era uma figura de retórica mas impressionou-me, e comentei-a com muitos amigos católicos.

Não vale a pena negá-lo, o anticatolicismo pode apresentar-se como algo muito razoável. Se a hóstia que os católicos adoram não é Deus (e eu estava convencido que não era), então é idolatria e blasfêmia o que fazem os católicos ao ajoelharem-se e adorarem a Eucaristia. Estava convencido disso e fazia tudo o que podia para difundi-lo. Mas entendam: este anticatolicismo ardente brotava do zelo por Deus e de um desejo caritativo de ajudar os católicos a serem cristãos. E a verdade é que eram os católicos quem ganhavam de mim na bebida e no falar palavrões antes de eu me tornar cristão; por isso, sabia bem de quanta ajuda precisavam.

Naquela época, saía com uma moça católica, e partilhei com ela o que era considerado como a bíblia do anticatolicismo, um livro – que hoje sei que está cheio de descrições enganadoras e de mentiras sobre a Igreja – intitulado *Roman Catholicism*, de Lorraine Boettner. A minha namorada leu-o e escreveu-me depois uma nota, agradecendo e dizendo que nunca mais voltaria a ir à Missa. Posteriormente, distribuí exemplares a muitos outros amigos. Com total boa fé, e idêntica cegueira, dava graças a Deus porque me permitia servi-lo desse modo.

A minha avó Hahn era a única católica dos dois ramos da família. Era uma alma discreta, humilde e santa. Como eu era considerado o único membro "religioso" da família, o meu pai deu-me os seus objetos religiosos quando ela morreu. Olhei-os com repugnância e horror. Peguei no terço e o parti dizendo: "Meu

Deus livra-a das cadeias do catolicismo que a deixaram prisioneira". Destruí também os livros de oração e joguei-os fora, esperando que essa superstição sem sentido não tivesse condenado a sua alma. Tinha aprendido a ver essas coisas como um excesso de bagagem inventado pelos homens para complicarem um Evangelho muito simples e salvador. (Não sinto qualquer orgulho por ter feito estas coisas, mas conto-as para mostrar como são profundas e sinceras as convicções anticatólicas de muitos cristãos evangélicos.) Eu não era anticatólico por uma espécie de fanatismo mal-humorado, era anticatólico por convicção.

Um episódio reforçou tudo isto. No final do último ano, ia um dia a caminho do colégio para um ensaio, quando passei em frente da casa daquele que tinha sido o meu melhor amigo, Dave. A luz estava acesa e pensei: "Pelo menos tenho que lhe dizer adeus, antes de terminar o ensino médio e ir para a Universidade". Praticamente não o tinha visto nos dois últimos anos.

Toquei a campainha; a mãe de Dave abriu a porta e convidou-me a entrar. Creio que tinha ouvido dizer que me tinha tornado muito religioso; estava feliz por me ver. Quando entrei, Dave descia as escadas enquanto punha o casaco. Ao ver-me, parou de repente.

– Scott?!

– Dave?

– Vem cá, sobe.

De início, a situação foi um pouco tensa. Depois, começamos a falar sem parar. Rimos e contamos piadas, como nos velhos tempos. O que pareciam quinze minutos acabaram por ser mais de duas horas. Esqueci completamente o ensaio! Enquanto lamentava o fato, de repente, lembrei-me:

– Mas espera... Você estava saindo. Desculpe. Devo ter estragado o seu plano.

De repente a sua expressão mudou:

– Por que você apareceu esta noite? – perguntou-me.

– Foi só para me despedir e te desejar felicidades.

– Mas por quê esta noite?

– Não sei... Atrapalhei alguma coisa importante para você?

Olhei para aquele amigo, que tinha sido tão atlético, engraçado e popular, e a sua voz tremia.

– Quando você chegou – meteu a mão no bolso e tirou uma corda de dois metros com um nó corrediço num dos extremos – eu ia me enforcar. Esta tarde subi numa árvore do velho horto de macieiras, decidido a isso, quando passaram duas meninas. Pensei então que já tinha arruinado a minha vida, por que é que eu tinha que arruinar também a delas? Decidi então voltar à noite, depois de escurecer. Ia para lá quando você chegou.

Começou a chorar e pediu-me que rezasse por ele. Abraçamo-nos e comecei a pedir por ele nesse mesmo instante. Ao sair de sua casa, vi um crucifixo pendurado na parede, perto da porta principal, e pensei: "Que pena Dave nunca ter feito caso do Evangelho". No caminho para casa, detive-me a olhar para as estrelas e disse a Deus: "Senhor, eu não sabia o que Dave ia fazer, mas Tu sabias, não é verdade? Se podes servir-te de gente como eu para ajudar um rapaz como Dave... Aqui me tens. Usa-me mais, especialmente para ajudar os católicos".

Kimberly:

Pouco antes de repicarem os sinos do Natal de 1957, o meu pai recebeu a notícia de que acabava de nascer a sua primeira filha: Kimberly Lorraine. O seu coração, tal como o da minha mãe, encheu-se de alegria.

Os meus pais, Jerry e Patricia Kirk, cobriram-me de orações desde que souberam que eu estava a caminho até hoje. Eles me alimentaram com a Palavra de Deus, ao mesmo tempo que me alimentavam com ervilhas e batatas. Batizaram-me, ainda bebê, e me transmitiram a fé desde o primeiro momento. Deram-me bom exemplo, sempre aprendendo do Senhor e crescendo em vida de fé. E o seu amor, um pelo outro e ao Senhor, constituiu um fundamento extraordinário para a minha fé. Que rico patrimônio!

Puderam dizer com o salmista: "Cantarei eternamente o amor do Senhor.

Anunciarei a Vossa fidelidade de geração em geração" (Sal 89, 1).

Porque amava os meus pais, amava o Deus que eles amavam. Porque acreditava nos meus pais, acreditava no Deus em que eles acreditavam, acreditava que Ele tinha feito o que eles me diziam que tinha feito. Acreditava que a Bíblia era verdadeira porque eles o diziam. Contudo, há sempre um momento em que cada um tem que decidir se as pretensões de Jesus sobre a sua vida são realmente verdadeiras ou não.

Um dia, quando estava no sétimo ano, tive também essa oportunidade. Criada numa família solidamente cristã, era uma dessas crianças tipicamente "boas", que não cometem muitos pecados grandes, exteriores, nem muitos pecados de atitude ou de pensamento. Os pecados de omissão tendiam a ser mais numerosos que os de ação. Mas naquele dia, quando me preparava para ouvir a pregação do doutor Lloyd Ogilvie, tive consciência de como estava longe de Deus.

Ouvi o Evangelho de uma forma que me comoveu o coração: Deus me amava e queria que eu vivesse com Ele e para Ele, mas os meus pecados me separavam dEle, e esses pecados tinham que ser perdoados para estar perto de Deus. Por essa razão, Jesus tinha vindo. Tive consciência da minha própria necessidade. Pedi-lhe especificamente perdão por esses pecados dizendo: "Jesus, sê o meu Salvador". E acrescentei: "Quero que estejas no trono da minha vida. Jesus, sê o meu Senhor". Agora, que já não ia continuar avançando pela mão dos meus pais, precisava estar firmemente agarrada à mão do meu Pai Celestial.

Mal o pregador acabou de "chamar testemunhas ao altar", eu já descia correndo as escadas do anfiteatro e avançava pelo corredor dizendo: "Sim, Jesus, eu te amo, preciso de Ti. Sim, quero que estejas no centro da minha vida".

O Salmo 51, 3 diz: "Tende piedade de mim, Senhor, segundo a vossa misericórdia. Pela vossa grande misericórdia, apagai a minha culpa". Essa era a minha oração.

Esta experiência levou-me a uma relação completamente nova com o Senhor. Tinha um desejo de conhecer a minha fé como nunca sentira antes; queria jejuar, não porque me falassem disso, mas para ser mais de Deus. Tinha fome da

Escritura, de ler, de estudar, de memorizar. Esperava com ansiedade a minha confirmação, que ocorreria nesse mesmo ano, não só para partilhar a fé com os "anciãos" da nossa Igreja, mas também para começar a receber a comunhão. Quando pensava em aproximar-me da mesa do Senhor, comparava-a com a experiência do jantar em família, que, dia após dia, a minha mãe nos oferecia: era o regresso à casa depois das batalhas de cada dia, uma celebração de todos, um festim de amor servido com graça e beleza. Mal sabia eu, então, que esse jantar preparava mais o meu coração para a futura recepção da Eucaristia do que para a comunhão presbiteriana.

Tinha possibilidade de viver a fé de uma forma nova: dando testemunho continuamente, levando a Bíblia em cima dos outros livros – tanto para lê-la como para dar lugar a que surgissem perguntas e conversas (e dava resultado!) – ajudando a começar grupos de oração de manhã, antes das aulas... Às vezes, eu era insuportável; mas os convertidos podem ser assim, e muitas vezes dão mais fruto do que os que se mantiveram firmes na fé.

Cresci no amor, deixando que Deus me amasse tal como era, amando a Deus de uma maneira nova e aprendendo a tratar os meus irmãos e irmãs em Cristo.

Os dois últimos anos do colégio estiveram repletos de atividades emocionantes: dirigia estudos bíblicos, evangelizava e cantava com um grupo cristão juvenil chamado *Young Folk*, nos serviços de oração das igrejas locais e durante as excursões de verão. Tudo isso me ajudou a formar um sólido grupo de amigos cristãos.

Travei também duras mas estimulantes batalhas na escola pública. Costumava dar testemunho da minha fé e era provocada por colegas e professores. Depois voltava para casa e os meus pais me animavam, dando-me mais Escritura para voltar à luta. Parecia que estava vivendo o que significava o meu nome – Kimberly quer dizer "donzela guerreira" em gaélico. Realmente tenho que reconhecer que apreciava muito esses confrontos. E sentia curiosidade por ver se uma Universidade cristã apresentaria semelhantes desafios.

2

Do apostolado ao casamento

Scott:

No verão anterior à entrada na universidade, fiz uma viagem pelos Estados Unidos, Escócia, Inglaterra e Holanda, tocando guitarra num grupo musical cristão, *The Continentals*. Ao final, estava suficientemente saturado da guitarra e da música para querer-me concentrar no estudo da Escritura e da teologia na universidade.

Os quatro anos no *Grove City College* passaram muito depressa. Licenciei-me em Teologia, Filosofia e Economia – esta última para satisfazer o sentido prático do meu pai, que era quem pagava as mensalidades. Integrei-me, além disso, na secção local da *Young Life*. Queria retribuir a Deus o favor de se ter servido deste movimento para me aproximar do Evangelho; trabalhei nessa organização durante os quatro anos do curso, evangelizando e formando na fé jovens colegiais, como tinham feito comigo.

Gostaria de contar uma história que é um bom exemplo do zelo que me movia a partilhar o Evangelho com pessoas que não conheciam Cristo.

Um conhecido falou-me do doutor Francis Schaeffer, um grande catedrático cristão com quem havia estudado na Europa. O doutor Schaeffer decidiu reservar um fim de semana para visitar Paris com dois dos seus alunos. Uma noite, passeando pelas ruas de Paris, viram uma prostituta parada numa esquina. Para seu espanto, os alunos perceberam que o seu orientador se dirigia à mulher.

– Quanto é? – perguntou-lhe.

– Cinquenta dólares.

O catedrático olhou-a de alto a baixo e disse:

– Não pode ser, é muito pouco.

– Ah, sim? Para os americanos são cento e cinquenta dólares.

Mas ele continuou a insistir:

– Continua sendo muito pouco.

Ela retrucou rapidamente:

– Ah, é verdade, o preço de fim de semana para americanos são quinhentos dólares.

– Mesmo isso é baratíssimo.

Nessa altura, a mulher já começava a ficar um pouco irritada. Disse:

– Na sua opinião, quanto é que valho?

O doutor Schaeffer respondeu:

– Minha senhora, eu nunca poderia pagar o que a senhora vale, mas permita que lhe fale de Alguém que já o fez.

E os dois alunos viram como o orientador – ali mesmo – se ajoelhou com ela no passeio e a guiou numa oração de oferecimento da sua vida a Cristo.

Esse era o tipo de zelo em partilhar o Evangelho que sentíamos na *Young Life*, e eu não conseguia entender por qual razão havia tantas igrejas que nem sequer pareciam interessadas nisto.

Visava especialmente os católicos, sem compaixão nem interesse pelos seus erros e superstições. Quando comecei a dirigir sessões de estudo sobre a Bíblia para colegiais, preparava estrategicamente a palestra de modo a chegar aos rapazes católicos, que me pareciam muito perdidos e confusos. O que mais me alarmava era a sua ignorância, não só da Bíblia mas também dos ensinamentos da sua própria Igreja. Por alguma razão, não conheciam sequer os aspectos mais básicos do catecismo. Tinha a impressão de que os tratavam como cobaias nos seus próprios programas de catequese. Por isso, mostrar-lhes os erros da sua Igreja era tão fácil como acertar em patos de plástico dentro de um barril.

Na residência, alguns dos meus amigos começaram a falar em serem "rebatizados". Todos crescíamos rapidamente na fé e assistíamos juntos a uma congregação local. O ministro – um orador fantástico – dedicou-se a ensinar que

os que tínhamos sido batizados quando crianças nunca tínhamos sido verdadeiramente batizados. Os meus amigos estavam de acordo com tudo o que dizia. No dia seguinte reunimo-nos para acertar a data em que nos "submergiríamos a sério".

Expus a minha opinião:

– Não acham que devíamos antes estudar a Bíblia nós mesmos para ter certeza de que ele tem razão?

Nem me ouviram.

– Qual é o problema no que ele diz, Scott? Afinal de contas, você se lembra de ter sido batizado? Para que é que serve o Batismo dos bebês, se eles ainda não podem crer?

Eu realmente não tinha certeza. Mas sabia que a resposta não era brincar de seguir o líder, e basear as minhas crenças exclusivamente nos sentimentos, como eles pareciam fazer.

Por isso, disse-lhes:

– Não sei o que vocês vão fazer, mas eu prefiro estudar a Bíblia um pouco mais, antes de ir correndo me batizar outra vez.

Na semana seguinte, eles se "rebatizaram".

Eu, entretanto, fui visitar um dos meus professores de Bíblia e expliquei-lhe o que acontecia. Não quis me dar a sua opinião. Em contrapartida, animou-me a estudar o tema mais a fundo:

– Scott, por que você não trata do tema do batismo das crianças no seu trabalho de pesquisa para a minha matéria?

Vi-me em um aperto. Para ser honesto, não queria estudar o tema "tão a fundo". Mas suponho que o Senhor sabia que eu precisava de um pequeno empurrão suplementar. Assim, durante os meses seguintes, li tudo o que veio parar às minhas mãos sobre este tema.

Nessa fase da minha vida cristã, já tinha lido a Bíblia três ou quatro vezes. Dessas

leituras tirara o convencimento de que a chave para compreender a Bíblia era o conceito de Aliança. Está em todas as páginas, e Deus estabelece uma em cada época.

Ao estudar a Aliança, uma coisa ficou clara. Durante dois mil anos, desde o tempo de Abraão até à vinda de Cristo, Deus mostrou ao seu povo que queria que as crianças estivessem em aliança com Ele. O modo de estabelecê-la era simples: bastava dar-lhes o sinal da Aliança.

Evidentemente, recuando até o Antigo Testamento, o sinal da entrada na Aliança com Deus era a circuncisão, ao passo que, no Novo Testamento, Cristo a substituiu pelo Batismo. Mas não encontrei nenhuma passagem em que Cristo anunciasse que, a partir daquele momento, as crianças deviam ser excluídas da Aliança.

Encontrei uma que dizia precisamente o contrário: "Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais, porque delas é o reino dos céus!" (Mt 19, 14).

Percebi também que os Apóstolos o imitavam. Por exemplo, no dia de Pentecostes, quando Pedro acabou o seu primeiro sermão, convidou todos a aderirem a Cristo, entrando na Nova Aliança: "Arrependei-vos e batizai-vos em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque para vós é esta promessa e para os vossos filhos..." (At 2, 38-39).

Em outras palavras, Deus queria que as crianças estivessem em aliança com Ele. E uma vez que no Novo Testamento só aparece o Batismo como sinal da entrada na Nova Aliança, por que não haviam de ser batizados os filhos dos crentes? Não era pois para admirar, como descobri no meu estudo, que a Igreja praticasse o batismo das crianças desde o princípio.

Mostrei aos meus amigos os resultados da minha pesquisa bíblica. Não quiseram ouvir, e menos ainda discutir o assunto. Percebi, na realidade, que o simples fato de ter estudado o tema os tinha deixado incomodados.

Nesse dia descobri duas coisas. Aprendi, por um lado, que muitos dos chamados cristãos da Bíblia preferem basear as suas crenças em sentimentos, sem rezarem

nem lerem atentamente a Escritura. Por outro lado, descobri que a Aliança era realmente a chave para compreender toda a Bíblia.

Decidi então, nesse meu ano de calouro, que a Aliança seria o centro do meu estudo em todos os trabalhos futuros para as diversas matérias e projetos. E assim fiz. De fato, após quatro anos estudando a Aliança, convenci-me de que era verdadeiramente o tema central de toda a Bíblia. A Escritura fazia cada vez mais sentido.

No último ano de universidade, eu tinha ainda outra meta, além da de ir para o seminário e frequentar estudos superiores de Escritura e Teologia: casar-me com a mulher mais bela e espiritual de toda a universidade, Kimberly Kirk.

Eu a tinha recrutado há algum tempo como responsável da *Young Life*, e durante dois anos exercemos o nosso apostolado lado a lado. Propus-lhe então casamento. Para minha grande felicidade, ela aceitou.

Depois de me licenciar com as mais elevadas classificações em Filosofia e Teologia, mudei-me para Cincinnati, e assim aproveitar o verão para preparar o casamento. Com Kimberly Hahn ao meu lado, sentia-me preparado para encarar o futuro a todo o vapor.

Kimberly:

Em 1975 matriculei-me no *Grove City College* para começar o curso de *Artes da Comunicação*. Escolhi uma universidade cristã, não por andar à procura de uma trégua nas lutas que tanto tinham fortalecido a minha caminhada com o Senhor na escola pública e secularizada, mas para crescer de uma forma mais profunda e desafiadora: para ser "ferro que lima ferro" com outros cristãos. Contudo, uma vez na universidade, o dilema com que me debatia era a facilidade com que podia deixar de crescer de forma dinâmica, precisamente pelo fato de a maioria das pessoas ser cristã ou agir como tal. Se não avançava na minha relação com Cristo, isso significava que retrocedia, pois não é possível deter-se.

No verão entre o segundo e o terceiro ano, sentia-me culpada pelo meu decaimento espiritual na universidade. Desfrutava imensamente participando das obras de teatro, de uma irmandade e de diversas associações, mas na

realidade não tinha crescido espiritualmente. Jesus já não me pedia para ser o centro da minha vida, agora o exigia. Eu sabia disso, mas me comportava como se tivesse sido eu quem o convidava a entrar, pondo as minhas condições, e quando a mim me interessasse. Contudo, era Ele que me convidava a entrar na sua vida. Tinha que encontrar um modo de servi-lo que verdadeiramente me fizesse ficar de joelhos e reconhecê-Lo como Senhor, algo que fosse simplesmente grande demais para eu o conseguir sozinha. Encontrava-me neste estado de submissão recente ao Senhor quando voltei ao *Grove City College*, para o terceiro ano.

Quando voltei no outono, fazia parte do Conselho de Orientação, e Scott era assistente de uma residência universitária. Por esse motivo ambos estávamos envolvidos na organização do baile dos calouros. Reparei nele no baile mas pensei: "É cedo demais para eu me aproximar e começar a falar com ele". Depois pensei: "Não, não é. Vou me aproximar e falar com ele".

Foi assim que me aproximei e começamos a conversar. Quase imediatamente perguntou-me:

– Você acredita que Deus existe?

Pensei: "Oh, Senhor, este rapaz deve ter perdido a fé no Verão. Inspira-me palavras que o possam ajudar". Durante uns dez minutos e de maneira um pouco torpe e confusa, esforcei-me por demonstrar que de fato Deus existe. Por fim disse-lhe:

– E você, acredita em Deus?

– Claro! – Respondeu.

Surpreendida, perguntei-lhe:

– Então por que é que você ficou dez minutos me fazendo de boba?

– Para ver de que material você estava feita – foi a resposta dele, – quer dar uma volta?

E lá fomos nós dar um passeio.

Comentei-lhe a minha resolução do verão, de que os dois últimos anos do curso fossem diferentes dos dois primeiros, empenhando-me em algum tipo de apostolado que me desafiasse a crescer espiritualmente.

– Eu tenho o apostolado ideal para você! – anunciou Scott – Já ouviu falar alguma vez da *Young Life*?

Tinha ouvido falar da *Young Life* porque o meu pai tinha chegado à fé em Cristo graças à *Young Life* no Colorado. Quando frequentou o seminário de Pittsburgh, ele próprio introduziu a *Young Life* na região. O que não sabia é que fora precisamente a secção da Young Life de Pittsburgh que tinha levado Scott a Cristo. Depois dessa experiência, ele havia chegado à Universidade para se integrar no grupo local da *Young Life* para alunos do ensino médio, e estava realmente interessado em conseguir responsáveis de confiança para o ajudarem.

Scott explicou-me o que faziam:

– Vamos aos colégios e circulamos por lá. Começamos a conhecer os rapazes. Participamos dos jogos deles e depois os acompanhamos à casa; nós os queremos tal como eles são. Vamos ganhando o direito a ser ouvidos, e no momento oportuno partilhamos com eles Cristo. Entre aqueles que se comprometem a segui-lo vão aparecendo novos discípulos. Ajudamo-los a compreender o que significa viver para Cristo. Preciso de responsáveis femininas. Você aceita?

Percebi que era uma coisa que me exigiria realmente pôr-me de joelhos. Tive um medo tremendo! Mesmo assim disse:

– Está bem. O que é que tenho que fazer?

Durante os dois anos seguintes trabalhamos na *Young Life* lado a lado, juntamente com mais alguns colegas. De início custava-me ir aos colégios só para estar algum tempo por lá, mas queríamos tornar-nos amigos dos alunos, para partilhar com eles o Senhor. Deus estava realmente conosco, fortalecendo-nos; e o fruto era abundante.

Scott ensinava aos responsáveis modos eficazes de comunicar o Evangelho e

fazer proselitismo. Tocava guitarra e dava muitas das palestras nas nossas reuniões semanais. Dirigia também estudos sobre a Bíblia, e o fazia de um modo tão motivador para os rapazes que todos os responsáveis queriam assistir. Na prática tinha que convencer alguns a não irem, porque a sala ficava lotada de estudantes.

Desde que Scott me convidou, passávamos bastante tempo juntos. Podíamos começar a conversar durante o almoço e terminar depois do jantar. Passadas umas três semanas, em que convivemos de uma maneira mais intensa, Scott me disse:

– Kimberly, gosto muito do tempo em que passamos juntos. Mas se continuarmos assim, vou acabar me apaixonando por você. E este ano não tenho tempo para me apaixonar. Talvez no ano que vem. Acho que devemos deixar de sair juntos.

Fiquei boquiaberta. Era indiscutivelmente uma forma muito criativa de interromper uma relação. Senti-me desiludida, obviamente. Mas, por outro lado, pensei que Scott era o homem mais religioso com que alguma vez tinha saído, e por isso acreditei quando me disse que não havia nenhuma razão oculta para acabar com tudo. Deixamos de sair juntos, mas continuamos a trabalhar juntos.

A *Young Life* parecia encaixar muito bem nos meus planos de estudar para ser ministra, sonho que acalentava desde que estava no colégio. O meu pai me convencera, com o exemplo da sua vida, de que ser pastor era a tarefa mais apaixonante do mundo. Chegava em casa, dia após dia, emocionado por poder difundir o Evangelho e ajudar outras pessoas a chegarem à fé em Cristo: aconselhando casais com problemas conjugais e vendo como os seus casamentos se recuperavam, ensinando e pregando a Palavra de Deus, levando consolo aos que se confrontavam com a doença ou a morte. Nada me parecia mais maravilhoso do que imitá-lo na vocação de pastor. Eu achava que possuía muitos dos seus dons e talentos, capacidades e trajetórias similares, e idêntico desejo de partilhar o Evangelho e de fazer mais discípulos de Cristo.

Contudo, durante o terceiro ano, alguns bons amigos, incluindo Scott, começaram, com base na Escritura, a fazer-me sentir dúvidas sobre se Deus

realmente me chamava para ser ministra. Concordei com eles em que se não encontrasse um fundamento bíblico para o sacerdócio feminino, era porque Deus tinha outro projeto de vida para mim.

Foi difícil questionar aquilo que tinha sido o meu sonho durante tanto tempo e alterá-lo. Mas foi o que tive de fazer quando me convenci de que a Escritura não apoiava a ordenação das mulheres como pastores. Quando percebi isso claramente, o desejo profundo de ser ordenada diminuiu, e decidi procurar outro caminho no qual o Senhor pudesse usar os meus talentos e o meu desejo de servi-lo.

Além de trabalhar intensamente na *Young Life*, Scott e eu também gostávamos muito de debater temas teológicos, às vezes com intensas discussões. No Natal do terceiro ano, quando estava em casa falando de uma dessas conversas com a minha mãe, ela me disse:

– Kimberly, será que você não vai se casar com esse rapaz? Aposto que sim.

– Casar-me com ele! Se mal consigo manter uma conversa de teologia sem me sentir frustrada!

– Está bem, mas acho que você vai acabar se casando com ele.

Nunca dissera nada parecido acerca de nenhum outro rapaz com quem eu tivesse saído. Guardei aquelas palavras.

Embora já não andássemos juntos, Scott e eu tínhamos estabelecido uma sólida base para um futuro noivado. Sem que eu o soubesse, ele já tinha dito a algumas pessoas, no verão anterior ao nosso último ano, que tinha decidido voltar à universidade para se comprometer e casar com Kimberly Kirk. Lá para finais do verão, eu também tinha um profundo pressentimento de que ele era a pessoa indicada para mim.

No dia 30 de setembro, durante um fim de semana de formação para os responsáveis da Young Life, recomeçamos a sair juntos. Graças ao nosso apostolado comum na *Young Life* vimos como a vida familiar podia prosperar se ambos os cônjuges partilhassem o mesmo empenho, se os dois "arassem com

uma única junta de bois". Eu apreciava muito a paixão de Scott pela verdade e o seu amor à Palavra. Era um comunicador poderoso. Muitas vidas mudavam à medida que o Senhor atuava através dele. Scott também gostava muito de mim, e apreciava o modo como Deus se servia igualmente de mim.

Voltamos a ter longas conversas sobre o que tínhamos estudado e pensado. Tínhamos sonhos que se complementavam muito. Scott aspirava a ser ministro e professor; eu queria ser esposa de um ministro. Ele queria ser escritor; eu gostava de escrever à máquina e de corrigir as provas da tipografia. Ambos gostávamos de conversar. Apesar de discutirmos apaixonadamente sobre Teologia, tínhamos uma profunda unidade em matéria teológica, e isso fazia-nos compreender que juntos, tendo convicções tão semelhantes, poderíamos progredir mais lado a lado do que seguindo cada um o seu próprio caminho.

No dia 23 de janeiro, nos comprometemos a casar no mês de agosto. (Descobrimos recentemente que a data do nosso compromisso coincide com a festa dos esponsais de Maria e José, segundo os Padres Estigmatinos.) Pouco antes da licenciatura, dei-me conta de que não sabia se Scott desejava ou não ter uma família numerosa. Eu sempre desejara ter pelo menos quatro ou cinco filhos. Por isso, como por acaso, puxei o tema:

– Você quer ter filhos, não quer?

– Bom, não filhos demais.

Ah, não! – pensei eu – Agora acontece que é um partidário do "crescimento zero" da população! Procurando manter o tom indiferente, perguntei-lhe:

– Quantos seriam demais?

– Não sei... – disse ele – Acho que nos devemos limitar a uns cinco ou seis.

Mal podia acreditar no que ouvia.

– Pois é, temos que ser moderados – disse eu, com um sorriso.

Era outra questão importante em que os nossos corações e as nossas mentes estavam unidos. Cada um estava deslumbrado com os dons que Deus tinha dado ao outro. E pensar que as diferenças teológicas entre nós estavam basicamente

resolvidas! Tudo o que nos faltava era casarmos, irmos para o seminário e aprofundarmos na verdade que ali encontrássemos. Depois nos lançaríamos à conquista do mundo para Cristo. Pelo menos era isso o que pensávamos nessa altura.

No dia 18 de agosto de 1979, em Cincinnati, perante as nossas famílias e mais de quinhentos amigos, unimo-nos pelo casamento, dispostos a que Jesus fosse o centro da nossa vida em comum. Tínhamos sonhos que davam para toda uma vida.

3

Novas concepções da Aliança

Scott:

Kimberly e eu chegamos ao *Seminário Teológico Gordon-Conwell* duas semanas apenas depois do casamento. Ambos estávamos firmemente convencidos de que a teologia reformada, evangélica, era a melhor expressão do cristianismo bíblico.

Neste ponto poderia descrever o meu estudo como um romance policial. Investigava a Escritura para encontrar as chaves do autêntico cristianismo. Onde é que se ensinava e se vivia mais fielmente a Bíblia? Fosse onde fosse, sabia que era aí que Deus me queria, para uma vida dedicada ao ensino. Era um detetive enérgico, disposto a seguir a Escritura onde quer que ela me levasse.

No seminário encontrei um colega chamado Gerry Matatics, que se tornou rapidamente um grande amigo (desempenhará um papel importante nesta história, mais à frente). Entre os alunos presbiterianos, nós dois éramos os únicos suficientemente inflexíveis no nosso anticatolicismo para defender que a *Confissão de Westminster* devia conservar uma tese que a maioria dos reformados estava disposta a abandonar: o Papa era o Anticristo. Embora os protestantes – Lutero, Calvino, Zwingli, Knox e outros – tivessem muitas diferenças entre si, todos eram unânimes na convicção de que o Papa era o Anticristo e que a Igreja de Roma era a prostituta da Babilônia.

Quando o Papa foi a Boston em 1979, muitos dos meus colegas de seminário afirmaram: "É um homem maravilhoso!" Maravilhoso?! Aquele homem pretendia ter o poder de submeter centenas de milhões de mentes e de corações, apresentando-se como o professor supostamente infalível do universo. Isso era maravilhoso? Era abominável! Gerry e eu nos esforçamos por mostrar aos nossos colegas como era equivocada essa posição.

O meu segundo ano no seminário coincidiu com o primeiro de Kimberly. Quando ela se matriculou num seminário de ética cristã, aconteceu uma coisa

muito curiosa. Eu já tinha frequentado esse seminário, e por isso sabia que a classe se dividia em pequenos grupos para trabalharem sobre um tema de moral. Perguntei a Kimberly que assunto tinha escolhido.

– A contracepção – respondeu.

– A contracepção? Também era uma opção no ano passado, mas ninguém a escolheu. Realmente é um problema exclusivo católico. Por que é que você quer estudar a contracepção?

– Quando dou palestras sobre o aborto, acabo sempre chegando nas questões sobre o controle de natalidade. Não sei porquê, mas é o que acontece. Por isso pensei que seria uma boa ocasião para saber se a Bíblia diz ou não alguma coisa sobre isso.

– Bom, se quer perder o tempo estudando um tema sem interesse, é lá com você...

Estava admirado, mas não realmente preocupado. Objetivamente falando, não havia uma forma correta ou incorreta de ver a contracepção. Mal podia eu imaginar nesse momento quanto aquele estudo iria afetar as nossas vidas.

Algumas semanas mais tarde, um amigo deteve-me no corredor:

– Você já falou com a sua mulher acerca do trabalho dela sobre a contracepção?

– Não.

– Acho que vale a pena. Ela está chegando a ideias bastante interessantes.

Dada a natureza do tema, pensei que seria melhor falar com ela. Perguntei-lhe qual era essa coisa tão interessante que tinha descoberto sobre a contracepção. Disse-me que até 1930 a posição de todas as Igrejas Cristãs em relação a este tema tinha sido unânime: a contracepção era errada em qualquer circunstância.

O meu argumento foi:

– Vai ver que demoraram todo esse tempo para se libertarem dos últimos vestígios do catolicismo.

Kimberly avançou um pouco mais:

– Mas sabe que razões eles dão para se oporem ao controle de natalidade? Têm argumentos mais sérios do que você imagina.

Tive que admitir que não conhecia as suas razões. Kimberly perguntou-me se estava disposto a ler um livro sobre o tema e deu-me *O controle de natalidade e a aliança matrimonial*, de John Kippley (obra que foi posteriormente revista e intitulada *O sexo e a aliança matrimonial*). Eu era um especialista em Teologia da Aliança e pensava que tinha todos os livros em que a palavra Aliança aparecia no título; por isso, descobrir um que não conhecia espicaçou a minha curiosidade.

Quando o vi, pensei: Editorial Litúrgica? Este sujeito é católico! Um papista! O que é que anda a fazer a plagiar a noção protestante da Aliança? Senti ainda mais curiosidade por ver o que dizia. Sentei-me e fui ler o livro. Pensei: "Isto não está certo. Não pode ser... O que este sujeito diz faz sentido". Demonstrava que o casamento não é um mero contrato, envolvendo apenas um intercâmbio de bens e serviços. O casamento é sobretudo uma aliança que implica um intercâmbio de pessoas.

O argumento de Kippley era que qualquer aliança tem um ato pelo qual se consuma e se renova; e que o ato sexual dos cônjuges é um ato de aliança. Quando a aliança matrimonial se renova, Deus utiliza-a para dar uma nova vida. Renovar a aliança matrimonial e usar contraceptivos para evitar uma potencial nova vida seria tanto como receber a Eucaristia para em seguida cuspi-la no chão.

Kippley prosseguia dizendo que o ato conjugal demonstra de modo único o poder doador de vida do amor na aliança matrimonial. Todas as outras alianças mostram e transmitem o amor de Deus, mas só na aliança conjugal o amor é tão real e poderoso que comunica a vida.

Quando Deus fez o ser humano, homem e mulher, o primeiro mandamento que lhes deu foi o de serem fecundos e se multiplicarem. Era assim uma imagem de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, três em um, a família divina. De maneira que

quando “os dois se fazem um” na aliança matrimonial, o “um” torna-se tão real que nove meses depois podem ter que lhe dar um nome! O filho encarna a unidade da sua aliança.

Comecei a compreender que sempre que Kimberly e eu realizávamos o ato conjugal, realizávamos algo sagrado; e que cada vez que frustrávamos o poder do amor de dar vida com a contracepção, fazíamos algo profano (tratar algo sagrado de forma comum profana-o, por definição).

Fiquei impressionado, mas não quis reconhecê-lo. Kimberly perguntou-me o que pensava do livro; disse-lhe simplesmente que era interessante. Pouco depois comecei a ver como ela convencia os meus amigos, um a um. Alguns dos mais inteligentes e bem formados mudaram de opinião!

Foi então que descobri que todos os reformadores – Lutero, Calvino, Zwingli, Knox, e todos os outros – tinham mantido sobre esta questão a mesma posição que a Igreja Católica. Isso perturbou-me ainda mais. A Igreja Católica era a única Igreja Cristã em todo mundo que tinha a valentia e a integridade de ensinar esta verdade tão impopular. Não sabia o que pensar, e por isso apelei para um velho ditado de família: “Até um porco cego pode encontrar uma bolota”. Ou seja, ao fim de dois mil anos, até a Igreja Católica finalmente acertava em alguma coisa.

Católica ou não, era verdade; por isso, Kimberly e eu abandonamos os contraceptivos que usávamos e começamos a confiar no Senhor de um modo novo os nossos projetos de família. No princípio, usamos os métodos naturais durante uns meses. Depois decidimos estar abertos a uma nova vida sempre que Deus quisesse conceder-nos essa bênção.

Com uma dúzia dos melhores seminaristas calvinistas de *Gordon-Conwell* organizei um almoço semanal no qual nos reuníamos para falar sobre diversos temas, convidando professores para partilharem as suas opiniões e discuti-las. Foram encontros de grande companheirismo e que proporcionaram estimulantes conversas. Chamamos estas reuniões de *Academia de Genebra*, na sequência da escola de Calvino em Genebra.

Às vezes nos encontrávamos também às sextas-feiras à noite, no *Howard*

Johnson's ou em algum outro bar, para comer pizza, beber cerveja e discutir sobre questões teológicas até às três da manhã, tendo feito previamente a promessa às nossas mulheres de sair com elas na noite seguinte. Durante três ou quatro horas aprofundávamos na Palavra de Deus, debatendo doutrinas difíceis: a segunda vinda de Cristo, os argumentos acerca da existência de Deus, a predestinação e o livre-arbítrio e outros grandes mistérios que os teólogos gostam de explorar, especialmente o da Aliança.

Aprofundar na Escritura significava que cada um se esforçasse em compreender cada vez mais o sentido dos textos-chave. Começávamos a adquirir uma certa prática no grego e no hebreu. Para nós, a Bíblia era a única autoridade; assim, ter esta prática significava que podíamos ir diretamente à Escritura. Para nós, nenhuma tradição era infalível ou dotada de autoridade. Podia ser útil, e até merecer confiança, mas não era infalível; podia cambalear ou cair em qualquer momento. Na prática, isso exigia que cada um repensasse a doutrina a partir das suas bases. Que tarefa imensa! Mas éramos jovens e por isso achávamos que, com o Espírito Santo e a Sagrada Escritura, podíamos reinventar a roda se fosse preciso.

No último ano no seminário comecei a notar uma crise interior. A minha pesquisa forçou-me a repensar o significado da Aliança.

Na tradição protestante, alianças e contratos entendiam-se como duas palavras que descreviam a mesma coisa. Mas estudar o Antigo Testamento levou-me a ver que, para os antigos hebreus, aliança e contrato eram coisas muito diferentes. Na Escritura, os contratos implicavam simplesmente o intercâmbio de propriedade, enquanto as alianças implicavam o intercâmbio de pessoas, ao ponto de formarem laços sagrados de família. O parentesco, portanto, estabelecia-se mediante uma aliança (visto à luz do Antigo Testamento, o conceito de aliança não era teórico nem abstrato). De fato, o parentesco por aliança era mais forte do que o parentesco biológico; o significado mais profundo das Alianças divinas no Antigo Testamento era a adoção por parte de Deus de Israel como sua própria família.

A Nova Aliança que Cristo estabeleceu conosco foi, portanto, muito mais do que

um simples contrato, ou ato legal, pelo qual assumiu os nossos pecados e nos deu a sua inocência, como explicaram Lutero e Calvino. Embora certa, essa explicação não refletia a verdade plena do Evangelho.

Descobri que a Nova Aliança estabeleceu uma nova família que abarca toda a humanidade, com a qual Cristo partilhou a sua própria filiação divina, fazendo-nos filhos de Deus. Como ato de Aliança, ser justificado significa partilhar a graça de Cristo como filhos e filhas de Deus; ser santificado significa partilhar a vida e o poder do Espírito Santo. A partir dessa luz, a graça de Deus convertia-se em algo muito maior do que um simples favor divino: era o dom atual da vida de Deus na filiação divina.

Lutero e Calvino explicaram isso em termos exclusivamente jurídicos. Mas eu tinha começado a ver que, muito mais do que um simples juiz, Deus era nosso Pai. Que muito mais do que simples criminosos, nós éramos fugitivos. Que muito mais do que num tribunal, Deus tinha celebrado a Nova Aliança numa casa de família.

São Paulo (que eu considerava o primeiro Lutero) ensinou nas *Epístolas aos Romanos e aos Gálatas*, e em outros lugares, que a justificação era algo mais do que um decreto jurídico: estabelece-nos em Cristo como filhos de Deus exclusivamente pela graça. De fato, descobri que São Paulo não ensinou em lugar nenhum que nos salvamos "exclusivamente" pela fé. A *sola fide* não estava na Escritura!

Entusiasmei-me muito com esta descoberta e a partilhei com vários amigos, que ficaram assombrados ao comprovar que fazia todo o sentido. Um deles veio me perguntar se sabia quem mais ensinava a justificação desse modo. Quando lhe respondi que não, comentou-me que o doutor Norman Shepherd, professor do *Seminário Teológico de Westminster* (o seminário presbiteriano calvinista mais rigoroso dos Estados Unidos), estava prestes a enfrentar um processo por heresia, por ensinar a mesma interpretação da doutrina da justificação que eu expunha.

Telefonei então ao professor Shepherd e falei com ele. Disse-me que era acusado de ensinar uma tese contrária ao ensinamento da Bíblia, de Lutero e de Calvino.

Enquanto o ouvia descrever o que ensinava, pensei: "Espera, isso é o mesmo que eu estou dizendo".

Para muitos, este fato não parecia capaz de provocar uma grande crise, mas para alguém empapado de protestantismo e convencido de que o cristianismo girava sobre o gonzo da *sola fide*, isto significava que o mundo desabava.

Lembrei-me de que um dos meus teólogos favoritos, o doutor Gerstner, tinha dito uma vez na aula que, se os protestantes estivessem errados acerca da *sola fide* – e a Igreja Católica tivesse razão ao manter que nos salvamos pela fé e pelas obras –, "eu estaria amanhã de joelhos à porta do Vaticano para fazer penitência". Obviamente, todos sabíamos que era uma frase puramente retórica, um golpe de efeito, mas impressionou-nos muito. Com efeito, toda a Reforma protestante nascia dessa diferença.

Lutero e Calvino afirmaram frequentemente que este era o artigo sobre o qual a Igreja de Roma se erguia ou se derrubava; para eles, esse foi o motivo pelo qual a Igreja Católica caiu e o protestantismo se ergueu sobre as suas cinzas. A *sola fide* era o princípio material da Reforma, e eu estava chegando agora ao convencimento de que São Paulo nunca o ensinara.

Na *Epístola de São Tiago* 2, 24, a Bíblia ensina que "o homem se justifica pelas obras, e não apenas pela fé". Além disso, São Paulo diz em *I Coríntios* 13, 2: "Ainda que tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver caridade, nada sou". Para mim representou uma transformação traumática ter que reconhecer que, neste ponto, Lutero estava fundamentalmente enganado. Durante sete anos, Lutero tinha sido a minha principal fonte de inspiração e de proclamação poderosa da Palavra de Deus. E esta doutrina era considerada o suporte racional de toda a Reforma protestante.

Naquela época, tive que suspender temporariamente a pesquisa. Kimberly e eu havíamos planejado que eu prosseguiria os estudos do doutorado, sobre o tema da Aliança, na *Universidade de Aberdeen*, na Escócia, onde tinha sido aceito como aluno. Isso foi até termos descoberto, com grande alegria, que o Senhor tinha abençoado a nossa atitude aberta à vida dando-nos o primeiro filho. A nossa mudança teológica tinha produzido também uma mudança na anatomia

de Kimberly. Mas, naquele momento, Margaret Thatcher tornara praticamente impossível que os norte-americanos tivessem filhos à custa dos contribuintes britânicos; consideramos que isto era um sinal para procurar trabalho em outra parte, adiando para já o doutorado.

Recebemos uma chamada de uma pequena igreja de Fairfax, na Virgínia, que procurava um pastor. Quando me apresentei como candidato ao lugar na *Igreja Presbiteriana de Trinity*, dei-lhes a conhecer o meu ponto de vista sobre a justificação, dizendo que partilhava a teoria do doutor Shepherd. Compreenderam-me e me disseram que também a partilhavam. Deste modo, pouco tempo antes da minha graduação, aceitei o cargo de pastor em Trinity, bem como o de professor na respectiva escola, a *Escola Cristã de Fairfax*.

Graças a Deus, graduei-me como o melhor aluno da minha turma. Tinha chegado o momento de dizer adeus a alguns dos melhores amigos que tive na vida, alunos e professores. Deus tinha-nos abençoado com amizades muito profundas, homens e mulheres verdadeiramente dispostos a abrirem a sua mente e o seu coração à Palavra de Deus.

Kimberly e eu nos graduamos ao mesmo tempo; ela obteve o grau de *Master of Arts* em Teologia; e eu, o de *Master of Divinity*.

Kimberly:

No primeiro ano do seminário, Scott começou o *Master* estudando questões teológicas fundamentais com professores que levavam entre dez e quarenta anos ensinando teologia. Entretanto, eu era secretária de um programa criado por um subsídio para a pesquisa de Harvard, e trabalhava com pessoas de todo o tipo de religiões, à exceção da cristã, muitas das quais nunca tinham ouvido falar do Evangelho nem lido a Bíblia. Discutiam comigo quase todos os dias, chegando a questionar a existência de Deus. O contraste era fortíssimo.

Uma vez concluído o primeiro ano, Scott e eu decidimos seguir o mesmo rumo e crescer juntos. De modo que, com o apoio de Scott e a ajuda da minha família, comecei os estudos do *Master* quando Scott frequentava o segundo ano. Estudar teologia juntos foi uma experiência magnífica.

Um dos primeiros temas que tratei num seminário de ética cristã foi o da contracepção. Nunca tinha considerado que fosse um tema digno de estudo até começar a estar envolvida no movimento pró-vida. Por alguma razão, o controle de natalidade ficava sempre se insinuando como um problema. Como protestante, não conhecia ninguém que não praticasse o controle de natalidade. Tinha sido orientada e induzida a praticá-lo como parte de um comportamento cristão razoável e responsável. Nos Cursos de Preparação para o Matrimônio, ninguém nos perguntava se íamos usar contracepção ou não, mas qual método pensávamos utilizar.

O pequeno grupo que se debruçou sobre a contracepção reuniu-se brevemente no primeiro dia, no fundo da sala. Um autonomeado líder observou:

– Não temos que considerar a posição católica, porque só há duas razões pelas quais os católicos se opõem à contracepção: a primeira é porque o Papa não se casa, e por isso não tem que viver com as consequências; e a segunda é porque querem encher o mundo de católicos.

– São essas as razões que apresenta a Igreja Católica? – interrompi – Não acredito.

– Então por que é que você não estuda o assunto?

– De acordo.

E assim fiz.

Em primeiro lugar, considerei a natureza de Deus e de que forma nós, como casal, estávamos chamados a ser a sua imagem. Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – criou o homem e a mulher à sua imagem, e abençoou-os na aliança matrimonial com o mandato de crescerem e se multiplicarem, enchendo a terra e dominando toda a criação, para glória de Deus (cf. Gen 1, 26-28). A imagem à imitação da qual o homem e a mulher foram criados é a unidade das três Pessoas da Trindade, que se entregam totalmente umas às outras numa plena autodoação de amor. Deus reafirmou este mandato da criação na Aliança com Noé e a sua família, dando-lhes o mesmo mandamento de serem fecundos e se multiplicarem (cf. Gen 9, 1ss). Deste modo, a existência do pecado não alterou o

apelo dirigido aos casais para serem a imagem de Deus através da procriação.

São Paulo esclareceu que, no Novo Testamento, o casamento foi elevado à categoria de imagem da relação entre Cristo e a Igreja (neste momento, não fazia a menor ideia de que o casamento fosse um sacramento). E pelo poder do amor de dar vida própria, Deus capacitava os esposos para refletirem a imagem de Deus na medida em que a unidade dos dois se convertia em três. A minha questão era a seguinte: o nosso uso do controle de natalidade – que intencionalmente restringe o poder doador de vida do amor, ao mesmo tempo em que se goza a unidade e o prazer do ato conjugal – permite que o meu marido e eu reflitamos a imagem de Deus numa total autodoação de amor?

Em segundo lugar, examinei o que a Escritura diz sobre as crianças. O testemunho da Bíblia era arrasador! Todos os versículos que se referiam às crianças, consideravam-nas sempre e só como uma bênção (Sal 127, 128). Não havia um só provérbio que advertisse que não valia a pena afrontar as despesas que um filho significa. Não havia qualquer bênção para os esposos que adiassem a chegada dos filhos, nem para o casal que esperasse o número correto de anos sem filhos antes de assumir o encargo que as crianças representam, nem para o casal que planejasse cada concepção. Tudo isto eram ideias que eu tinha aprendido nos meios de comunicação social, na escola pública ou com a vizinhança, mas não tinham nenhum fundamento na Palavra de Deus.

Na Escritura, a fertilidade é apresentada como algo que se deve apreciar e celebrar, não como uma doença que se deve evitar a todo o custo. E embora não tivesse encontrado nenhum versículo que falasse negativamente das pessoas com famílias pequenas, à luz de numerosas passagens bíblicas, não havia dúvida de que as famílias grandes pareciam ter recebido de Deus uma graça maior. Era Deus que abria e fechava o ventre, e quando Ele dava a vida isso era sempre considerado como uma bênção. Em última instância, o que Deus desejava dos casais fiéis era “uma prole piedosa” (Mal 2, 15). As crianças eram descritas como “flechas nas mãos de um guerreiro..., bendito o homem cuja aljava está cheia”. Quem iria à batalha apenas com duas ou três flechas se pudesse ir com a aljava cheia? A minha questão era a seguinte: o nosso uso do controle de natalidade

refletia o modo como Deus via as crianças ou o modo como o mundo as via?

Em terceiro lugar, punha-se a questão do senhorio de Jesus Cristo. Como protestantes evangélicos, Scott e eu tomávamos muito a sério o senhorio de Cristo sobre as nossas vidas. No aspecto monetário, pagávamos o dízimo regularmente, sem nos importarmos que os nossos fundos fossem escassos, porque queríamos ser bons administradores do dinheiro que Deus nos tinha confiado. Uma e outra vez, vimos como o Senhor supria as nossas necessidades com mais do que nós Lhe tínhamos dado. Em termos de tempo, observávamos o dia do Senhor, pondo de parte o estudo, que era o nosso trabalho, mesmo que tivéssemos exames na segunda-feira. Muitas vezes, o Senhor nos premiou por esse dia de descanso, e sempre tivemos excelentes resultados nos exames que fizemos nas segundas-feiras. Em termos de talentos, aceitávamos que devíamos estar sempre disponíveis para servir a Deus com o nosso apostolado e acrescentávamos com gosto obras de serviço ao trabalho abundante do estudo. Ver vidas abençoadas como resultado desse apostolado fortaleceu enormemente a nossa fé e o nosso casamento.

Mas, e os nossos corpos? A nossa fertilidade? O senhorio do Senhor estendia-se até aí? Li então em *I Coríntios* 6, 19-20: "...não vos pertenceis. Fostes comprados a grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo". Talvez fosse uma atitude mais americana do que religiosa pensar na fertilidade como algo que podemos controlar como nos parecesse melhor. E eu me perguntava: o uso que fazemos do controle de natalidade demonstra uma fiel vivência do senhorio de Jesus Cristo?

Em quarto lugar, qual era a vontade de Deus para Scott e para mim? Queríamos conhecer e seguir a vontade de Deus a respeito das nossas vidas. Uma passagem da Escritura que me proporcionou material útil para a reflexão foi *Romanos* 12, 1-2:

> *"Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereçais os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus; este é o culto racional que Lhe deveis prestar. Não vos acomodeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, a fim de conhecerdes a vontade de Deus: o*

que é bom, o que Lhe é agradável e o que é perfeito.”

Paulo indicava que, para uma vida de sacrifício, era necessária a misericórdia de Deus: não pedia que vivêssemos esse tipo de vida pelas nossas próprias forças. Podíamos oferecer os nossos próprios corpos como um sacrifício de adoração: havia uma dimensão corporal na nossa espiritualidade. Uma das chaves para saber como sacrificar-se de forma consequente com a vontade de Deus era diferenciar corretamente as mensagens do mundo e as verdades de Deus. Isso significava que tínhamos de renovar ativamente as nossas mentes através da Palavra de Deus. E uma boa parte do meu estudo sobre a contracepção tinha-me levado precisamente a isso: a meditar nas passagens da Escritura que apresentavam uma imagem diferente da que o mundo parecia proclamar.

Scott e eu estávamos comprometidos um com o outro, e com o Senhor. A questão era: podíamos confiar em Deus e deixar que fosse Ele quem planejasse a dimensão da nossa família? O distanciamento entre os filhos? Saberia Ele o que nós podíamos suportar econômica, emocional e espiritualmente? Teria Ele recursos para nos permitir ter mais crianças do que nós pensávamos que podíamos ter?

No fundo, sabia bem com que eu estava lutando: com a autêntica soberania de Deus. Só Deus conhecia o futuro e qual era o melhor modo de formarmos a nossa família com a prole piedosa que Ele desejava que tivéssemos. Certamente, Ele já tinha dado provas de ser digno de confiança de muitos outros modos. Sabia que podíamos confiar em que nos daria a fé que necessitávamos para lhe confiar este aspecto da nossa vida, e para nos dar a confiança de que esta visão fazia parte do seu plano para nós, e que derramaria o seu amor em nós. E através de nós, em todas as preciosas almas que nos quisesse confiar. Aliás, conhecia muitos casais no seminário que “planejavam” a chegada das crianças, para descobrirem depois que afinal o calendário de Deus era diferente do deles.

Tínhamos que confiar nEle na questão da nossa fertilidade de um modo radical, sem fazer qualquer uso do controle de natalidade. Não é preciso dizer que eu já estava convencida; mas no nosso casamento éramos duas pessoas, e por isso tive que comentar estes temas e questões com Scott.

Quando Scott me perguntou uma noite, no jantar, como ia o meu estudo sobre a contracepção, contei-lhe o que pude. Pedi-lhe então que lesse o livro de John Kippley, *O controle de natalidade e a aliança matrimonial*. Scott encontrou neste livro o fundamento dos meus argumentos, mas, mais ainda, viu como Kippley aplicava a ideia da aliança ao casamento para explicar porque a contracepção é imoral.

Kippley fazia a seguinte comparação: tal como acontecia na Roma antiga, em que as pessoas participavam num banquete e depois iam vomitar o alimento que acabavam de ingerir (para evitar as consequências dos seus atos), o mesmo se passa com os esposos que celebram um banquete no ato conjugal mas se opõem ao poder de dar vida que tem o ato de renovação da sua aliança. Estas ações são contrárias à lei natural e à aliança entre os esposos.

Da perspectiva de Kippley, que era a perspectiva da Igreja católica, o fim primordial do ato matrimonial era a procriação dos filhos. Quando um casal impede esse fim intencionalmente, atua contra a lei natural. Subverte a renovação da sua própria aliança matrimonial, convertendo numa mentira o compromisso dos esposos de se entregarem totalmente um ao outro.

Agora compreendia a razão pela qual a Igreja Católica se opunha à contracepção. Mas o que dizer dos métodos de planejamento familiar natural? Não seriam simplesmente a versão católica do controle de natalidade?

A *Primeira Epístola aos Coríntios* (7, 4-5) fala de períodos de tempo nos quais os esposos poderiam abster-se de manter relações sexuais para se dedicarem à oração, reatando depois as suas relações, não deixando a Satanás nenhum resquício por onde entrar no seu casamento. Lendo a Encíclica *Humanae Vitae* cheguei a apreciar o equilíbrio da Igreja relativamente à contracepção. Havia uma forma religiosa de levar a cabo o ato conjugal e de ser prudente em circunstâncias graves, praticando a abstinência durante períodos de fertilidade.

Tal como com a comida – em que podia haver temporadas nas quais o jejum fosse útil – de modo similar podia haver períodos nos quais o "jejum" do ato conjugal, por razões meditadas na oração, pudesse ser útil. Contudo, a não ser por milagre, ninguém poderia sobreviver se jejuasse a maior parte do tempo.

Igualmente, os métodos naturais de planejamento familiar eram uma receita para momentos difíceis, não uma vitamina cotidiana para a saúde geral.

Um dia, na biblioteca, depois de expor tudo isto a um companheiro seminarista que ainda era solteiro, ele me disse:

– Isso quer dizer que você e Scott deixaram de utilizar contraceptivos?

– Não, ainda não.

– Parece que você está convencida que é errado usá-los.

Respondi com esta história:

– Já ouviu falar daquela vez em que a galinha e o porco do granjeiro Brown estavam comentando como eram sortudos por terem um amo tão maravilhoso?

– Acho que devíamos fazer alguma coisa especial para o senhor Brown – disse a galinha.

– Você tem alguma ideia? – perguntou o porco.

– Podíamos dar-lhe uma refeição de ovos com presunto – disse alegremente a galinha.

– Bom – explicou o porco – isso é ótimo para você. Para você, é uma doação. Para mim, seria um compromisso total.

E concluí:

– Terry, vou tomar muito a sério o seu desafio; mas obedecer a Deus nesta questão é muito mais difícil para mim do que para você, que é solteiro.

Terry me garantiu que rezaria por Scott e por mim, e cada um foi para sua casa. Quando Scott e eu discutimos o assunto, também ele se mostrou contrário à contracepção; sugeriu, contudo, que talvez devêssemos guardar os contraceptivos no armário, para o caso de mudarmos de ideia. Mas eu percebi que isso seria uma tentação muito grande para voltarmos atrás nas nossas convicções. E assim, juntos, jogamos fora os contraceptivos, e começamos a confiar em Deus de um modo novo em relação às nossas vidas e à nossa

fertilidade.

Durante os anos no seminário, Scott e eu tivemos muitas ocasiões de estudar teologia um com o outro, animando-nos, exortando-nos e desafiando-nos um ao outro, bem como aos nossos amigos. O estudo da Bíblia em pequenos grupos com outros casais foi uma grande fonte de bênçãos. O nosso envolvimento no apostolado da Igreja ofereceu-nos a possibilidade de aplicar o que estávamos aprendendo. E as numerosas discussões teológicas com colegas durante os almoços na nossa casa revitalizavam a nossa vida.

Quando me encontrava com outras seminaristas, a conversa levava-nos a falar sobre o tipo de trabalho que cada uma esperava encontrar depois da graduação. Poucas me apoiavam quando lhes explicava o que queria fazer com o diploma: se não ficasse grávida, queria ensinar teologia, desempenhando um ministério ao lado de Scott. Se ficasse grávida – o que desejava que acontecesse depressa – usaria os conhecimentos adquiridos sendo uma ajuda para Scott, ensinando os nossos filhos e dirigindo estudos bíblicos para mulheres.

Os meus pais (que pagavam os meus estudos) entendiam os meus projetos e me apoiavam muito. Não se importavam com que nunca obtivesse um salário com o *Master*. Viam os meus estudos como uma forma de fazer frutificar os meus talentos para o Senhor, e confiavam em que Ele nos mostraria como usá-los.

Na maior parte dos casos, o estudo da teologia não constituiu propriamente um desafio àquilo em que acreditávamos (como sucedeu com o tema da contracepção), constituiu sobretudo uma ocasião para aprofundar na compreensão e valorização dos fundamentos que já sustentavam a nossa vida, com uma notável exceção: se era correto ou não afirmar que nos salvamos exclusivamente pela fé.

Pouco a pouco, chegamos à convicção de que Martinho Lutero deixou que as suas convicções teológicas pessoais contradissessem a própria Bíblia, a qual supostamente tinha decidido obedecer em vez de obedecer a Igreja Católica. Tinha declarado que a pessoa não se justifica pela fé atuando pelo amor, mas que se justifica apenas pela fé. Chegou mesmo a acrescentar a palavra "somente" depois da palavra "justificado" na sua tradução alemã de *Romanos* 3, 28, e

chamou à *Epístola de Tiago* "epístola falsificada" porque São Tiago diz explicitamente: "Vedes que pelas obras se justifica o homem, e não apenas pela fé".

Uma vez mais, e por muito estranho que nos parecesse, a Igreja Católica tinha razão num ponto fundamental da doutrina: ser justificado significa ser feito filho de Deus e ser chamado a viver a vida como filho de Deus mediante a fé com obras no amor. Efésios 2, 8 esclarecia que a fé – que devemos ter – é um dom de Deus, não por causa das nossas obras, pelo que ninguém se pode vangloriar, e que a fé nos torna capazes de realizar as boas obras que Deus quer que realizemos. A fé é ao mesmo tempo um dom de Deus e a nossa resposta obediente à misericórdia de Deus. Ambos, protestantes e católicos, podiam estar de acordo em que só nos salvamos pela graça.

Nesse ponto, não estava muito imbuída da teologia da Reforma, e portanto essa nova perspectiva no modo de entender a justificação não me pareceu particularmente significativa. Era importante compreendê-la, mas via que todos podiam estar de acordo em que apenas nos salvamos pela graça, através da fé e atuando no amor. E se tivesse tido tempo suficiente para explicar por que acreditava nisto, nenhum dos meus amigos me apelidaria de católica nessa altura. No entanto, para Scott, essa mudança de direção teológica foi realmente uma espécie de movimento sísmico que mais tarde teria maiores consequências na nossa vida.

Já no fim do último ano em *Gordon-Conwell*, descobrimos que o Senhor nos tinha abençoado (finalmente) com um filho. Embora isso viesse alterar os planos de ir estudar na Escócia, sentimo-nos muito felizes ao ver que a vontade de Deus incluía esta criança nas nossas vidas. Agora sabia que o que tinha meditado, na mente e no coração, durante os anos de seminário poderia aplicá-lo e ensiná-lo a este pequeno ser que levava no ventre. Tive um profundo sentido de realização e plenitude ao ver que a minha vocação matrimonial avançava para a maternidade. Após concluir a graduação, Scott e eu nos sentimos enviados a fazer a vontade de Deus com as pessoas a quem Ele nos chamava a servir na Virgínia.

4

Ensinar e viver a Aliança em família

Scott:

Comecei a minha atividade como pastor na Virgínia pregando um sermão dominical de cerca de quarenta e cinco minutos e dirigindo dois estudos bíblicos semanais. Foi isto que os "anciãos" da Igreja me pediram. Comecei por falar sobre a *Epístola aos Hebreus*, porque nenhum outro livro do Novo Testamento dá tanto realce à Aliança. A congregação ficou entusiasmada com ideia da Aliança como família de Deus.

Quanto mais estudava, mais surpreendido ficava com o que ia encontrando, porque esta epístola era considerada pelos protestantes que eu conhecia – e com os quais estava de acordo – como a mais anticatólica do Novo Testamento; expressões como "um sacrifício feito de uma vez para sempre" e outras parecidas, que aparecem na *Epístola aos Hebreus*, levavam-nos a essa conclusão.

Tinha sido educado na ideia de que "se algo é Romano (no sentido de católico romano), deve ser errôneo". Mas realmente começava a ver a importância da liturgia para a Aliança, especialmente na *Epístola aos Hebreus*. A liturgia representava o modo como Deus formava a sua família pela Aliança e como renovava essa Aliança periodicamente. Estava desejoso de partilhar estas descobertas, que eu considerava inovadoras.

Queria ver as pessoas entusiasmadas com o Antigo Testamento e a sua correlação com o Novo: o Antigo desembocando no Novo, e a Igreja do Novo Testamento como a realização, mais do que o abandono, do Antigo. No entanto, à medida que aprofundava no estudo, começou a insinuar-se na minha mente um pensamento inquietante: as ideias inovadoras, que pensava ter descoberto, na realidade já tinham sido antecipadas pelos primeiros Padres da Igreja.

Senti-me abalado por essa experiência uma e outra vez. Não andaria simplesmente a "reinventar a roda"? Comecei a sentir curiosidade.

Quando expunha estas "descobertas inéditas" acerca da família da Aliança de Deus e do culto dos Seus filhos, os meus paroquianos enchiam-se de fervor. Os "anciãos" pediram-me inclusive que eu revisse a liturgia. A nossa liturgia? Fiquei admirado. Os episcopalianos é que falam de "liturgia". Os presbiterianos têm a Ordem do Culto! Mas os "anciãos" tinham-me pedido que revisse a liturgia, para acomodá-la mais ao modelo bíblico, e por isso comecei a estudar o assunto.

Apresentei-lhes algumas questões: por que é que a nossa Igreja está tão centrada no pastor? Por que é que os nossos serviços de culto estão tão centrados no sermão? E, porque é que os meus sermões não se orientam mais no sentido de preparar o povo de Deus para receber a comunhão?

Já tinha feito ver aos meus paroquianos que o único momento em que Cristo utilizou a palavra "aliança" foi quando instituiu a Eucaristia, ou comunhão, como lhe chamávamos. Contudo, nós só recebíamos a comunhão quatro vezes por ano. Embora no princípio parecesse estranho a todos, propus ao "conselho de anciãos" a ideia da comunhão semanal.

Um deles replicou-me:

– Scott, não acha que celebrar a comunhão todas semanas pode convertê-la numa rotina? Ao fim e ao cabo, a familiaridade pode levar à indiferença.

– Dick, chegamos à conclusão de que a comunhão significa a renovação da nossa aliança com Cristo, não foi?

– Exatamente.

– Pois então, deixe-me perguntar-lhe o seguinte: preferiria renovar a sua aliança matrimonial com a sua mulher só quatro vezes por ano? Ao fim e ao cabo, poderia converter-se em pura rotina, e a rotina levar à indiferença.

Dick desatou a rir.

– Entendo o que quer dizer.

A comunhão semanal foi aprovada por unanimidade. Começamos inclusive a referir-nos a ela como "a Eucaristia" (*eucharistia*), retomando o uso do vocábulo grego do Novo Testamento e da Igreja primitiva.

Celebrar a comunhão todas as semanas converteu-se no ponto culminante do serviço de culto da nossa Igreja. Isto alterou inclusive a nossa vida como congregação. Começamos a organizar um almoço informal depois do serviço, para fomentar a amizade, comentar o sermão e partilhar as intenções de oração. Começamos, ao mesmo tempo, a celebrar e a viver a comunhão. Era entusiasmante. Isto deu-nos um verdadeiro sentido de culto e de comunidade.

A seguir, guiei os meus paroquianos através do *Evangelho de São João* e, para minha grande surpresa, descobri que estava repleto de imagens sacramentais.

Enquanto investigava, veio-me à cabeça uma conversa que tinha tido alguns anos antes no seminário com um amigo. Numa manhã, aproximou-se de mim e da minha mulher no corredor e disse-nos: "Tenho estudado a liturgia. É apaixonante!" Recordo que lhe respondi: "A única coisa que me parece mais aborrecida do que a liturgia são os sacramentos". Era essa a minha atitude no seminário, porque a liturgia e os sacramentos não eram coisas que estudássemos. Não faziam parte da nossa bagagem cultural; não eram coisas que lêssemos nos textos, ou para as quais estivéssemos despertos. Mas aprofundar no estudo da *Epístola aos Hebreus e do Evangelho de São João* fez-me ver que a liturgia e os sacramentos eram parte essencial da vida da família de Deus.

A partir desse momento, o romance de espionagem foi-se convertendo gradualmente numa história de terror. Repentinamente, e para meu desconcerto e frustração, a Igreja Católica, que eu combatia, começava a apresentar as respostas corretas, uma após outra. Mais alguns casos, e a coisa começou a tornar-se aterradora.

Durante a semana, ensinava Sagrada Escritura num colégio cristão privado. Falava aos meus alunos de tudo o que se refere à Aliança como família de Deus, e os alunos captavam tudo. Explicava-lhes as Alianças que Deus tinha estabelecido com o seu povo.

Tracei uma cronologia para lhes mostrar como cada Aliança instituída por Deus representava o modo como Ele foi formando a sua família ao longo dos tempos. A Aliança com Adão assumiu a forma de um matrimônio; a Aliança com Noé tomou a forma de um lar; com Abraão tomou a forma de uma tribo; a Aliança

com Moisés transformou as doze tribos numa família nacional; a Aliança com David estabeleceu Israel como um reino familiar nacional; em contrapartida, Cristo instituíra a Nova Aliança como a família mundial, ou "católica" (do grego *katholikòs*), de Deus, de modo a compreender todas as nações e todos os homens, tanto judeus como gentios.

Os estudantes ficaram entusiasmados. Isso dava um novo sentido à Bíblia como um todo. Um aluno perguntou:

– Que forma tem essa família mundial?

Desenhei uma grande pirâmide no quadro e expliquei:

– Seria como uma grande família espalhada por todo o mundo, com diferentes figuras paternas em cada nível, encarregadas por Deus de administrar o seu Amor e a sua Lei aos seus filhos. Um dos estudantes católicos comentou em voz alta:

– Essa pirâmide parece-se muito com a Igreja Católica, com o Papa no vértice.

– Ah, não! – repliquei rapidamente – O que eu estou apresentando aqui é justamente um antídoto contra o catolicismo.

Isso era o que eu pensava, ou pelo menos tentava pensar.

– Além disso, o Papa é um ditador, não um pai.

– Mas Papa significa "pai".

– Não é verdade – apressei-me a corrigir.

– Significa sim – respondeu em coro um grupo de estudantes.

Muito bem; os católicos tinham razão em mais um ponto. Podia admiti-lo, mas sentia-me muito assustado. Mal sabia o que estava para chegar!

Durante o almoço, uma das alunas mais adiantadas aproximou-se de mim. Em nome de um pequeno grupo que estava no canto atrás de mim, anunciou:

– Fizemos uma votação, e o resultado é unânime: pensamos que o professor vai se tornar católico.

Desatei a rir, bastante nervoso.

– Que absurdo! – exclamei, enquanto um arrepio me passava pelas costas.

Esboçou um sorriso cheio de cumplicidade, encolheu os ombros e voltou para o seu lugar.

Ao voltar a casa à tarde, ainda me sentia atordoado. Disse a Kimberly:

– Nem imagina o que a Rebecca me disse hoje. Veio me dizer que um grupo de estudantes apostou que vou me converter num católico romano. Você é capaz de imaginar alguma coisa mais absurda?

Esperava que Kimberly risse comigo, mas ela limitou-se a olhar-me de forma inexpressiva e a dizer:

– E você vai?

Não podia acreditar! Como é que ela era capaz de pensar que eu atraiçoaria a verdade da Escritura e da Reforma tão facilmente? Senti-me como se tivessem me enfiado uma faca nas costas.

– Como é que "você" pode dizer isso? – balbuciei – Isso é renegar a sua confiança em mim como pastor e como professor! Católico, eu?! Amamentaram-me com as obras de Lutero! O que é que você queria dizer?

– Eu estava habituada a considerar você como um homem profundamente anticatólico e comprometido com os princípios da Reforma. Mas ultimamente escuto você falar demais de sacramentos, liturgia, tipologia e Eucaristia.

Então, Kimberly acrescentou algo que nunca esquecerei:

– Às vezes, penso que você poderia ser o Lutero ao contrário.

Lutero ao contrário! Não fui capaz de dizer mais nada. Fui para o escritório, fechei a porta e deixei-me cair sobre a cadeira da escrivaninha, tremendo. Lutero ao contrário! Senti-me atordoado, desconcertado, confuso. Talvez estivesse perdendo a minha alma! Talvez estivesse atraiçoando o Evangelho! Sempre tinha querido ser um servo da Palavra de Deus, e até esse momento pensava que era. Mas para onde ela estava me conduzindo? Lutero ao contrário! Essas palavras

ficaram ecoando no meu cérebro.

Já não era só uma questão de mera especulação teológica. Precisamente umas semanas antes, Kimberly tinha dado à luz o nosso filho, Michael. Nunca esquecerei o sentimento de ser pai pela primeira vez. Contemplei o meu filho e dei-me conta que o poder de dar vida que tem a aliança era muito mais do que uma teoria.

Enquanto o tinha nos braços, perguntei a mim mesmo a que Igreja pertenceria ele, ou os seus filhos e netos. Afinal de contas, era pastor de uma Igreja presbiteriana (a *Igreja Presbiteriana de Trinity*) que se tinha separado de um grupo separado (a Igreja *Presbiteriana Ortodoxa*), que por sua vez se tinha separado de outra igreja (a *Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos*), e tudo no mesmo século! (Não era por acaso que nos chamávamos a nós mesmos como "a divisão dos P"!)

Formar a minha própria família fez crescer em mim um anelo de unidade da família de Deus mais profundo do que nunca. Pelo bem da minha família e da sua, rezava para que o Senhor me ajudasse a crer, a viver e a ensinar a sua Palavra, fosse qual fosse o preço. Queria manter o coração e a mente completamente abertos à Sagrada Escritura e ao Espírito Santo, e a todas as fontes que me levassem a um conhecimento mais profundo da Palavra de Deus.

Nessa época, eu fora também contratado como formador em tempo parcial num seminário presbiteriano local. O tema da minha primeira aula foi o *Evangelho de São João*, sobre o qual estava pregando também uma série de sermões na igreja. No meu estudo, ia um par de capítulos adiantado em relação às aulas. Quando, na preparação, cheguei ao capítulo sexto, tive que dedicar semanas de cuidadosa investigação aos seguintes versículos (Jo 6, 52-68):

> *"Discutiam então os judeus uns com os outros, dizendo: «Como pode Ele dar-nos a comer a sua carne?» Disse-lhes Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia. Porque a Minha carne é verdadeira comida e o Meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a*

Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, assim também o que Me come viverá por Mim. Este é o pão que desce do Céu; não é como o que comeram os vossos pais e morreram; o que come deste pão, viverá eternamente (...)». A partir de então muitos dos Seus discípulos retiraram-se e já não andavam com Ele. Por isso, Jesus disse aos doze: «Também vós quereis ir embora?» Mas Simão Pedro respondeu: «Senhor, a quem iríamos? Tu tens palavras de vida eterna»".

Comecei imediatamente a questionar o que os meus professores tinham me ensinado – e o que eu próprio pregava à minha congregação – sobre a Eucaristia como um mero símbolo, um símbolo profundo, certamente, mas apenas um símbolo.

Depois de muita oração e de muito estudo, acabei por reconhecer que Jesus não podia falar simbolicamente quando nos convidou a comer a Sua carne e a beber o Seu sangue. Os judeus que o ouviam não teriam ficado ofendidos nem escandalizados com um mero símbolo. Aliás, se tivessem interpretado mal Jesus, tomando as suas palavras à letra – quando Ele queria que as palavras fossem tomadas em sentido figurado – teria sido fácil ao Senhor esclarecer esse ponto. Na verdade, já que muitos dos discípulos deixaram de segui-lo por causa deste ensinamento (vers. 60), teria estado moralmente obrigado a explicar que falava apenas em termos simbólicos.

Mas nunca o fez. Nem nenhum cristão, ao longo de mais de mil anos, negou a Presença Real de Cristo na Eucaristia. Isso estava claríssimo. Fiz então o que qualquer pastor ou professor de seminário teria feito se queria conservar o seu trabalho: terminei o mais rapidamente que pude a série de sermões sobre o *Evangelho de São João* no fim do capítulo quinto, e nas aulas praticamente saltei o capítulo sexto.

Embora os meus paroquianos e alunos estivessem entusiasmados com o restante dos meus ensinamentos, foram também percebendo que não correspondiam ao presbiterianismo tradicional e histórico. Mas não lhes podia dizer que o que estavam ouvindo – e que acolhiam com tanto entusiasmo –

refletia aspectos da Escritura que, de algum modo, a Igreja Católica tinha descoberto e exposto há muito tempo.

Uma noite, depois de várias horas de estudo, fui à sala de estar e disse a Kimberly que achava que não continuaríamos a ser presbiterianos. Estava tão convencido da necessidade de dar mais importância aos sacramentos e à liturgia do que lhes dá a tradição presbiteriana que lhe sugeri que nos uníssemos à tradição episcopaliana.

Ela deixou-se cair no sofá e começou a chorar.

– Scott, o meu pai é ministro presbiteriano, o meu tio é ministro presbiteriano, o meu irmão prepara-se para ser ministro presbiteriano. E você é ministro presbiteriano. Eu não quero deixar de ser presbiteriana!

Expôs claramente o seu ponto de vista. Mas o que ela não sabia é que eu não estava muito seguro, por mais que o desejasse, de que o nosso itinerário espiritual terminasse na Igreja Episcopaliana.

As aulas sobre o *Evangelho de São João* lhes tinham parecido tão interessantes que me pediram que desse mais algumas, no semestre seguinte. Na realidade, pediram-me que trabalhasse em tempo integral, e aquelas aulas foram ainda melhores.

Nas aulas de História da Igreja, um dos melhores alunos (um ex-católico) expôs um trabalho sobre o Concílio de Trento, e quando acabou me fez uma pergunta embaraçosa, que nunca tinha ouvido. Disse:

– Professor Hahn, o senhor nos ensinou que a doutrina da *sola fide* não é bíblica, e que esse grito de guerra da Reforma não tem fundamento quando se confronta com as *Cartas de Paulo*. Como bem sabe, o outro grito de guerra da Reforma foi a *sola Scriptura*: que a Bíblia é a nossa única autoridade, em lugar do Papa, os concílios ou a tradição. Professor, onde é que a Bíblia ensina que "a Escritura é a nossa única autoridade"?

Fiquei olhando para ele e comecei a sentir um suor frio.

Nunca tinha ouvido antes esta questão. No seminário, tinha a fama de ser uma

“vespa socrática”, sempre fazendo perguntas incômodas, mas esta nunca me tinha ocorrido.

Respondi o que qualquer professor apanhado desprevenido responderia: “Que pergunta tão tola!” Mas, assim que essas palavras saíram da minha boca senti-me derrotado, pois tinha prometido a mim mesmo que, como professor, nunca usaria essa expressão.

O aluno não se acovardou. Sabia que não era uma pergunta tola e, olhando-me de frente, desafiou-me:

– De acordo, mas então me dê pelo menos uma resposta tola.

Disse-lhe:

– Vejamos primeiro Mateus 5, 17 e depois 2 Timóteo 3, 16-17: “Toda a Escritura inspirada por Deus é útil para ensinar, para rebater, para corrigir e para formar na justiça, de modo que o homem de Deus seja perfeito, e preparado para toda a obra boa”. E depois podemos ver também o que diz Jesus acerca da tradição em Mateus 15.

A sua resposta foi cortante:

– Mas, professor, Jesus não estava condenando toda a tradição em Mateus 15, mas só a tradição corrupta. Quando 2 Timóteo 3, 16 menciona “toda a Escritura” não diz “só a Escritura” é útil. Também a oração, a evangelização e muitas outras coisas são essenciais. E o que dizer de 2 Tessalonicenses 2, 15?

– Ah, sim... Tessalonicenses... – balbuciei debilmente – o que é que se diz aí?

– Paulo diz aos Tessalonicenses: “Portanto, irmãos, mantende-vos firmes e guardai as tradições que haveis aprendido de nós, de palavra ou por carta”.

Saí pela tangente:

– Ouve, John, estamos nos afastando do tema. Avancemos um pouco mais e voltaremos a falar sobre isto na próxima semana.

Posso assegurar que ele não ficou satisfeito. Nem eu.

Quando voltei a casa naquela noite, contemplei as estrelas e murmurei: "Senhor, o que está acontecendo? Onde é que a Escritura ensina a doutrina da *sola Scriptura*?"

Foram duas as colunas sobre as quais os protestantes basearam a sua revolta contra Roma. Uma já tinha caído, e a outra estava cambaleando. Senti medo.

Estudei durante toda a semana. Não cheguei a nenhuma conclusão. Telefonei então a vários amigos. Sem êxito. Finalmente, telefonei a dois dos melhores teólogos da América, e também a alguns dos meus ex-professores.

Todos aqueles que consultava se surpreendiam de que lhes fizesse essa pergunta. E sentiam-se ainda mais perturbados ao verem que eu não ficava satisfeito com as respostas que me davam.

A um professor disse-lhe:

– Talvez esteja sofrendo de amnésia, mas me esqueci das simples razões pelas quais nós, protestantes, cremos que a Bíblia é a nossa única autoridade.

– Scott, que pergunta tão tola.

– Me dê então uma resposta tola.

– Scott – replicou ele – na realidade você não pode demonstrar a doutrina da *sola Scriptura* com a Escritura. A Bíblia não ensina explicitamente que seja a única autoridade para os cristãos. Por outras palavras, Scott, a *sola Scriptura* é na essência a crença histórica dos reformadores, frente à pretensão católica de que a autoridade está na Escritura e "também" na Igreja e na tradição. Para nós, portanto, trata-se apenas de uma presunção teológica. É o nosso ponto de partida, mais do que uma conclusão demonstrada.

Depois referiu-me os mesmos textos da Escritura que eu tinha indicado ao meu aluno, e eu dei-lhe as mesmas respostas pertinentes.

– Que mais poderíamos acrescentar? – perguntei-lhe.

– Scott, repara no que ensina a Igreja Católica. É óbvio que a tradição está errada.

– Claro que está errada! – concordei – Mas onde é que se condena o conceito de

tradição? E por outro lado, o que é que quis dizer Paulo quando pedia aos Tessalonicenses que se ajustassem à tradição, tanto escrita como oral? – continuei a pressionar – Não é irônico? Nós insistimos em que os cristãos só podem acreditar no que a Bíblia ensina, mas a própria Bíblia não ensina que ela seja a única autoridade.

Perguntei a outro teólogo:

– Qual é para você o pilar e o fundamento da verdade?

– A Bíblia, evidentemente.

– Então porque é que a Bíblia diz em 1 Timóteo 3, 15 que a Igreja é o pilar e o fundamento da verdade?

– Você me confunde, Scott.

– Eu é que me sinto confundido!

– Mas, Scott, que Igreja...?

– Quantos candidatos a esse lugar existem? Quero dizer: quantas Igrejas dizem que são a coluna e o fundamento da verdade?

– Quer dizer que você está se convertendo num católico romano?

– Espero que não.

Senti que o chão tremia, como se alguém estivesse puxando o tapete mesmo debaixo dos meus pés. Era a pergunta mais importante, e ninguém tinha uma resposta.

Pouco depois, o presidente do Conselho Diretor do Seminário veio me convidar, em nome dos outros membros, a aceitar um lugar em tempo integral como Decano do Seminário. A oferta devia-se ao fato de os meus cursos terem recebido muito boa aceitação e os estudantes estarem entusiasmados.

Era o trabalho que sonhava ter quando tivesse cinquenta anos! E me ofereciam de mão beijada com a madura idade de vinte e seis anos! Embora não pudesse explicar o porquê, tive que recusar. Quando cheguei em casa, falei dessa oferta à

minha mulher:

– Kimberly, não há nada no mundo que eu gostaria tanto de fazer como ensinar num seminário. Mas quero estar certo de que ensino a verdade. Porque um dia vou comparecer diante de Cristo para lhe dar contas do que ensinei ao seu povo. E não me servirá de nada escudar-me atrás da minha Igreja e dos meus professores. Terei de ser capaz de olhá-lo nos olhos e de lhe dizer: "Senhor, ensinei tudo o que Tu me ensinaste através da tua Palavra". Mas agora, Kimberly, já não estou seguro de qual é esse ensinamento, e não posso continuar a transmiti-lo enquanto não estiver seguro.

Cruzei os braços e preparei-me para a sua resposta.

Ela respondeu de forma cortês:

– Isto é o que mais admiro e respeito em você, Scott. Mas isso significa que temos de pedir ao Senhor que nos ajude a encontrar um emprego.

Deus a abençoe.

Esta conversa conduziu-nos a outra penosa decisão: comunicar a minha renúncia como pastor aos "anciãos" da *Igreja Presbiteriana de Trinity*.

Naquele momento não sabia o que iria fazer, mas sabia que tinha que manter a integridade. Não podia exercer como pastor nem pregar enquanto não estivesse com as coisas mais claras. Kimberly e eu recorremos ao Senhor, através da oração, para saber que passo dar.

Tudo o que sabia era que queria acreditar, entender, ensinar e amar tudo o que Deus revelou na sua Palavra.

Kimberly:

A nossa chegada à Virgínia foi o começo do que poderia chamar "O Conto das Quatro Estações". Entramos num "período de verão" dos nossos sonhos, que iam se convertendo em realidade. Scott era ministro da *Igreja Presbiteriana de Trinity*, professor na Escola Cristã de Fairfax e, mais tarde, nesse mesmo ano, instrutor no *Instituto Teológico Dominion*. Eu era a esposa do pastor, algo que sempre desejara, e além disso ia ser mãe pela primeira vez.

Scott pregava e ensinava, após muitas horas de estudo e de preparação, e eu sentava-me encantada para ouvi-lo. Fizemos também muitos novos amigos, ao mesmo tempo que continuávamos a manter contato com antigos colegas do seminário que acabavam de ser alocados nos arredores, o que nos ajudou muito a adaptar-nos à mudança.

Em 4 de dezembro de 1982 nasceu Michael Scott. E como mudou o nosso casamento! Tudo na nossa vida começou a adquirir um novo sentido porque queríamos partilhá-lo com ele. Era tão impressionante ter uma criança pequena a quem cantar, com quem rezar e a quem dizer tudo o que me vinha à cabeça acerca de Deus! Scott e eu tínhamos que lutar dia a dia (e noite a noite) contra uns traços de egoísmo, que ainda não tínhamos detectado em nós, e isto por sua vez serviu-nos para conhecer o Senhor de um modo mais profundo do que antes.

Scott começou a estudar mais a fundo a liturgia, e a fazer alterações interessantes no nosso serviço de culto. Passamos a ter a comunhão semanal, o que era algo insólito numa Igreja Presbiteriana. Mas embora recebêssemos a comunhão com mais frequência, continuávamos a acreditar que era apenas uma representação simbólica do sacrifício de Cristo, e nada mais. Contudo, o estudo que Scott fazia do *Evangelho de São João* e da *Epístola aos Hebreus*, para preparar as suas aulas e sermões, sugeria-lhe novos temas de meditação, o que, por vezes, era muito inquietante para ele.

Scott ia buscar muitas ideias nos primeiros Padres da Igreja, e começou a expô-las nos sermões. Foi algo inesperado para ambos, porque não tínhamos lido praticamente nada dos Padres da Igreja durante os anos do seminário. Na verdade, no último ano nos tínhamos queixado, entre amigos, de um certo "romanismo" latente, quando um sacerdote anglicano propôs um seminário sobre os primeiros Padres da Igreja. E agora, aí estava Scott citando-os nos sermões!

Uma noite saiu do escritório e disse-me:

– Kimberly, tenho que ser sincero contigo. Você conhece algumas das dúvidas com que me tenho debatido e as perguntas para as quais não consigo encontrar resposta. Não sei quanto tempo mais continuaremos a ser presbiterianos. Talvez

tenhamos que nos tornar episcopalianos.

Afundei-me na cadeira e comecei a chorar. Pensei: "Se quisesse ser episcopaliana teria casado com um episcopaliano. Não quero ser episcopaliana. Onde Scott iria parar nesta "peregrinação"? Só estava segura de uma coisa: ele nunca pensara seriamente que os católicos pudessem ser cristãos, pelo que não havia a menor possibilidade de que isso viesse a acontecer.

Chegou então essa noite decisiva em que um estudante (ainda por cima, um ex-católico) lhe perguntou onde é que a Bíblia ensina a doutrina da *sola Scriptura*.

Enquanto Scott procurava uma resposta para dar ao jovem, partilhou comigo a sua preocupação primordial. A separação entre protestantes e católicos no tempo da Reforma assentava em dois princípios fundamentais: que somos justificados unicamente pela fé, e que a nossa única autoridade é a Escritura. Scott e eu tínhamos estudado juntos o problema da justificação e já não aceitávamos a concepção protestante. Mas, o que é que acontecia se a afirmação da exclusiva autoridade da Bíblia não se encontrava na Bíblia? O que é que isso poderia significar?

No fim do ano letivo, o Conselho Diretor do Seminário pediu a Scott que aceitasse o cargo de Decano. Decano! Aos vinte e seis anos! No entanto, Scott rejeitou essa maravilhosa oferta. Disse que não estava seguro de poder continuar a ser pastor nesse momento, porque tinha muitas dúvidas e perguntas importantes sem resposta. Precisava de um lugar onde pudesse estudar essas questões que tanto o atormentavam, para poder depois ensinar com honestidade, convencido pela Palavra de Deus de que estava ensinando a verdade.

Embora fosse difícil de aceitar, apreciei muito a sua integridade. Sem dúvida, teria de poder comparecer diante de Cristo no Dia do Juízo e explicar por que razão tinha ensinado o que tinha ensinado. Esta decisão levou-nos a rezar intensamente.

Depois de rezar muito, decidimos regressar a Grove City, a cidade da nossa universidade. Depois de ter tomado tal decisão – e até de ter alugado um

apartamento –, o reitor da Universidade telefonou a Scott e ofereceu-lhe um emprego. Tomamos isso como um sinal de que Deus aprovava a decisão de voltar a Grove City, e assim fizemos as malas e deixamos os nossos queridos amigos, dispostos a iniciar uma nova etapa da nossa vida familiar.

5

Scott à procura da Igreja

Scott:

Decidimos, portanto, voltar à cidade onde nos tínhamos conhecido. Queríamos estabelecer a nossa família numa localidade pequena e bonita, onde conhecêssemos muita gente, ao mesmo tempo que eu albergava a esperança de encontrar um trabalho que me permitisse ter as noites livres para poder estudar os problemas difíceis que me atormentavam.

Aceitei a oferta de trabalhar como assistente do reitor do *Grove City College*. Era o emprego ideal. Trabalhava das nove às cinco na administração, e ensinava a tempo parcial como professor convidado no Departamento de Teologia, dando uma matéria por semestre. Com isso, tinha as noites livres para estudar.

Um dos meus antigos professores perguntou-me por que razão estávamos de volta à cidade. Tinham-lhe dito que tinha sido pastor de uma próspera igreja na Virgínia e que ensinava também no seminário local. Estava desconcertado com a nossa mudança. Insinuei-lhe que a vida nos arredores do distrito de Colúmbia era muito agitada. Queríamos dedicar-nos mais à família... Não podia dar-lhe todas as razões, pois nem eu próprio as conhecia com certeza.

Pouco depois da mudança, durante uma visita aos meus sogros em Cincinnati, descobri uma livraria de livros usados que tinha adquirido a biblioteca de um defunto sacerdote católico, reconhecido especialista em Sagrada Escritura. Ao longo dos dois anos seguintes, fui saindo daquela livraria com quase trinta caixas dos seus livros de teologia. Comecei a devorá-los, lendo cinco, seis e às vezes mesmo sete horas por noite. Cheguei a examinar pelo menos duzentos livros. Pela primeira vez estava em contato com o catolicismo nas suas próprias fontes, por assim dizer.

Às vezes, à noite, brincava com Kimberly do que eu chamava "Adivinha quem é o teólogo". Numa ocasião li um texto do Concílio Vaticano II, e perguntei-lhe:

– Quem escreveu isto?

– É parecido com os sermões que você fazia na Virgínia... – disse ela – Não imagina como tenho saudades de ouvi-lo pregar!

– Isto não é meu. É do Vaticano II. Acredita?

– Não me interessa nada disso – foi a sua única resposta.

Continuei a ler todo o tipo de livros de teologia católica. Uma noite detive-me na sala de jantar, a caminho para o escritório, e disse-lhe:

– Kimberly, tenho que ser sincero contigo. Há um tempo que venho lendo muitos livros católicos, e creio que Deus me está me chamando para a Igreja Católica.

Ela respondeu rapidamente:

– Não poderíamos tornar-nos episcopalianos?

Pelo visto havia algo mais terrível do que ser episcopaliano. Tudo menos católico!

Entrei num seminário católico, de rito bizantino, para assistir à liturgia das Vésperas. Não era uma Missa; era apenas um ofício de oração, com todas as reverências, incenso e ícones, odores e sinos. Ao terminar, um seminarista me perguntou:

– O que é que você achou?

Só consegui murmurar:

– Agora já sei para que é que Deus me deu um corpo: para adorar o Senhor com o seu Povo na liturgia.

Voltei para casa procurando e pedindo insistentemente a ajuda de Deus. Ainda tinha esperança de encontrar algum defeito grave que me dissuadisse de "me lançar ao Tibre", ou de me tornar um papista, como costumávamos dizer.

Comecei então a interessar-me pela religião ortodoxa. Fui falar com Peter Gilquist, um evangélico convertido à Igreja Ortodoxa de Antioquia, para saber porque é que ele tinha preferido a Igreja Ortodoxa à Católica. As suas razões

reforçaram a minha impressão de que o protestantismo estava errado; mas, ao mesmo tempo, achei a sua defesa da Igreja Ortodoxa como superior à Católica insatisfatória e superficial. Depois de um profundo exame, dei-me conta que as diversas Igrejas Ortodoxas estavam irremediavelmente divididas, como acontecia com os protestantes, com a diferença de que os ortodoxos se encontravam divididos por nacionalismos étnicos: havia grupos ortodoxos que se autodenominavam gregos, russos, romenos, búlgaros, húngaros, sérvios, etc. Coexistiram durante séculos, mas mais como uma família de irmãos que perderam o pai.

Um estudo mais atento levou-me a concluir que a religião ortodoxa tem uma liturgia maravilhosa e uma rica tradição, mas ficou estagnada na teologia. Convenci-me também que tinha erros doutrinais, ao ter rejeitado alguns ensinamentos da Escritura e da Igreja Católica, especialmente a cláusula *filioque* ("e do Filho"), que foi acrescentada ao Credo no Concílio de Niceia. Por outro lado, a sua rejeição do Papa como cabeça da Igreja parecia apoiar-se mais numa política imperial do que em sólidas bases teológicas. Isso ajudou-me a entender a razão pela qual, ao longo da sua história, os ortodoxos tendem a exaltar mais a figura do imperador e do Estado do que a do bispo e da Igreja (o que também se conhece como "cesaropapismo"). Veio-me à cabeça que a Rússia sofreu as consequências desta perspectiva ortodoxa ao longo do século XX.

Desde a época do seminário, mantinha frequentes e longas conversas telefônicas com o meu velho amigo de Gordon-Conwell, Gerry Matatics. Tínhamos grande afinidade espiritual e ele amava a Bíblia tanto como eu e odiava a Igreja Católica ainda mais do que eu. Naquela época era pastor de uma Igreja Presbiteriana em Harrisburg. Ambos partilhávamos a convicção de que a Igreja Católica era completamente diferente de certas denominações protestantes, como os Metodistas, os Luteranos ou a Assembleia de Deus, que estavam, a nosso ver, um pouco desviadas num ou noutro ponto da doutrina.

Mas se a Igreja Católica estava errada, não era apenas em questões de pormenor, porque nenhuma Igreja protestante sobre a terra tinha as extraordinárias e ofensivas pretensões que a Igreja Católica reivindicava como próprias. Por

exemplo, os Metodistas nunca mantiveram que a sua fosse a única e verdadeira Igreja fundada por Jesus; nem os Luteranos afirmavam ter como cabeça um Papa que era o vigário infalível de Cristo sobre a terra; nem os responsáveis da Assembleia de Deus afirmavam possuir uma ininterrupta linha de sucessão que remontava ao próprio Pedro.

Tal como o cardeal Newman antes de nós, Gerry e eu pensávamos que, se a Igreja Católica estava equivocada, era no mínimo diabólica. Se, pelo contrário, estava na verdade, então tinha que ter sido fundada e preservada divinamente; mas para ambos dificilmente esta era uma possibilidade séria.

Para ser sincero, aterrava-me pensar o que aconteceria quando Gerry descobrisse o que eu tinha andado lendo e pensando. E como falávamos muito, calculei que seria apenas uma questão de tempo.

Uma noite, finalmente, aconteceu. Estávamos conversando sobre a Escritura já fazia quase uma hora, quando de repente senti a necessidade de lhe ler um fragmento de *O espírito e as formas do protestantismo*, do padre Louis Bouyer. Não pensava dizer-lhe o título nem o autor, nem sequer a crença religiosa. Só queria ver a sua reação.

Depois de uma longa pausa, Gerry exclamou:

– Puxa, Scott, isso está muito bem escrito! De quem é?

A sua resposta deixou-me sem respiração, pois nunca pensei que gostasse. O que faria agora?

Quase sem voz, respondi:

– Louis Bouyer.

– Bouyer? Nunca ouvi falar dele... O que é? Anglicano?

– Não.

– Não há problema, Scott, eu também leio autores luteranos.

– Também não é luterano.

– Então o que é? Metodista?

– Não

– Então, Scott, o que é isto? Uma adivinha? Deixe de brincadeiras. É o quê?

Tapei a boca e murmurei:

– Católico.

Ouvi Gerry bater no telefone e dizer:

– Scott, acho que tenho um problema na linha e não consegui ouvir o que você falou.

Balbuciei um pouco mais alto:

– Disse que é católico.

– Scott, realmente deve haver alguma coisa no meu telefone. Juraria que falou que é um católico.

– Foi o que disse, Gerry. Na verdade tenho lido muitos livros católicos ultimamente.

Subitamente saiu tudo de golpe.

– Tenho de confessar a você, Gerry, que encontrei ouro. Não sei porque é que no seminário nunca nos falaram dos pensadores e teólogos mais brilhantes dos tempos modernos, homens como Henri de Lubac, Reginald Garrigou-Lagrange, Joseph Ratzinger, Hans Urs von Balthasar, Josef Pieper, Jean Daniélou, Christopher Dawson e Matthias Scheeben. São magníficos – apesar de estarem errados – são uma mina de ouro.

Gerry ficou pasmado.

– Calma, Scott. Mais devagar. Espera um segundo. O que é que está acontecendo?

– Gerry, preciso da sua ajuda – suspirei.

– Claro que te ajudo, homem – disse –, claro que te ajudo. Me mande uma lista

dos títulos que leu, e eu lhe mando outra com os melhores títulos anticatólicos que conheço.

Foi assim que enviei a Gerry uma lista dos melhores livros de teologia católica que tinha lido. Quando recebi a lista dele, verifiquei que já tinha lido todos os títulos que ele me recomendava.

Depois de um mês, Gerry voltou a telefonar.

Kimberly mal podia conter a ansiedade. Tinha rezado intensamente para que Deus nos mandasse alguma ajuda. Enquanto eu atendia o telefone, ela sussurrou:

– Finalmente alguém se preocupa com você, querido. Pedirei pelos frutos dessa conversa.

No mês transcorrido desde a nossa última conversa, Gerry tinha lido todos os livros da minha lista, e até alguns mais. E agora pedia-me:

– Por favor, pode me mandar mais alguns títulos? Quero ser verdadeiramente imparcial.

Para Kimberly, Gerry era uma espécie de "cavaleiro da reluzente armadura" enviado por Deus para resgatar o seu esposo da heresia. E tinha credenciais para tanto. Era um erudito *Phi, Beta, Kappa*, que se graduara em grego clássico e em latim, e fizera estudos de hebreu e de arameu. Estava, portanto, mais do que preparado para o combate.

– Claro, Gerry. Vou enviar mais alguns títulos com muito gosto – respondi.

Quase um mês mais tarde falamos durante três ou quatro horas, até cerca das três da manhã. Depois enfiei-me silenciosamente na cama para não acordar Kimberly. Mas ela sussurrou:

– Como foi? – estava completamente acordada.

– Foi impressionante, Kimberly.

Sentou-se na cama.

– Sério? Sabia que o Senhor ouviria as minhas orações e que Gerry te ajudaria.

– Sim, o Gerry está me ajudando. Leu todos os livros.

– Scott, ele está mesmo levando isso a sério.

– Claro que sim.

– Então, o que é que ele pensa? – perguntou ela.

– Bom, disse que por enquanto não encontrou um único ponto da doutrina católica para o qual não se possa encontrar um suporte bíblico.

Não era isto exatamente o que Kimberly esperava ouvir.

– O quê? – exclamou.

Na escuridão ouvi-a enfiar-se na cama. Escondeu a cara no travesseiro e começou a chorar. Procurei acalmá-la, mas ela exclamou:

– Não me toque! Sinto-me traída.

– Desculpa. Desculpa. Em todo o caso, Gerry continua estudando, por isso não perca a esperança.

Gerry, que supostamente iria ajudar-me, acabou por fraquejar. Começou a estudar mais a fundo a Escritura e, como consequência, descobriu todo o sentido da fé católica à luz da teologia da Aliança e dos primeiros Padres da Igreja.

Falamos muito ao telefone, procurando descobrir em que é que a Igreja Católica estava errada. Tinha de estar. Como conseguiríamos prová-lo? Cada vez que pensávamos ter achado o calcanhar de Aquiles, não só encontrávamos uma resposta, como uma resposta inquestionável. Começamos a sentir-nos realmente inquietos.

Nesse meio tempo, Kimberly acabava de dar à luz o nosso segundo filho, Gabriel. Outro filho significou uma enorme alegria; ao mesmo tempo, tornou mais premente a necessidade de resolver a situação. Agora, Kimberly era uma mãe muito ocupada, com pouco tempo para estudar teologia, e que se sentia cada vez mais ansiosa e confusa. Mas eu continuava lendo e estudando, como um

fanático.

Foi duro, porque Kimberly não queria ouvir falar da Igreja Católica. E mais duro ainda porque vários sacerdotes que visitei também não queriam falar sobre a Igreja. Saía discretamente à procura de algum sacerdote que pudesse responder a algumas das dúvidas que ainda tinha mas, um após outro, desiludiram-me.

A um deles perguntei-lhe:

– Padre Jim, o que é que devo fazer? Converter-me ao catolicismo?

– Em primeiro lugar – disse-me – não me chame "padre", por favor. Em segundo lugar, creio que na realidade você não precisa se converter. Depois do Vaticano II, não é muito ecumênico converter-se. O melhor que pode fazer é ser simplesmente o melhor presbiteriano que puder. Fará melhor à Igreja Católica se se mantiver onde está.

Assombrado, respondi:

– Escute, padre, não lhe estou pedindo que me agarre pelo braço e me faça católico à força. Creio que Deus pode estar me chamando à Igreja Católica, que é aí onde quer que eu encontre o meu lar, a minha família de Aliança.

Ele respondeu friamente:

– Bom, se o que quer é alguém que o ajude na sua conversão, você procurou a pessoa errada.

Fiquei gelado.

De regresso à casa, pedi ao Senhor que me guiasse até alguém que pudesse responder as minhas questões. De repente tive uma ideia: talvez devesse inscrever-me em matérias de Teologia numa Universidade católica.

Enviei a minha candidatura para o programa de doutorado da *Duquesne University*, em Pittsburgh. Fui aceito e recebi uma bolsa. Semanalmente viajava até lá de automóvel para assistir às aulas. Em alguns dos seminários, eu era o único protestante, e o único estudante que defendia o Papa João Paulo II! Era algo paradoxal. De repente me achava explicando a padres (e até a ex-padres)

como certas crenças católicas tinham o seu fundamento na Bíblia, especialmente na sua teologia da Aliança. Não era certo que pudesse encontrar respostas para as minhas perguntas ali.

Às vezes, na volta de Pittsburgh, acompanhava-me um amigo católico de Grove City, que se encontrava com o padre John Debicki, do Opus Dei. Antes, nunca tinha ouvido falar do Opus Dei. Tudo o que sabia é que era um sacerdote que levava a sério as minhas perguntas, dava respostas ponderadas e me fazia saber que rezava por mim. Era um homem humilde. Só mais tarde descobri que tinha estudado Teologia em Roma, onde tinha feito doutorado.

Vários católicos de *Duquesne* vieram falar comigo e comentaram:

– Você realmente consegue tornar eloquente a Escritura. Soa a católico o que você diz.

Eu respondi:

– Creio que é católico.

Nesse dia à noite, perguntei em voz alta a mim mesmo diante de Kimberly:

– Por que será que Gerry e eu somos os únicos que vemos estas doutrinas católicas na Escritura?

Kimberly respondeu com um certo cinismo:

– Talvez porque a Igreja sobre a qual estão lendo já não existe.

Talvez ela tivesse razão. Sentia-me assustado. Sabia que Kimberly pedia a Deus que alguém me ajudasse. Eu também rezava muito.

Alguém me mandou um terço de plástico. Ao ver aquelas contas senti que me enfrentava com o obstáculo mais forte de todos: Maria (os católicos não fazem a menor ideia de como é duro para os cristãos bíblicos aceitarem as doutrinas e devoções marianas). Mas eram já tantas as doutrinas da Igreja Católica que se tinham mostrado solidamente baseadas na Bíblia, que decidi dar um passo de fé neste ponto.

Fechei-me no escritório e rezei silenciosamente: “Senhor, a Igreja Católica

demonstrou estar na verdade em noventa e nove por cento dos casos. O único grande obstáculo que ainda subsiste é Maria. Peço-te perdão de antemão se o que vou fazer te ofende... Maria, se és apenas metade do que a Igreja Católica diz que és, por favor, apresenta a minha petição – que parece impossível – ao Senhor mediante esta oração".

Rezei então pela primeira vez o terço.

Voltei a rezá-lo muitas outras vezes pela mesma intenção ao longo da semana seguinte, mas depois esqueci-me do assunto. Três meses mais tarde me dei conta de que desde o dia em que tinha começado a rezar o terço aquela situação aparentemente impossível se tinha alterado completamente. A minha petição tinha sido ouvida!

Senti-me muito envergonhado pelo meu esquecimento e ingratidão. Nesse momento agradeci a Deus a sua misericórdia e voltei a utilizar o terço, que não deixei de rezar desde esse dia. É uma oração poderosa, uma arma incrível, que ilumina o escândalo da Encarnação: o Senhor elegeu uma humilde virgem camponesa e elevou-a para ser aquela que daria a natureza humana sem pecado à segunda Pessoa da Santíssima Trindade, para que pudesse tornar-se nosso Salvador.

Pouco depois recebi um telefonema de um velho amigo da universidade. Tinha ouvido dizer que eu andava namorando com a "prostituta da Babilônia", como ele mesmo disse. Não poupou palavras.

– Quer dizer que você já adora Maria, não é, Scott?

– Escute, Chris, você sabe muito bem que os católicos não "adoram" Maria; simplesmente a veneram.

– E qual é a diferença, Scott? Nenhuma das duas coisas tem base bíblica.

Não sabia o que dizer. De terço na mão, invoquei Maria para que me ajudasse. Revigorado, respondi:

– Olhe que pode ter uma surpresa.

– Ah, é? Por quê?

Comecei a dizer a primeira coisa que me veio à cabeça:

– Realmente é muito simples, Chris. Simplesmente recorda dois princípios bíblicos básicos. Primeiro: você sabe que, como homem, Jesus Cristo cumpriu à perfeição a lei de Deus, incluindo o mandamento de honrar pai e mãe. A palavra hebreia para honrar, *kabodah*, significa literalmente "glorificar". Ou seja que Cristo não só honrou o seu Pai celeste, como também honrou perfeitamente a sua mãe terrena, Maria, outorgando-lhe a sua própria glória divina. O segundo princípio é ainda mais simples: a imitação de Cristo. Imitamos Cristo não só honrando as nossas próprias mães, como também honrando aqueles que Ele honra, e com o mesmo tipo de honra que Ele lhes dá.

Seguiu-se uma longa pausa antes que Chris dissesse:

– Nunca tinha ouvido as coisas apresentadas desse modo.

Para ser franco, eu também não.

– Chris, isto é apenas um resumo do que os Papas têm dito ao longo dos séculos sobre a devoção a Maria.

Chris voltou ao ataque:

– Uma coisa são os Papas, mas onde é que isso aparece na Escritura?

Respondi instintivamente.

– Chris, Lucas 1, 48 diz: "De agora em diante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada". É isso que faz o terço, cumprir a Escritura.

Seguiu-se outra longa pausa, antes de Chris mudar rapidamente de tema.

A partir de então, senti que a recitação do terço me ajudava a aprofundar na minha própria compreensão da Bíblia. A chave era, obviamente, a meditação dos quinze mistérios; mas também me dei conta de que a própria oração confere uma certa perspicácia teológica para considerar todos os mistérios da nossa fé de acordo com algo que ultrapassa muito – mas não se opõe – a capacidade racional do intelecto: é o que alguns teólogos designaram como "a lógica do amor".

Descobri pela primeira vez essa "lógica do amor" ao contemplar a Sagrada Família

em Nazaré, modelo de todo lar. A Sagrada Família, por sua vez, apontava para a Aliança e, em última instância, para a própria vida íntima de Deus como eterna Sagrada Família: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Esta belíssima e convincente visão começou a encher o meu coração e a minha mente; mas não estava ainda muito certo de poder identificar a Igreja Católica como a expressão terrena da família da Aliança de Deus. Para chegar até lá precisava de muito mais oração e estudo.

Durante essa etapa, Gerry e eu continuamos com as nossas conversas telefônicas. Um dia convidou-me a acompanhá-lo a um encontro com um dos nossos mais brilhantes mestres, o doutor John Gerstner, um teólogo calvinista formado em Harvard e de fortes convicções anticatólicas. Gerry tinha-lhe comentado que estávamos estudando com muita seriedade as afirmações da Igreja Católica, pelo que ele estava mais do que disposto a encontrar-se conosco e a responder às nossas questões.

Gerry organizou o encontro. Devíamos levar o Novo Testamento em grego, a Bíblia em hebreu, os textos dos Concílios em latim e tudo o mais que quiséssemos; e devíamos estar preparados para debater qualquer questão, especialmente o tema da *sola fides*.

Ficamos de nos encontrar os três para jantar no *York Steak House*, próximo da casa de Gerry, em Harrisburg. Isso significava que o doutor Gerstner e eu viajaríamos juntos durante várias horas, tanto na ida como na volta. Sentia-me entusiasmado e nervoso ao pensar que teria a oportunidade de falar com um especialista tão erudito e devoto.

Já durante a viagem, doutor Gerstner e eu tivemos quatro horas de intensa discussão teológica. Comecei a tirar toda a reserva de argumentos que tinha preparado, todos sobre a Igreja Católica como ponto culminante da História da Salvação no Antigo Testamento, e como materialização da Nova Aliança.

Doutor Gerstner ouviu-me com atenção e respondeu a cada ponto com interesse e respeito. Parecia contemplar os meus argumentos como algo inovador, mas ao mesmo tempo insistia em que não justificavam por si só que alguém mudasse para a Igreja Católica, a que ele chamava “a sinagoga de Satanás”.

A certa altura, perguntou-me:

– Scott, que suporte bíblico encontra você para o Papa?

– Doutor Gerstner, o senhor recorda como o *Evangelho de Mateus* enfatiza o papel de Jesus como Filho de David e Rei de Israel, enviado pelo Pai para inaugurar o Reino dos céus? Creio que Mateus 16, 17-19 nos mostra como Jesus estabeleceu esse Reino. Deu a Simão três coisas: primeiro, um novo nome, Pedro (ou Pedra); segundo, o seu compromisso de edificar a sua Igreja sobre Pedro; e, terceiro, as chaves do Reino dos Céus. É este terceiro aspecto que me parece mais interessante.

Quando Jesus fala das "chaves do Reino" está se referindo a um importante texto do Antigo Testamento, Isaías 22, 20-22, onde Ezequias, o herdeiro do trono real de David e rei de Israel nos tempos de Isaías, substitui o seu velho primeiro ministro, Chebna, por um novo, chamado Eliacim. Qualquer pessoa podia dizer qual dos membros do gabinete real era o novo primeiro ministro, pois tinham-lhe sido entregues as chaves do Reino. Ao confiar a Pedro "as chaves do Reino", Jesus estabelece o cargo de primeiro-ministro para administrar a Igreja como o seu Reino na terra. Portanto, as "chaves" são um símbolo da missão e do primado de Pedro, para ser transmitido ao seu sucessor; assim foi sendo transmitido ao longo das épocas.

– É um argumento muito engenhoso, Scott – replicou.

– E como o refutamos nós, os protestantes?

– Bom, não creio tê-lo ouvido antes. Teria que pensar sobre isso um pouco mais. Continua com os outros argumentos.

Prossegui então descrevendo como a família da Aliança era o princípio central ou a ideia-chave da fé católica. Explica Maria como nossa Mãe, o Papa como nosso pai, os santos como nossos irmãos e irmãs, e as celebrações e dias de festa como festas de aniversário.

– Doutor Gerstner, tudo isso adquire significado quando se considera a Aliança como o ponto central da Escritura.

Ele escutava atentamente.

– Scott, acho que você está levando longe demais este assunto da Aliança.

– Talvez tenha razão, doutor Gestner, mas estou totalmente convencido de que a Aliança é central em toda a Escritura, tal como ensinaram os grandes protestantes João Calvino e Jonathan Edwards; só que também estou convencido de que a Aliança não é um contrato, como eles pensaram, mas antes um vínculo familiar sagrado entre Deus e o Seu povo. Se estou enganado em alguma destas questões, mostre-me onde, por favor. Poderia salvar a minha carreira.

Ele respondeu:

– Espera até nos encontrarmos com Gerry.

Uma vez chegados ao lugar da reunião, estivemos durante horas e horas a esmiuçar uma grande quantidade de temas, mas sobretudo a questão da justificação. Apresentei a perspectiva católica, segundo a qual a justificação não é apenas uma mera absolvição mas, à luz do Concílio de Trento, uma divina filiação. Durante seis horas, Gerry e eu apresentamos vários pontos de vista católicos; nenhum foi refutado. Colocamos também muitas perguntas que não tiveram uma resposta satisfatória.

Ao terminar, Gerry e eu olhamos um para o outro: ambos estávamos pálidos. Para nós, havia sido um choque. Tínhamos desejado e rezado para que alguém nos livrasse da humilhação de termos de nos converter.

Num momento em que ficamos sozinhos, disse-lhe:

– Gerry, sinto-me atraiçoado pela nossa tradição Reformada. Vim aqui pensando que íamos ser salvos das águas; mas a Igreja Católica não perdeu um único ponto. Os textos do Concílio de Trento foram tomados fora do contexto. Sem se dar conta, o Concílio tem sido mal interpretado em seus cânones, ao desligá-los das definições formuladas nos decretos.

Na volta para casa, falei muito mais com o doutor Gerstner. Pedi-lhe que me mostrasse onde é que a Bíblia ensina a doutrina da sola Scriptura. Mas não me

deu um único argumento novo. Em vez disso, colocou-me uma pergunta:

– Scott, se você concorda que agora nós possuímos a Palavra de Deus inspirada e sem erros na Escritura, o que mais pode nos faltar?

Respondi:

– Doutor Gerstner, não creio que a questão principal seja saber o que é que precisamos. Mas uma vez que o pergunta, exponho-lhe o meu ponto de vista. Desde a época da Reforma, foram surgindo mais de vinte e cinco mil diferentes confissões protestantes, e os especialistas dizem que na atualidade surgem cinco novas por semana. Cada uma delas afirma seguir o Espírito Santo e o sentido autêntico da Escritura. Deus sabe que devemos precisar de algo mais.

O que eu quero dizer, doutor Gerstner, é que quando os fundadores da nossa Nação nos deram a Constituição, não se contentaram apenas com isso. Imagine o que teríamos hoje se a única coisa que nos tivessem dado fosse um documento, por muito bom que fosse, junto com a recomendação "*que o espírito de George Washington guie cada cidadão*?" Teríamos a anarquia, que é precisamente o que temos nós, protestantes, no que se refere à unidade da Igreja. Em vez disso, os nossos pais fundadores deram-nos algo mais do que a Constituição; deram-nos um Governo – formado por um Presidente, um Congresso e um Senado – todos eles necessários para aplicar e interpretar a Constituição. E se isso é necessário para governar um país como o nosso, o que é que será necessário para governar uma Igreja que abarca o mundo inteiro?

É por isso, doutor Gerstner, que começo a acreditar que Cristo não nos deixou apenas com um livro e o seu Espírito. Aliás, o Evangelho não diz uma única palavra aos apóstolos a respeito de que deviam escrever; além disso, só menos da metade deles escreveram livros que foram incluídos no Novo Testamento. O que Cristo disse realmente – a Pedro – foi: "Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja... e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Por isso, vejo mais lógico que Jesus nos tenha deixado juntamente com a sua Igreja – composta por um Papa, Bispos e Concílios – tudo o que é necessário para administrar e interpretar a Escritura.

O doutor Gerstner fez uma pausa para pensar.

– Tudo isso é muito interessante, Scott, mas você disse que não acha que esse seja o tema principal. Qual é então para você o tema principal?

– Doutor Gerstner, creio que a questão principal é o que a Bíblia ensina sobre a Palavra de Deus, já que em nenhum lugar reduz a Palavra de Deus apenas à Escritura. Pelo contrário, a Bíblia diz-nos em muitos lugares que a autorizada Palavra de Deus deve buscar-se na Igreja: na sua tradição (2 Tes 2, 15; 3, 6), assim como na sua pregação e ensino (1 Ped 1, 25; 2 Ped 1, 20-21; Mt 18, 17). Por isso, penso que a Bíblia apoia o princípio católico de *solum verbum Dei*, "só a Palavra de Deus", em vez do princípio protestante *sola Scriptura*, "só a Bíblia".

O doutor Gerstner respondeu insistindo, uma e outra vez, que tanto a Tradição católica, como os Papas e os concílios ecumênicos, todos eles ensinaram coisas contrárias à Escritura.

– Contrárias a que interpretação da Escritura? – perguntei – Além disso, todos os historiadores da Igreja estão de acordo em que recebemos o Novo Testamento do Concílio de Hipona, no ano 393, e do Concílio de Cartago, no ano 397, e ambos enviaram as suas decisões a Roma, para serem aprovadas pelo Papa. O senhor não acha que do ano 30 ao 393 é demasiado tempo para estarmos sem Novo Testamento? Além disso, havia muitos outros livros que as pessoas de então pensavam que poderiam ser inspirados, como a *Epístola de Barnabé*, o *Pastor de Hermas* e os *Atos de Paulo*. Havia também múltiplos livros do Novo Testamento, como a *Segunda Carta de Pedro*, a *Carta de Judas* e o *Apocalipse*, que alguns consideravam que deviam ser excluídos. Afinal, que decisão seria digna de crédito e definitiva se a Igreja não ensinasse com autoridade infalível?

O doutor Gerstner replicou em tom calmo:

– Os Papas, os bispos e os concílios podem enganar-se e de fato se enganaram. Scott, como é que você pode pensar que Deus tornou Pedro infalível?

Refleti durante um momento.

– Bom, doutor Gerstner, tanto protestantes como católicos estão de acordo em

que Deus deve ter tornado infalível Pedro pelo menos em duas ocasiões: quando escreveu a *Primeira* e a *Segunda Epístola de Pedro*, por exemplo. Ora, se Deus o pode tornar infalível para ensinar com autoridade por escrito, porque é que não podia preservá-lo do erro ao ensinar com autoridade em pessoa? Do mesmo modo, se Deus pode fazer isso com Pedro e com os outros apóstolos que escreveram a Escritura, por que não podia fazer o mesmo com os seus sucessores, especialmente ao prever a anarquia a que se chegaria se não o fizesse? Por outro lado, como podemos estar seguros de que os vinte e sete livros do Novo Testamento são em si mesmos a infalível Palavra de Deus se foram Papas falíveis e concílios falíveis que nos deram essa lista?

Nunca esquecerei a sua resposta:

– Scott, isso significa simplesmente que o que podemos ter é uma coleção falível de documentos infalíveis.

– Isso é realmente o melhor que o cristianismo protestante histórico consegue proporcionar?

– Sim, Scott, tudo o que podemos fazer são juízos prováveis baseados na evidência histórica. Não temos nenhuma outra autoridade infalível além da Escritura.

– Mas, doutor Gerstner, como eu posso saber que é realmente a Palavra de Deus infalível o que estou lendo quando abro *Mateus* ou *Romanos* ou *Gálatas*?

– Como te disse, Scott, tudo o que temos é uma coleção falível de documentos infalíveis.

Senti-me de novo muito insatisfeito com as suas respostas, embora soubesse que apresentava com toda a honestidade as teses protestantes. Fiquei ali sentado, meditando no que ele dissera sobre a última fonte da autoridade, e sobre a inconsistência lógica da posição protestante.

A minha única resposta foi:

– Bom, se as coisas são assim, doutor Gerstner, acho que devemos ter a Bíblia e a Igreja. Ou as duas ou nenhuma!

Cheguei em casa na madrugada do dia seguinte. Quando contei a Kimberly os resultados da reunião, ela entrou em pânico. Esperava que a conversa tivesse resolvido o problema.

Pediu-me um compromisso:

– Por favor, não faça nada precipitadamente. Seria extremamente doloroso.

Assegurei-lhe:

– Se me converter, Kimberly, não será antes de 1990, prometo. E só me converterei se for absolutamente necessário; se não tiver outra saída em face dessas conclusões.

Estávamos em 1985. Parecia-me tempo suficiente para dar o passo de modo intelectualmente respeitável, se finalmente me convertesse.

Ela disse:

– Está bem. Acho que posso viver com isso.

Depois de muita oração, vimos que eu precisava trabalhar neste assunto em tempo integral. Decidimos que o melhor seria ir para a *Marquette University*, onde tinha descoberto uma excelente equipe de teólogos católicos que amavam a Igreja e ensinavam muito bem a sua doutrina. Encontrava-se lá um jesuíta, professor de Teologia, o padre Donald Keefe, especialista em teologia da Aliança. Quando soubemos que *Marquette* me tinha admitido no programa de doutorado em Teologia, e que além disso me oferecia uma bolsa completa e um trabalho como professor assistente, sentimos que era o Senhor quem nos guiava.

Mal sabia eu, mal sabíamos nós, que o nosso casamento estava a ponto de defrontar o período mais sombrio e tormentoso que alguma vez pudéssemos ter previsto.

Kimberly:

Quando regressamos a Grove City, estávamos entrando no "outono" da nossa história. Os ventos de mudança tinham começado a soprar. As cores eram muito belas, mas as mudanças que anunciavam eram presságios de letargo e de morte.

A mudança trouxe também alguma alteração no ritmo da nossa vida familiar. Scott começou o seu horário de trabalho das nove às cinco, como assistente do reitor do *Grove City College*. Eu concentrei-me em Michael e em renovar as nossas amizades.

O trabalho de Scott permitia-lhe dispor das noites para estudar durante horas e horas. Metia-se no escritório, fechava a porta, e eu não tinha nenhum desejo de que a abrisse. Não estava interessada em saber o que é que andava lendo. Enquanto ele conservasse a porta fechada, tudo para mim estava em ordem.

Realmente, começávamos a ter diferentes convicções: por um lado porque eu estava muito ocupada, e grávida do nosso segundo filho, e por outro, porque não me interessava o que Scott fazia. Tinha a certeza de que ele estava se afastando para uma margem, mas que por fim voltaria atrás. O importante para mim era manter-me firme.

Uma noite acordou-me, entusiasmado com um pensamento:

– Kimberly, você se dá conta de que estamos rodeados aqui e neste mesmo momento por Maria, os santos e um sem número de anjos?

Reagi de imediato:

– No meu quarto, não! Nem pensar!

O que Scott disse me perturbou. Maria? Scott pensava muito nela naquela época. Parecia que os católicos se centravam em Maria, como nós protestantes nos centrávamos em Jesus. Era a pessoa acessível; podíamos esconder-nos nas pregas do seu manto, em vez de encarar o rosto severo de Deus Pai. Maria era como a grande porta dos fundos para obter o favor de Deus, enquanto Jesus continuava a ser a incômoda porta principal. Repugnava-me pensar nessas coisas.

Tinha lido em certa ocasião uma história sobre um homem que estava restaurando o teto de uma bela capela italiana, e que um dia viu entrar uma americana que começou a rezar na igreja. Pensou que podia passar um momento divertido, e começou a dizer lá de cima: “Sou Jesus”. A mulher não fez caso.

Falou então um pouco mais alto: – "Sou Jesus". Nenhuma resposta. Por fim, o homem disse ainda mais alto: "Sou Jesus". A mulher olhou para cima e gritou: "Cala-te! Estou falando com a tua mãe!"

A minha impressão pessoal sobre o modo como os católicos consideravam Maria fazia-me pensar que estavam substituindo o amor, a devoção e a adoração devidos a Jesus pelo amor, a devoção e até a adoração a Maria. Exprimi esta preocupação a Scott, que a rebateu fazendo-me notar o quase total abandono no qual os protestantes a deixavam, ao ponto de nem sequer falarem dela, apesar de ter sido, pelo menos, a escolhida, a mulher mais privilegiada de todos os tempos, que levou no seu seio o Filho de Deus e lhe deu a sua natureza humana. Talvez os protestantes pensassem que assim compensavam a excessiva atenção que lhe dedicavam os católicos.

Quando me convidaram a falar no jantar de Natal das senhoras da Igreja, Scott animou-me a falar de Maria. Preparei então um estudo sobre Maria, como mulher de Deus, sem expor nenhum dos conceitos católicos sobre ela (nos quais ainda não acreditava). Disse-lhes que não tivessem medo de honrá-la como a mãe de Nosso Senhor, pois Jesus era ao mesmo tempo Filho de Deus e Filho de Maria.

Assim que acabei a palestra, as duas esposas dos pastores cantaram *What Child is this?*, mudando propositadamente as últimas palavras da estrofe, em vez de "o bebê, o Filho de Maria" cantaram "o bebê, o Filho de Deus", porque, pouco antes do jantar, um dos pastores tinha expressado a sua preocupação de que a letra original exagerasse a honra atribuída a Maria. Que belo exemplo para ilustrar a minha palestra!

Recordei uma aula no seminário em que o doutor Nicole disse que um concílio ecumênico tinha definido Maria como *Theotokos*, Mãe de Deus. A princípio aquilo nos ofendeu – Ela não tinha criado Deus! – mas ele esclareceu rapidamente o sentido desta afirmação: era necessário para a nossa salvação que Jesus fosse tão plenamente humano como plenamente divino: duas naturezas numa só Pessoa, a de Deus Filho. Portanto, dado que Maria é a fonte da sua natureza humana, ela é a mãe de Jesus; e dado que Jesus é Deus, ela é a mãe de

Deus. Não havia, portanto, razão para nos escandalizarmos com esta verdade – insistia o doutor Nicole – já que era a garantia da nossa salvação.

Um dia, ao entrar na sala de jantar, Scott me disse:

– Estive lendo uma grande quantidade de livros católicos ultimamente. Talvez Deus esteja me chamando para a Igreja Católica.

– Não poderíamos ser episcopalianos? – foi a minha resposta imediata.

Tal como estavam as coisas, preferia continuar a ser protestante como episcopaliana do que tornar-me católica. Ele sorriu, dando a entender que compreendia a razão da minha pergunta. Depois, pediu-me que rezasse por ele.

Rezava por ele com gosto, mas não queria conversar sobre as convicções que iam se enraizando na sua alma. Nesses momentos, só desejava manter Scott e as suas novas convicções longe do meu alcance. Durante um passeio, quis partilhar comigo gentilmente as suas dúvidas e convicções.

Disse-lhe:

– Scott, você é muito inteligente. Pode convencer qualquer pessoa em qualquer assunto.

Ele replicou:

– Então, não tenho ninguém com quem falar sobre nada?

Isso me tocou no fundo do coração. Como pude dizer-lhe, ou até pensar, que não queria falar sobre as suas reflexões teológicas, quando todo o nosso casamento se baseava precisamente nesse tipo de partilha?

O fato de Scott ser uma pessoa muito persuasiva não me dispensava de enfrentar a verdade. Mas eu não queria ouvi-la. Era muito arriscado, e eu tinha muito a perder. Pelo menos, deveria ter sentido certa curiosidade em saber a razão pela qual o meu marido considerava que o catolicismo era tão bíblico; entre outras coisas, porque a Bíblia era a base das minhas próprias convicções. Mas sentia-me excessivamente ameaçada para querer perguntar-lhe.

Comecei a sentir-me como se estivesse casada com um homem com quem não

tinha casado. Tinha-me casado com um presbiteriano reformado, não com um cristão qualquer. Contudo, Scott recordou-me que o que havia me atraído nele foi o fato de ser um cristão centrado na Bíblia, coisa que ainda continuava a ser. Suplicou-me que caminhasse ao seu lado na sua busca, mas eu não podia. Não queria.

Scott afinal tinha sido um anticatólico convencido, que pensava que não se podia ser ao mesmo tempo um cristão zeloso e um católico. Eu, em contrapartida, mantinha um ponto de vista mais equilibrado: os católicos podiam ser cristãos, mas não havia necessidade, e muito menos desejo da minha parte, de ser católica. Talvez todos esses estudos pudessem ajudá-lo a ser menos crítico em relação aos católicos e menos radical. Mas deixar de condená-los não significava juntar-se a eles!

Scott sentia que andava à procura da "Mãe Igreja", e que talvez a tivesse encontrado no catolicismo. Em contraste, eu nunca tinha sentido uma aguda necessidade de busca (talvez por ter sido criada dentro de uma família e de uma Igreja tão fortemente evangélicas, que tinham preenchido essa necessidade).

Comparando as convicções de Scott de agora com as que tinha quando estávamos na universidade, pareciam-me claramente diferentes. Scott via uma continuidade onde eu só encontrava descontinuidade. Scott explicava isto com uma analogia: uma semente de carvalho não parece um carvalho, mas tem em si todas as potencialidades para vir a ser um carvalho.

Costumava dizer: "aquilo em que eu acreditava na universidade e no seminário está chegando agora a um florescimento mais rico do que nunca. Houve um crescimento orgânico, embora as minhas crenças pareçam diferentes do que eram no princípio. Ainda creio na Bíblia. Ainda sou um cristão comprometido".

A analogia era plausível, deve-se reconhecê-lo. Mas também era possível que estivesse enganando-se a si mesmo e metendo-se em verdadeiros problemas teológicos.

Procuramos o conselho do meu pai, que me urgiu a manter-me a par das investigações de Scott. Mesmo que não quisesse dedicar-me a esse estudo, em

nada nos ajudaria ir crescendo a ritmos desiguais.

Por fim, aceitei ler um livro, *A fé dos nossos pais*, do cardeal Gibbons. Era um livro simples, mas com muita lógica, e isso me incomodou. O catolicismo não podia ser tão claro! Senti-me tão contrariada que joguei o livro para o outro lado da sala, coisa que nunca tinha feito antes.

Não, pensei, vou limitar-me a esperar que Scott encontre por si mesmo o caminho de regresso à verdade. Tenho um *Master* em Teologia! Será que preciso começar a aprender tudo outra vez, voltar às primeiras letras da Teologia? Tinha uma vida muito ocupada para fazer isso.

O salmista expressa os sentimentos que me embargavam então (Sl 69, 14-17):

"Quanto a mim, Senhor, a minha oração sobe até Vós,

no tempo propício.

Respondei-me, Senhor, pela grandeza do Vosso amor,

com a fidelidade do Vosso auxílio.

Tirai-me do lodo para que me não afunde.

Respondei-me, Senhor, porque o Vosso amor é bondade;

segundo a Vossa grande compaixão, voltai-Vos para mim".

No meio de toda esta tormenta teológica em casa, o Senhor abençoou-nos com outro filho maravilhoso, Gabriel Kirk, no nosso quinto aniversário de casamento, 18 de agosto de 1984. Ao dá-lo à luz, recordei uma oração que Scott e eu tínhamos rezado na primeira vez que saímos juntos: que Deus fizesse nascer muitos homens piedosos. Pensei: "Senhor, será o Gabriel – e, pela mesma razão, o Michael – em parte uma resposta às nossas orações de então? É sem dúvida uma maneira lenta de fazer discípulos, mas, por favor, ajuda-nos a criá-los de forma que sejam homens piedosos e entregues a Ti".

O primeiro ano de vida de Gabriel foi bastante agitado. Além de cuidar dos nossos

dois filhos, muitas outras atividades interessantes consumiam o tempo que eu poderia ter dedicado a estudar e a resolver os problemas entre mim e Scott. Dirigia três estudos bíblicos, presidia o grupo local a favor da vida, e ajudava a recrutar advogados pró-vida no campus do *Grove City College*. Scott trocou o seu trabalho em tempo integral na universidade por outro, em tempo parcial, com jovens, em duas igrejas e na universidade. Começou também a preparar o doutorado na *Duquesne University*. Apesar de ser uma instituição católica, ele era com frequência o único defensor da fé católica nas aulas.

No meio de todas estas ocupações, Scott prosseguia a sua busca. Ao ver que o seu interesse pela Igreja Católica não diminuía, comecei a considerar o peso de tudo o que perderíamos se Scott se convertesse ao catolicismo. Todos os sonhos que tínhamos partilhado acabariam: trabalhar em equipe, como pastor e esposa, Scott voltar a ensinar no *Grove City College* ou no *Seminário Teológico Gordon-Conwell*, e ambos viajarem e darem palestras sobre a doutrina da Reforma protestante.

Certa noite, disse-me que tinha começado a rezar o terço. Não podia acreditar no que ouvia! Nem sequer sabia que tinha um terço. O seu estudo, e agora a prática do catolicismo, começava a tornar-se sério.

Um amigo nosso do seminário, Gerry Matatics, desafiou a nova orientação teológica de Scott. Na frente de Scott, eu chamava-lhe o meu "cavaleiro da reluzente armadura" que vinha salvar-me desta tragédia. Gerry pressionava Scott, pedindo-lhe listas dos seus livros católicos. Eu estava-lhe muito agradecida, especialmente porque Gerry era muito parecido com Scott: uma pessoa de convicções, que procurava realmente a verdade, fosse qual fosse.

Mas nunca poderei esquecer a noite em que Scott voltou ao nosso quarto, depois de falar por telefone com Gerry durante horas, e me falou do entusiasmo de Gerry com os livros católicos que estava lendo!

Tudo o que consegui fazer foi chorar. O meu "cavaleiro da reluzente armadura" começava a ficar amolecido! Se Gerry não era capaz de brecar Scott, eu não sabia quem mais poderia fazê-lo.

Quando Gerry organizou uma reunião com o doutor Gerstner, as minhas esperanças voltaram, mas apenas para vê-las despedaçadas de novo quando ouvi o relato de Scott sobre esse encontro.

Desde o princípio da nossa relação, Scott e eu tínhamos crescido e evoluído juntos, pelo menos em pequena escala, nas nossas convicções. Mas, com ele mudando e eu me negando a mudar, começávamos a deixar de confiar um no outro. O fundamento de confiança do nosso casamento estava tremendamente abalado.

Depois de um dia particularmente atormentado, disse a Scott: "Nunca pensarei no suicídio como uma opção, mas hoje pedi a Deus que me desse uma doença mortal, que acabasse de uma vez por todas com estas inquietações. Então você poderia encontrar uma bela garota católica e recomeçar a sua vida com ela".

Scott sentiu-se muito abatido ao ouvir-me exprimir assim a minha angústia.

– Não volte a dizer – nem sequer a pensar – isso outra vez! Eu não quero nenhuma bela garota católica. Quero você.

Era o começo do "inverno" da minha alma. Recordo até em que canto da sala estava quando senti que a alegria do Senhor me deixava. Exceto em alguns breves instantes, não mais voltei a senti-la durante quase cinco longos anos: foi um vazio como nunca antes tinha experimentado. A alegria do Senhor, que fora a minha fortaleza e alentara o meu espírito, estava agora bloqueada pela minha recusa em abrir-me ao estudo, à leitura e até ao diálogo. Sentia-me como diante de um muro, que não sabia como superar, e nem sequer estava segura se alguma vez quereria tentar.

"Senhor, a alegria desapareceu. Quem és Tu? Eu te conheci durante toda a minha vida. Pensava que Te entendia, mas agora não entendo nada. És o Deus dos católicos ou o Deus dos protestantes? Sinto-me tão confusa". Não houve nenhuma resposta.

6

Ir a Roma é voltar para casa

Scott:

Foi uma decisão de mútuo acordo, embora difícil, mudar-nos para Milwaukee, para eu me dedicar o tempo todo a preparar o doutorado em Teologia e Sagrada Escritura. Naquele semestre de outono descobri, seminário após seminário, como podia ser verdadeira e bela a doutrina católica, e como eram exigentes e práticos os ensinamentos morais da Igreja sobre o casamento, a família e a sociedade. Achei-me defendendo a doutrina católica, mesmo quando os católicos não o faziam.

É verdade que muitos estudantes católicos davam testemunho da sua fé, ao mesmo tempo que a viviam e desfrutavam com ela. Eu partilhava uma sala com um deles, John Grabowski, que me levou à sua paróquia e me introduziu na liturgia eucarística. Através de John entrei em contato com uma instituição católica excepcional, a *Franciscan University of Steubenville*, em Ohio, onde ele tinha concluído a licenciatura em Teologia. Explicou-me tudo o que se refere à ênfase que ali se dava à "ortodoxia dinâmica". (Mal sabia eu que, apenas cinco anos mais tarde, eu mesmo estaria ali como professor.)

Outra colega de doutorado, Mônica Migliorino Miller, ajudou-me de várias maneiras. Primeiro, depois de me ouvir falar na aula como um católico, amavelmente, mas com firmeza, desafiou-me a viver de acordo com as minhas convicções católicas.

Segundo, com o seu valente compromisso no movimento pró-vida, a Mônica motivou-nos, a Kimberly e a mim, a colaborar também. Isso possibilitou-nos encontrar o tão necessário interesse comum, como voluntários a favor da família, combatendo o aborto e a pornografia na zona de Milwaukee.

Escrevi vários artigos defendendo e fundamentando posições católicas. Desenvolvi os meus argumentos acerca de *Mateus* 16, 17-19 num trabalho de 30

páginas intitulado “Pedro e as chaves” para um seminário sobre o *Evangelho de Mateus*. O professor, um protestante, examinou-me durante mais de uma hora, mas reconheceu que não encontrava nenhuma falha na minha argumentação.

Alguns dos meus amigos não católicos pensavam que o Senhor me concedia uma visão magnífica, embora não soubessem aonde ela me estava levando. Isso absorvia completamente a minha imaginação e a minha inteligência.

Preparei outro trabalho, com cerca de cem páginas, intitulado “*Familia Dei*: para uma teologia da Aliança, da Família e da Trindade”, no qual sintetizava o resultado de mais de dez anos de pesquisa sobre a Aliança. Esta adquiria cada vez mais sentido: se aliança significa uma família na qual os membros partilham a carne e o sangue, então, Cristo tinha instituído a Eucaristia para nos tornar capazes de partilhar o vínculo de carne e sangue da sua família baseada na Nova Aliança, a Igreja Católica.

O padre John Debicki, o meu amigo sacerdote de Pittsburgh, pôs-me em contato com o *Layton Study Center*, um centro do Opus Dei, em Milwaukee. Os amigos que ali encontrei, tanto sacerdotes como leigos, deram-me uma perspectiva prática da oração, do trabalho, da família, do apostolado, que integrou tudo o que havia de positivo na minha experiência evangélica dentro de um sólido plano de vida católico. Ensinaram-me e animaram-me, como leigo, a encontrar modos de transformar o meu trabalho em oração. Um dos membros casados, Chris Wolfe, estimulava-me constantemente a dar total prioridade à minha vida interior.

Por fim, o processo de conversão começava, sobrenaturalmente, a tomar um tom romântico. O Espírito Santo mostrava-me que a Igreja Católica, que tanto me aterrorizara antes, era na realidade o meu lar e a minha família. Experimentava um gozoso sentimento de regresso a casa à medida que redescobria o meu pai, a minha mãe e os meus irmãos e irmãs mais velhos.

Até que um dia meti fatalmente “o pé na argola”: decidi que tinha chegado o momento de ir sozinho à Missa. Tomei finalmente a resolução de atravessar as portas de *Gesù*, a paróquia da *Marquette University*. Um pouco antes do meio dia, fui silenciosamente até a cripta da capela para a Missa diária. Não tinha a certeza do que ia encontrar; talvez ficasse só com o sacerdote ou com um par de

freiras mais velhas. Sentei-me no último banco, observando.

Subitamente, começaram a entrar numerosas pessoas vindas da rua, gente normal e corrente. Entravam, faziam uma genuflexão e ajoelhavam-se para rezar. Impressionou-me a sua devoção simples mas sincera.

Soou uma campainha, e um sacerdote dirigiu-se para o altar. Eu continuei sentado, duvidando ainda se devia ajoelhar-me ou não. Como evangélico calvinista, tinha aprendido que a Missa católica era o maior sacrilégio que um homem podia cometer – imolar Cristo outra vez -, por isso não sabia o que fazer.

Observava e escutava atentamente que as leituras, orações e respostas – tão impregnadas da Escritura – convertiam a Bíblia em algo vivo. Tinha vontade de interromper a Missa e dizer: "Espera. Essa frase é de *Isaías*; o cântico é dos *Salmos*. Puxa! Aí está outro profeta nessa oração". Encontrei muitos elementos da antiga liturgia judaica, que havia estudado tão intensamente.

Então, subitamente, compreendi que era ali o lugar da Bíblia. Aquele era o ambiente no qual esta preciosa herança de família devia ser lida, proclamada e explicada. Depois passamos à Liturgia Eucarística, onde todas as minhas afirmações sobre a Aliança encontravam o seu lugar.

Queria interromper cada parte e gritar: "Ei! Vocês querem que eu lhes explique o que está acontecendo do ponto de vista da Escritura? Isto é fantástico!" – Mas, em vez disso, eu estava ali sentado, sobrenaturalmente faminto do Pão da Vida.

Depois de pronunciar as palavras da consagração, o sacerdote elevou a hóstia. Senti então que a última sombra de dúvida se tinha dissipado dentro de mim. Com todo o meu coração, murmurei: "Meu Senhor e meu Deus. Tu estás verdadeiramente aí! E se és Tu, então quero estar em plena comunhão contigo. Não quero negar-te nada".

Recordei então a minha promessa: 1990. "Ah, é verdade. Tenho que me controlar. Sou um presbiteriano, não é verdade? Claro!.". – E com isto, saí da capela sem dizer absolutamente a ninguém onde tinha estado, ou o que tinha feito. Mas no dia seguinte lá estava eu outra vez, e assim dia após dia. Em menos de duas semanas, estava preso. Não sei como explicar, mas tinha-me enamorado

completamente de Nosso Senhor na Eucaristia. A Sua presença no Santíssimo Sacramento era para mim poderosa e pessoal. Mesmo ficando na parte de trás, comecei a ajoelhar-me e a rezar com os outros, a quem agora reconhecia como irmãos e irmãs. Não era um órfão! Tinha encontrado a minha família, a família de Deus. De repente, 1990 pareceu-me muito distante.

Dia após dia, presenciando todo o drama da Missa, via a Aliança renovada diante dos meus olhos. Sabia que Cristo queria que eu o recebesse com fé, não só espiritualmente no meu coração, mas também fisicamente: sobre a língua, na garganta, e dentro de todo o meu corpo e alma. Era este o sentido da Encarnação. Este era o Evangelho na sua plenitude.

Todos os dias, depois da Missa, dedicava entre meia hora e uma hora a rezar o rosário. Sentia que o Senhor derramava o seu poder através da sua Mãe diante do Santíssimo Sacramento. Suplicava-lhe que abrisse o meu coração e me manifestasse a sua Vontade.

"Senhor, é a tua chamada sobrenatural, ou me encontro simplesmente preso numa espécie de fuga intelectual?"

As coisas começaram a precipitar-se. Duas semanas antes da Páscoa de 1986, Gerry telefonou-me para nos anunciar que ele e a sua mulher, Leslie, iam abraçar o catolicismo durante a Vigília Pascal. Fiquei pasmado.

– Gerry, não posso acreditar. Pensávamos que você iria impedir que eu me tornasse católico. Não pode chegar antes de mim à Eucaristia! – Não me parecia justo.

– Scott, não quero intrometer-me nas suas razões para esperar. Mas a nós o Senhor já nos mostrou o suficiente para nos convencer a converter-nos ao catolicismo neste ano.

Dirigi-me então ao Senhor em oração: "Senhor, que queres que eu faça?" Recordo ter rezado assim e ter pensado: "Pergunto a mim mesmo por que é que não Te fiz esta pergunta antes, Senhor: o que é que Tu queres que faça?"

Estava completamente desconcertado, quando, para minha grande surpresa,

senti que me respondia: “O que é que tu, meu filho, queres fazer?”

Isso era fácil. Nem sequer precisei pensar duas vezes: “Pai, quero voltar para casa. Quero receber-te a ti, Jesus, meu Irmão mais velho e Senhor, na Sagrada Eucaristia”.

E houve como uma suave resposta do Senhor: “Eu não te estou detendo”.

Senti-me rejubilar. É impossível descrever. Lembrei-me então que era melhor consultar primeiro a única pessoa que estava ainda, realmente, procurando deter-me. Desci as escadas à procura de Kimberly, e disse-lhe:

– Kimberly, nem imagina o que Gerry me acaba de dizer. Ele e a Leslie vão unir-se à Igreja Católica na Páscoa, daqui a duas semanas.

Kimberly respondeu com cautela:

– E o que isso muda as coisas? – atravessava-me com o olhar.

– Bom, tenho estado rezando e pedindo ao Senhor que me guie...

– Você falou que não seria antes de 1990, lembra? Prometeu. Não se esquive agora à sua promessa com pretextos espirituais.

Contrariado, tive que admitir que ela tinha razão.

– Sim..., lembro-me..., 1990. Mas desde que comecei a ir diariamente à Missa, sinto que Cristo me chama a si na Sagrada Eucaristia.

Ouviu em silêncio, com uma expressão de profunda dor estampada no rosto.

– Kimberly, não sei como explicar, mas tenho receio de ter chegado a um ponto no qual adiar a minha obediência seria desobediência. Você poderia, por favor, rezar para ver como seria possível me libertar dessa promessa?

Sentimos nesse momento uma dor que as palavras não podem descrever. Depois de um longo momento de oração em outra sala, ela voltou, abraçou-me e disse-me:

– Dispenso você da sua promessa, Scott, mas quero que saiba que nunca na minha vida me senti tão profundamente traída e abandonada.

Foi muito duro para os dois.

Mais tarde, nessa noite, rezei com insistência: "Senhor, por que é que me mostras a tua família, e ao mesmo tempo me afastas da minha? Para que é que me apresentaste a tua Esposa, a Igreja, e me arrastaste para longe da minha?"

Durante esse tempo de oração, o Senhor pareceu dizer-me: "Eu não estou te chamando «apesar» do teu amor a Kimberly e às crianças, mas precisamente «por causa» do teu – e do meu – amor a eles. Scott, você precisa da plenitude da graça na Eucaristia para que Eu possa amá-los através de ti".

"Senhor, Tu mesmo não poderias dizer isso a ela? – supliquei.

Fui falar com monsenhor Bruskewitz, que era então pároco da Igreja de São Bernardo. (Chegou a ser bispo de Lincoln, em Nebraska.) São Bernardo era a paróquia mais ortodoxa, e também a mais vital, da zona. Tinha a esperança de que pudesse tornar-se num lar espiritual para mim. Não me enganei.

Monsenhor Bruskewitz ouviu a minha longa odisseia teológica. Como teólogo bem preparado, podia compreender todo o meu estudo e a minha luta. Fez-me saber que não haveria nenhum obstáculo à minha entrada na Igreja Católica durante a Vigília Pascal. Contudo, como sagaz pastor que era, percebeu que eu precisava também de alguns conselhos práticos.

Escutou pacientemente os meus planos para me preparar para a Primeira Comunhão: uma semana de oração que terminaria com três dias de jejum até chegar à Vigília Pascal. Depois, com fina sabedoria e gentileza, perguntou-me:

– E como é que Kimberly e as crianças se encaixam em tudo isto?

Tive que reconhecer envergonhado que os tinha deixado de certo modo fora dos meus planos. O monsenhor propôs:

– Scott, posso sugerir um plano alternativo?

– Claro que sim! – respondi contrito.

– Por que não lhes prodigaliza o seu amor e as suas atenções durante toda a semana, e termina com um ótimo piquenique no parque, no sábado,

imediatamente antes de eu lhe dar a Primeira Comunhão nessa noite?

Graças a Deus pela sabedoria pastoral.

A Vigília Pascal de 1986 foi um momento de verdadeira alegria sobrenatural, assim como de uma grande tristeza natural. Recebi o *grand slam* sacramental: o Batismo condicional, a Penitência, a Confirmação e a Primeira Comunhão. Regressei ao banco e sentei-me ao lado da minha amargurada esposa, a quem amava com todo o coração. Pus-lhe o braço à volta, e começamos a rezar. Senti que era como se o próprio Cristo, por meio da Sua Eucaristia em mim, nos abraçasse aos dois.

Era como se o Senhor dissesse: "Scott, isto não depende dos seus sentimentos. Pela minha entrega a você na Sagrada Eucaristia, pode confiar em mim agora mais do que nunca. Agora habito em você, no corpo e na alma, de um modo mais forte do que nunca".

Agradeço ao Senhor que tenha usado a Sagrada Comunhão para me assegurar que Ele velaria por nós nos tempos difíceis que nos esperavam.

Kimberly:

A mudança para Milwaukee implicou afastarmo-nos da família, dos amigos e da Igreja, e ir para um lugar estranho para os dois. Não conhecíamos ali ninguém antes de chegarmos.

Apesar de assistirmos juntos a uma Igreja protestante, eu dispunha do tempo que faltava a Scott para fomentar novas amizades. Mas o fato de estar numa universidade católica proporcionava-lhe a ele mais oportunidades de arranjar amigos católicos. De modo que, também neste aspecto, continuávamos nos afastando um do outro, desenvolvendo amizades separadas.

Eu dedicava a maior parte do tempo cuidando dos nossos dois filhinhos. Mas à medida que fomos tendo mais consciência da dimensão das indústrias do aborto e da pornografia à nossa volta – nove clínicas de aborto e cinco livrarias "para adultos", só no centro de Milwaukee –, engagei-me bastante em combatê-las. Como consequência, tinha pouquíssimo tempo, e menos ainda vontade, para

estudar. A minha esperança era que alguém em *Marquette* fizesse o que até agora ninguém tinha conseguido: evitar a deserção de Scott para Roma.

Nunca imaginei que Scott antecipasse a data da sua adesão à Igreja Católica de 1990 para 1986. Quando faltavam uns dez dias para a Páscoa, saiu do escritório para me dizer: "Kimberly, Gerry e Leslie vão ser recebidos na Igreja Católica nesta Vigília Pascal. Preciso que ouça o que há no meu coração: desde que comecei a ir à Missa na universidade desejo ardentemente receber o Senhor na Eucaristia. E estou já tão convencido de que a Igreja Católica está na verdade, que se não me uno a ela agora, e recebo o Senhor, acho que Lhe estou desobedecendo. Ambos sabemos que adiar a obediência é desobediência".

Senti-me destruída. Ele me tinha prometido: "Não antes de 1990". E, no entanto, podia ver o seu profundo conflito interior entre a promessa feita, por um lado, e a sua cada vez mais firme convicção, por outro. Não podia interpor-me no caminho da sua obediência ao Senhor, fossem quais fossem as consequências para a sua carreira e para o bem estar da nossa família. Scott devia deixar-me espaço livre para que o Espírito Santo abrisse o meu coração, e eu devia libertá-lo da promessa de esperar até que eu estivesse disposta a unir-me a ele, para poder seguir adiante em obediência ao Senhor, como ele a entendia.

Nessa noite, registrei no meu diário de oração a intensa solidão e o sentimento de abandono que me embargava. Escrevi: "Senhor, a quem posso ir com a minha profunda ferida?" E com certo sarcasmo acrescentei: "E não me diga que procure Maria e os santos!"

Estávamos a apenas dez dias da Páscoa. Isso significava que tínhamos apenas dez dias para avisar a família e dar-lhes a notícia daquilo que até agora tínhamos mantido mais ou menos em silêncio. Tínhamos apenas dez dias para telefonar aos nossos amigos teólogos, com a esperança de que algum pudesse dissuadir Scott, antes de dar o salto para a Igreja Católica. (Os professores encontravam-se numa posição muito difícil, tentando responder às objeções que Scott tinha passado anos estudando. Mas o fato de que tão poucos tentassem detê-lo, quando ele podia estar afundando a sua alma na ruína, e com os seus talentos afundar depois outras almas, aumentou o meu sentimento de abandono.)

Era muito difícil saber como falar do tema de um modo que não comprometesse a nossa lealdade mútua. Se eu tivesse mencionado à minha família, ou à de Scott, como era profunda a minha pena, isso teria causado um tremendo confronto entre eles e Scott. Era uma questão de lealdade entre nós. Tínhamos que nos proteger um ao outro, pelo bem do nosso casamento e da nossa família, e não revelar a ninguém o tremendo pesar que ambos sentíamos. Mas isto tornava ainda mais intensa a solidão que ambos experimentávamos.

Eu sentia-me profundamente traída. Não tinha nada contra os católicos, mas não teria procurado um como namorado. E agora acontecia que ia estar casada com um!

Acompanhei Scott à Missa da Vigília Pascal com uma das minhas queridas amigas protestantes. Lá estava Chris Wolfe, o padrinho de Scott. Em dado momento, Scott inclinou-se e disse-me que Greg Wolfe (não era da família de Chris) ia ser padrinho do Gerry nessa mesma noite, quando ele e a Leslie fossem recebidos na Igreja Católica na Filadélfia. Esbocei um sorriso forçado, mas não disse nada; era mais do que uma pequena ironia que ambos fossem conduzidos à Igreja Católica por dois "lobos"[1].

Por um lado, a maior parte da cerimônia fascinou-me: houve muitas leituras da Escritura que narravam as diversas Alianças estabelecidas por Deus no Antigo Testamento, até chegar a Cristo. (Eu não imaginava que os católicos lessem tanto a Bíblia!) Muitos elementos da liturgia recordavam-me o culto judeu do Antigo Testamento, com o incenso, as reverências, o altar e o sacrifício. E a alegria das pessoas era muito grande (como se acreditassem mesmo em tudo o que estavam fazendo e dizendo).

Contudo, por outro lado, sentia-me morrendo por dentro. Diante dos meus próprios olhos, Scott estava se comprometendo com uma Igreja que nos separaria agora, e talvez para sempre. Nunca mais poderíamos receber a comunhão lado a lado, a não ser que um dos dois mudasse de maneira de pensar (e não era difícil imaginar quem teria de ser!). Este grande sinal de unidade cristã transformou-se no nosso símbolo de desunião. E a alegria das pessoas era como um punhal no meu coração, porque aquilo que lhes alegrava era para mim a

causa de uma dor indescritível.

Depois da Missa, alguém pegou uma máquina para tirar uma fotografia de todos com Scott. Quis escapar do grupo, mas Scott insistiu para que eu também aparecesse na fotografia. Eu pensava: “Para quê vou querer uma recordação da pior noite da minha vida?” Apesar de todos os amigos de Scott terem sido muito amáveis comigo na celebração que se seguiu, era desesperador ver a admiração que mostravam por ele, quando o nosso casamento estava atravessando o seu pior momento.

1 - Wolfe pronuncia-se como wolf, que é lobo em inglês (N.T.).

7

As dificuldades de um casamento misto

Scott:

Começaram a telefonar os amigos, cheios de curiosidade. A conversa típica era mais ou menos esta:

– Scott, acabo de ouvir um rumor mal-intencionado – sei que não pode ser verdade – que você se converteu num católico romano!

E eu respondia:

– É verdade, pode crer! Pela graça de Deus, me converti ao catolicismo, e nunca poderei agradecer o suficiente.

A conversa costumava acabar neste ponto, de forma mais ou menos abrupta:

– Ah.., estou vendo. Bom, Scott, por favor mande lembranças a Kimberly e diz-lhe que rezamos por ela.

Suponho que na realidade o que queriam era dar a Kimberly os pêsames. Na prática, era como se eu tivesse morrido e tivesse sido substituído por um papista impostor, a julgar pela forma como a maioria me tratava.

Amigos íntimos distanciaram-se. Membros da minha família deixaram de falar comigo e me viravam as costas. Um dos meus colegas de turma, graduado comigo e fervoroso evangélico, converteu-se em ex-amigo de um dia para o outro.

O mais irônico é que, pouco tempo antes, eu tinha sido muito mais anticatólico do que qualquer um deles. De fato, a maioria não se considerava em absoluto anticatólica, apesar de nem sequer franzirem a sobrancelha se eu simplesmente tivesse me unido aos luteranos ou aos metodistas. Agora, faziam-me sentir como um leproso.

Jamais houve qualquer desejo de dialogar, e muito menos de discutir. As minhas

razões não tinham nenhuma importância, porque tinha feito o inconcebível. Tinha cometido uma traição, um crime vil.

Mas a dor e a desolação não podiam ser comparadas com a alegria e a fortaleza que me vinham de saber que estava fazendo a vontade de Deus e obedecendo à sua Palavra. Comparados com o privilégio de ir diariamente à Missa e receber a Sagrada Comunhão, os meus sacrifícios pareciam mínimos. Aprendi também que estes sofrimentos podiam unir-se ao sacrifício eucarístico de Cristo, com um efeito real e com muita consolação. No meio de tudo isto, sentia-me conduzido a uma maior intimidade com Nosso Senhor e com Nossa Senhora. O sofrimento tornava o romance mais real.

Nesse meio tempo, Kimberly e eu navegávamos em águas cada vez mais agitadas. Passavam-se dias e semanas sem partilharmos nada de espiritual. O que ela menos desejava era ouvir-me falar acerca dos benefícios da Missa diária ou da meditação dos mistérios do terço. Enquanto a minha vida interior avançava vigorosa, o meu casamento retrocedia. E o que tornava isto ainda mais penoso era que, pouco tempo antes, tínhamos partilhado momentos muito ricos no nosso apostolado conjunto. Perguntava a mim mesmo se alguma vez mais as coisas voltariam a ser como antes, se o nosso casamento conseguiria sobreviver a este período de prova e de agonia.

Só o Senhor, por meio da graça do sacramento do Matrimônio, nos fez prosseguir, como mais tarde ambos reconheceríamos. Ouvi uma vez um sacerdote dizer: “O casamento não é difícil, é humanamente impossível. Por isso, Cristo o restabeleceu como um sacramento”.

Kimberly continuava a alimentar a esperança de que aparecesse alguém que conseguisse convencer-me. Um pastor calvinista chamado Wayne resolveu encontrar-se conosco. Depois de algumas sessões de mais ou menos quatro horas cada, Wayne disse a Kimberly:

– Qualquer dia o Papa excomunga Scott, por ser demasiado bíblico.

– Quais são os seus pontos fracos?

– Bom, não sei. Os argumentos dele apoiam-se na Bíblia e na Aliança. Mas não

são católicos. Não podem ser.

Suspeitava que Kimberly se interrogava secretamente sobre até que ponto o catolicismo seria bíblico, mas não estava disposta a partilhar comigo as suas "dúvidas". Tínhamos chegado a um ponto em que quase não conseguíamos falar de nada sem cair numa discussão doutrinal; qualquer tentativa de enfrentar com sinceridade as nossas diferenças terminava em mágoa e frustração.

Eu animava Kimberly a ouvir as minhas discussões com outras pessoas sobre aspectos controversos da doutrina católica. Essa aproximação indireta revelou-se uma fonte de menos tensões nas relações entre nós, do que quando nos enfrentávamos a sós.

Para me afastar das tensões domésticas e das pressões académicas, comecei a dar um curso bíblico semanal na minha paróquia, São Bernardo. Monsenhor Bruskewitz deu-me o maior apoio, e era ele próprio, com a sua sólida pregação, que fomentava o interesse dos fiéis pela Bíblia. Era alentador para mim ver – e para Kimberly ouvir – o seu desejo insaciável de Sagrada Escritura. Que grande privilégio era poder abrir a Palavra de Deus para partilhar os tesouros da fé da Igreja com os meus novos irmãos e irmãs católicos! Depois de uma sessão especialmente animada sobre "Uma explicação bíblica das indulgências", um velho paroquiano chamado Joe exclamou:

– Sim, senhor! Às vezes, tem que ser um imigrante a explicar as coisas aos nativos.

Poucos meses depois de ter sido recebido na Igreja Católica, começaram a assaltar-me algumas dúvidas, não sobre se me tinha enganado ou não ao converter-me ao catolicismo, mas sobre se não teria cometido um suicídio profissional ao ter ficado sem nenhuma opção de trabalho. Afinal, perguntava eu, como pode um especialista em teologia evangélica converter-se num humilde aprendiz de teologia católica? Não é que não estivesse encantado com o estudo da teologia católica, mas não via na prática como é que isso poderia trazer o pão à nossa mesa.

Decidi telefonar ao meu pai, que ainda dirigia em Pittsburgh o negócio familiar

Helm and Hahn, uma pequena companhia de desenho e produção de joias. Poucos anos antes, dera emprego ao meu irmão mais velho, Fritz. Tinha esperança de que tivesse um lugar disponível para outro membro da família.

– Pai, por acaso teria algum trabalho na oficina para um ex-teólogo evangélico?

Após uma pausa, respondeu-me com um tom de profundo pesar:

– Scott, ficaria encantado de ter você trabalhando conosco. Bem o sabe. Mas por enquanto não posso lhe oferecer trabalho. A economia anda mal por aqui, e o negócio de joalheria em geral caiu em todo o país. Tivemos que fazer cortes e ajustes por todo lado. Sinto muito, filho.

– Não se preocupes, pai. Só tinha a esperança de encontrar um trabalho para manter a minha família.

– Scott, o que é que você está me falando? Lembro-me perfeitamente de ter ouvido o reitor da sua universidade dizer que queria você de volta o mais rápido possível, para dar aulas de teologia. E o que foi feito dos seus professores de *Gordon-Conwell*? Não lhe disseram que acabasse o doutorado para depois regressar e ensinar lá também?

– Sim, pai, mas isso foi antes de eu ser católico. Agora sou *persona non grata* em ambos os lugares. Ninguém pensaria sequer em contratar um pária papista como eu.

– Scott, custa-me ouvir isso. Mas digo-lhe uma coisa: não renuncie ainda à teologia. Você adora estudar e tem um dom para ensinar. Se eu fosse você, ainda continuaria com ela por algum tempo.

Graças sejam dadas a Deus pela sabedoria paterna.

Pesava-me mais do que nunca ver-me agora com uma família crescendo, mas sem meios de mantê-la. Perseguia-me a ideia de que jamais teria tempo suficiente para dominar o latim, e muito menos para estudar as obras de Tomás de Aquino, Boaventura, Caetano, Belarmino, e toda uma série de outros veneráveis. Como poderia chegar a ensinar teologia católica?

A ajuda e o consolo vieram de duas fontes. A primeira foram os meus estudos

prévios de filosofia no *Grove City College*, onde me tinha entusiasmado e mergulhado na filosofia de São Tomás. Apesar da minha atitude anticatólica, percebi que era muito bom desde que o descobri, e na minha mente nada se podia comparar a Aquino. Obviamente, tinha posto de parte tudo o que era especificamente católico dos seus escritos. (Tomás – pensava eu – nasceu cedo demais; muito antes que a luz de Lutero e Calvino pudessem guiá-lo.) Mas tinha devorado os seus escritos filosóficos, especialmente a metafísica, adquirindo de passagem a estranha e inverosímil reputação de ser um "evangélico tomista".

O consolo veio também de uma segunda fonte, em concreto de um amável e velho sacerdote, bibliotecário emérito do *Seminário Saint Francis*, padre Ray Fetterer, que teve piedade deste pobre graduado presbiteriano que procurava ilustrar a sua passagem para a Igreja Católica. Sempre que um convento, mosteiro, colégio ou universidade fechava as suas portas na região, as respectivas bibliotecas eram enviadas ao padre Fetterer, para serem classificadas e amontoadas num velho ginásio subterrâneo.

Dezenas de milhares de velhos livros de teologia, escritura, filosofia, história e literatura, terminavam nas estantes, para que as pessoas interessadas pudessem folheá-los e comprá-los a preços irrisórios, fixados por um velho sacerdote filantropo. Descobri essa mina de ouro acidentalmente, já que não a anunciavam e raramente a abriam, em geral só com agendamento prévio. No fim de um ano, tinha adquirido literalmente dezenas de caixas de livros; e como ele se compadecia tanto da minha precária situação, pagava apenas uma parte dos já baixos preços que pedia normalmente. Para mim era um sonho feito realidade: pela graça de Deus, a generosidade de um sacerdote trouxe fortuna a este convertido!

Por poucas centenas de dólares, acabei por adquirir milhares de livros, incluindo clássicos, como os sessenta volumes da edição Blackfriars da *Summa Theologica* de São Tomás de Aquino (em latim e inglês), mais de duas dúzias de volumes das obras do cardeal John Henry Newman, o monumental *Dictionnaire de Théologie Catholique* em quinze enormes volumes, a velha *Catholic Encyclopedia*, a *New Catholic Encyclopedia*, além de centenas de livros de comentários eucarísticos e

escritos patrísticos, para não mencionar várias décadas de valiosas revistas teológicas, tais como *The Thomist, Theological Studies, Communio, American Ecclesiastical Review, Catholic Biblical Quarterly, Revue Biblique e Vetus Testamentum*. Graças a Deus, encontrei-me de posse de uma biblioteca pessoal de teologia, filosofia e história católicas que teria sido uma bênção para qualquer seminário.

O que é que ia fazer com semelhante tesouro? Tornar-me joalheiro?

Deus utilizou este consolo para me devolver a confiança de que Ele supriria o que tivesse faltado na minha formação como teólogo católico. Além disso, percebi que não havia naquele momento instituições católicas nas quais um leigo, como eu, pudesse receber uma formação doutrinal rigorosa dentro da tradição católica, mesmo que tivesse tido o dinheiro e o tempo suficientes para tal. Continuava, pois, a perguntar-me se haveria ou não um lugar para mim em algum ponto dentro da Igreja.

Uma noite, recebi uma chamada do doutor John Hittinger, professor de filosofia no *Saint Francis College de Joliet*, em Illinois. Representava uma equipe que procurava um professor de teologia, com a qualificação necessária, para dar cursos em diferentes graus de ensino no ano seguinte, especialmente a estudantes universitários católicos.

Não me considerava particularmente qualificado, nem sequer tinha preparado um *curriculum vitae*, e menos ainda o tinha enviado a alguém. E como não tinha apresentado a minha candidatura para este trabalho (nem para qualquer outro), aí estava eu sentado, interrogando-me, enquanto falávamos, onde teria conseguido aquele professor o meu nome. Quando lhe perguntei, referiu-se a um "amigo de confiança" do Departamento de Teologia de *Marquette*, que me tinha recomendado. Senti-me tão surpreendido como agradecido.

Naquele momento, contudo, ainda pensava me dedicar no ano seguinte, como estudante em tempo integral, a escrever e defender a tese de doutorado. Mas a nossa economia andava tão apertada, que me questionava se me poderia permitir isso. Era cada vez mais duvidoso. Contudo, mesmo no caso de conseguir, sempre me seria útil a experiência de passar por uma entrevista de trabalho numa

instituição católica. Além disso, John dissera-me que havia mais de trinta candidatos ao lugar. Assim, bem vistas as coisas, quais eram as minhas possibilidades?

A entrevista correu muito bem; estavam interessados em mim. Talvez pelo meu entusiasmo de neófito. Em todo o caso, a situação era atraente. Nesta instituição o reitor estava interessado em recuperar a identidade católica da universidade, seriamente afetada por anos de pressões financeiras, acadêmicas e espirituais. Parecia um desafio apaixonante. Depois de uma segunda entrevista e de muita oração, decidi aceitar a proposta.

Nessa época, Kimberly e as nossas duas crianças não iam à Missa comigo. Monsenhor Bruskewitz disse-me que, dada a nossa particular situação, era me permitido acompanhá-los à igreja de Elmsbrook, desde que isto não pusesse em risco a minha fé católica. Ia simplesmente para dar um pouco de paz aos nossos domingos.

Um domingo de manhã, em Elmsbrook, estávamos de pé cantando o hino final, quando de repente Kimberly voltou-se para mim, pálida como um fantasma, e murmurou:

– Scott, sinto-me muito mal.

Sentou-se ao meu lado, enjoada e semi-inconsciente. Enquanto a congregação saía, Kimberly agarrou-me a mão, apertando-a fortemente:

– Scott, estou sangrando muito.

Naquele momento estava no meio da terceira gravidez. Deitei-a no banco e, sem saber o que fazer, corri para o telefone público para tentar localizar o ginecologista. Numa manhã de domingo, que probabilidades havia? Além do mais, ele era novo na cidade. Mas isso não me impediu de rezar intensamente a São Gerardo e a São José.

No consultório do médico, não sabiam onde poderia estar, mas iam tentar localizá-lo através do *beep*. Quando desliguei, sentia-me à beira do desespero: "Senhor, por que nos mandas isto agora? Kimberly já se sente abandonada por ti,

tal como estão as coisas".

Menos de dois minutos mais tarde, soou o telefone. Levantei-o, perguntando a mim próprio quem seria:

– Alô?

– Sou o doutor Marmion. Posso falar com Scott Hahn?

– Ah, sim! Sou eu, doutor Marmion.

– Scott, qual é o problema?

– Kimberly está com uma hemorragia séria.

– Scott, onde vocês estão?

– Estamos nos arredores de Milwaukee, numa aldeia chamada Brookfield.

– Em que lugar propriamente de Brookfield?

– Na igreja de Elmsbrook, quase nos arredores.

– Em que parte da igreja?

– Fora do santuário, precisamente em frente da porta principal.

– Vou imediatamente. Por sorte, eu estava visitando Elmsbrook esta manhã. Estou justamente debaixo de vocês, no subsolo!

Meio minuto mais tarde, o doutor Marmion estava ao lado de Kimberly, o tempo suficiente para eu invocar de novo São Gerardo, pedindo-lhe que intercedesse por nós. O médico mandou-nos imediatamente para o Hospital de São José, dizendo que nos esperaria lá. Uns amigos levaram as crianças, e nós dois corremos para o hospital.

Uma vez ali, tivemos consciência de que o Senhor tinha salvado o bebê, e que, com cuidados particulares, a condição de "placenta prévia" não nos roubaria este filho.

Pela primeira vez depois de muito tempo, louvamos juntos a Deus do mais fundo do coração.

Kimberly:

Eu procurava ajustar-me à nova vida de Scott, como católico. Na semana posterior à Páscoa, Scott dirigiu um estudo bíblico em nossa casa, ao qual eu também assisti. Quando pediram a um jovem que rezasse uma oração, para começar, imediatamente recitou a Ave Maria. Saí da sala agoniada, caí de joelhos no quarto, e chorei amargamente: como se atrevera a pronunciar essas palavras na minha casa, esfregando com sal as minhas feridas, ainda abertas pela conversão de Scott! Mais tarde procurei unir-me a eles novamente, mas os seus comentários e expressões de piedade católica eram insuportáveis. Scott transferiu rapidamente o estudo bíblico para fora da nossa casa, gesto pelo qual lhe fiquei muito agradecida.

Felizmente, Scott nunca fez da sua fé católica um "assunto de submissão" entre nós, obrigando-me a submeter-me à sua orientação espiritual, quando o meu coração não podia admitir o que a minha mente ainda não aceitava. Embora ansiasse com todo o seu ser ter-me ao seu lado na Missa, suplicando-me que partilhasse a sua alegria na Igreja e o ajudasse no seu ministério dentro da Igreja, não abusava da sua posição de líder espiritual da família, para exigir-me que fizesse algo contrário à minha consciência. De fato, respeitava-me por manter as minhas convicções, embora questionasse a minha contínua resistência em examinar as questões que causavam a nossa separação espiritual.

Contudo, ambos sabíamos – e era a minha convicção profunda – que os nossos filhos pertenciam primordialmente a Deus sob a orientação espiritual de Scott. Isso queria dizer que, mais cedo ou mais tarde, em algum momento, seriam educados como católicos, independentemente de eu ser protestante ou católica. Que pudesse ser, dentro de pouco tempo, o único membro protestante da minha família, era para mim algo extraordinariamente doloroso. Mal podia suportar a ideia da solidão que sentiria nessa situação.

De fato, em breve essa ideia perturbou o meu profundo desejo de ter outro filho. Disse a Scott que não ia dar à luz mais crianças para o Papa! Afortunadamente, em poucas semanas, o Senhor utilizou o meu desejo de ter mais filhos, e o meu amor a Scott, para abrir o meu coração à vontade de Deus em relação aos filhos.

Tinha que ser obediente ao Senhor estando aberta a novas vidas, e confiando nEle as consequências que pudessem derivar da pertença de Scott à Igreja Católica.

Habitualmente, Scott guardava os objetos religiosos – terços, escapulários e imagens – no escritório, mas às vezes encontrava-os em cima da cômoda. Comecei a notar em mim certos ciúmes em relação a Maria (similares aos que, como tinha ouvido, os homens sentiam em relação a Jesus quando as suas mulheres se tornavam cristãs). Eu estava em clara desvantagem; supostamente ela era pura, amável, uma companhia maravilhosa, gentil, compassiva; em contraste, eu não tinha a mesma amabilidade com Scott. Quando ele saía para dar uma volta, sabia que era para rezar o terço a Maria. Agradecia-lhe que não o rezasse na minha frente; mas sentia ciúmes de que pudesse dedicar tempo a passear e a falar amenamente com ela, e parecesse não ter tempo para fazer o mesmo comigo.

Um dia, quando Scott se preparava para dar testemunho da sua conversão ao catolicismo, explodi:

– Não consigo entender porque é que Deus pode pegar num jovem casal, uns esposos bem instruídos e comprometidos numa visão unânime da vida e num apostolado em comum, para pôr as suas vidas completamente às avessas, de modo a caminharmos agora em direções diferentes. Por que terá Ele querido isso?

Não esperava a resposta de Scott. Observou:

– Será possível que Deus nos ame tanto? Uma vez que por você mesma nunca se teria interessado em conhecer o catolicismo, talvez Ele me tenha convertido primeiro e me tenha feito passar por esta terrível solidão – isolado de muitos protestantes, e de tantos católicos da universidade, a quem não interessa nada o que fiz, para não falar da solidão entre nós dois – para mostrar gradualmente a você a beleza da Igreja Católica, para acolher também você no seu seio, para abençoá-la com os seus sacramentos, para lhe dar a plenitude da fé que já possui.

Disse-lhe:

– É difícil ver tudo isso como amor, mas calculo que seja possível.

Tinha que admitir que, realmente, por minha própria iniciativa, nunca me teria interessado pelo catolicismo. E acrescentei:

– Só não fique esperando ver-me correndo por aí para dar o meu testemunho, se é que eu me converto.

Scott respondeu rapidamente:

– Não quero que se converta a não ser quando estiver ansiosa por partilhar a sua fé.

Dizendo isto, afastou-se, saindo pela porta, e ali fiquei eu, de novo a sós com os meus pensamentos.

As ondas de sofrimento nos afogavam por separado, enquanto contemplávamos a morte de tantos sonhos. Sei que o sofrimento é uma emoção que pode parecer demasiado forte para ser aplicada ao nosso caso, mas de fato não me vem à cabeça uma palavra melhor. Ambos estávamos padecendo uma morte lenta, sem sequer termos a certeza de que pudesse haver alguma espécie de ressurreição mais tarde. Scott pelo menos tinha o consolo de acreditar que estava cumprindo a vontade de Deus. Eu não tinha essa certeza.

A minha amargura era diferente da dele. Sofria por já não poder ser a esposa de um pastor, como tinha sido o meu sonho toda a vida. Não via como eu poderia me encaixar na missão de Scott de formar sacerdotes, que era o que agora ele dizia que queria fazer; tínhamos planejado aconselhar jovens casais na preparação do casamento, o que não tem cabimento em um seminário católico.

A possibilidade de voltarmos tanto ao *Grove City College* como ao *Seminário Teológico Gordon-Conwell* para lecionar, outro sonho que ambos tínhamos alimentado, tinha-se esfumado. O futuro era incerto quanto à possibilidade de Scott poder voltar a ensinar ao nível para o qual se tinha formado.

Sempre tinha desejado que todos os meus filhos se dedicassem inteiramente a servir o Senhor, mas agora dava-me conta que, se eles o fizessem, teria de resignar-me a não ter netos. (Como protestantes, tanto o meu pai, como o meu

irmão e o meu marido eram ministros casados, razão pela qual nunca havíamos precisado pensar no celibato.)

Embora pareça uma minúcia, temia também a possibilidade de ver a nossa casa abarrotada de artigos religiosos. Quando um amigo nos deu um crucifixo, na presença de um grupo de pessoas, fiquei sem palavras. Tudo o que consegui pensar foi: "Já tem o meu marido; não queira agora decorar a minha casa!"

Felizmente, Scott teve o acerto de dizer, ao aceitar:

– Já sei onde vou pôr, no escritório.

Nosso querido amigo não fazia a menor ideia do sofrimento que isto me causava. E não havia ninguém com quem partilhá-lo, para sentir algum alívio.

Já não mantínhamos nenhuma conversa teológica em profundidade que não acabasse numa áspera discussão. Scott tinha sido o meu melhor amigo, com quem partilhara os meus sofrimentos. Mas agora, como podia fazê-lo, se ele era precisamente a maior causa dos meus pesares? Também Scott teria suportado mais facilmente a solidão se pudesse contar comigo ao seu lado, mas eu não podia nem queria ajudá-lo a levar esse peso; ao fim e ao cabo, tinha sido uma decisão dele, e estas eram as consequências.

Scott sofria de fato um isolamento atroz. Era mal interpretado e rejeitado por muitos amigos protestantes, que não lhe falavam pelas mesmas razões pelas quais eu não lhe falava. (Alguns amigos suportaram-nos até eu me converter; a partir de então, também eles rejeitaram a nossa amizade.) Sentia que alguns antigos professores pensavam que nem sequer valia a pena procurar convencê-lo de que estava enganado. E também não conseguia entender a indiferença de muitos católicos de Marquette pela sua conversão, católicos que mostravam total desinteresse pela sua experiência, em lugar de lhe proporcionarem acolhimento por tudo o que tinha arriscado e deixado para trás. E, para cúmulo, tinha começado a viver como católico, no seio de uma família protestante, indo à Missa sozinho (o que continuou a fazer durante dois anos e meio), sem partilhar os aspectos específicos da sua fé com as crianças, uma vez que ainda não tinha chegado o momento oportuno.

O isolamento entre nós era cada vez mais insuportável. Tínhamos sido tão amigos e partilhado tanto das nossas vidas. No seminário, muitas mulheres não se interessavam pelos estudos dos maridos mais do que se teriam interessado por entender folhas de balanços, ou leis tributárias, se os seus maridos fossem contadores. Mas eu tinha caminhado sempre ao lado de Scott, estudando com ele, lendo os seus textos e aprendendo com ele. Agora, em lugar de partilhar as suas descobertas e alegrar-me com ele, odiava conhecer os detalhes. Optei por ler os seus trabalhos sem grande atenção, embora fosse eu que os passasse à máquina. (Se se escreve com bastante rapidez, não é necessário ler o texto). Como podia Scott partilhar a sua carga de sofrimento comigo, se eu era a principal causa dessa dor?

O meu único consolo era a Bíblia. Mas comecei a ter medo de estudá-la, porque Scott insistia que a Bíblia dizia uma coisa diferente do que eu pensava. Scott proclamava que a Bíblia o tinha conduzido à fé católica. Mas a Bíblia era a base da minha fé! Em certa ocasião lançou-me esta pergunta:

– Qual é a coluna e o fundamento da verdade?

Repliquei rapidamente:

– A Palavra de Deus.

Disse-me:

– Então por que é que São Paulo em 1 Timóteo 3, 15 diz que é a Igreja? Por que é que aos protestantes não lhes vem à cabeça esta resposta?

– Porque isso só está na sua Bíblia católica, Scott.

Ele então abriu a minha Bíblia e mostrou-me esse versículo, que não me lembro de ter lido antes.

Não tínhamos simples conversas sobre teologia, tínhamos autênticos debates teológicos. Às vezes, as discussões entre nós duravam até às duas ou três da manhã e, no dia seguinte durante o café da manhã, Scott ainda me perguntava se tinha tido novas ideias. Começávamos tentando manter uma discussão cordial sobre Teologia, mas acabava sempre por se tornar muito penosa e difícil. Então

parávamos, recuávamos cada um para o seu canto, por um tempo. Era uma aflição renovada.

Alguns amigos diziam-me que uma esposa devia se submeter ao marido, não importando o que tivesse na cabeça. Não entendiam porque eu não simplesmente dava um passo em frente e me convertia. Outros amigos protestantes me recordavam constantemente que continuavam a rezar, para eu conseguir aguentar até Scott se recapacitar. E havia católicos que diziam: "Qual é o problema? Se Maria é um incômodo para você, simplesmente deixe-a de lado".

Scott continuava comigo porque não era a favor do divórcio. E na realidade eu também não. Quando casamos, concordamos em nem sequer fazer brincadeiras com esta palavra, de tal modo era profundo o nosso modo de pensar sobre este tema. No entanto, houve dois momentos nesse primeiro ano a seguir à conversão de Scott nos quais, vagueando pela casa, me interroguei: posso deixá-lo? Até pensava para que hotel iria e o que faria depois, porque não suportava o peso da aflição: fisicamente feria o meu coração e emocionalmente sentia-me destroçada. A única coisa em que conseguia pensar era em ir-me embora.

Mas eu sabia que não podia me afastar de Scott sem, ao mesmo tempo, me afastar de Deus. E afastar-me de Deus era condenar-me a mim mesma ao inferno. A existência de ambos, de Deus e do inferno, era demasiado clara para mim para continuar a pensar em fugir, graças a Deus. Assim, durante dez minutos, Deus dava-me força suficiente para resistir outros dez. E depois sentia-me capaz de ficar e de aguentar mais tempo.

Esta passagem do capítulo três das *Lamentações* expressa bem a agonia do meu coração e a minha luta para recuperar a esperança no Senhor:

> *"Cravou nos meus rins as flechas da sua aljava.*
>
> *Quebrou-me os dentes com uma pedra, e mergulhou-me na cinza.*
>
> *A paz foi desterrada da minha alma. Já não sei o que é a felicidade.*
>
> *E eu disse: «Desapareceu a minha força, bem como a minha esperança no Senhor".*

Lembrai-vos dos meus tormentos e misérias, que são para mim absinto e veneno.

A pensar nisto sem cessar, a minha alma desfalece dentro de mim.

Eis, porém, o que hei-de recordar para recuperar a esperança:

É graças ao Senhor que não fomos aniquilados; sim, não se esgotou a Sua misericórdia.

Cada manhã ela se manifesta; é grande a Sua fidelidade.

«O Senhor é a minha herança», disse a minha alma, por isso esperarei nEle".

De certo modo, tinha esperança: não por Scott ou por mim, mas pela fidelidade do Senhor. De algum modo, o Senhor renovaria a sua misericórdia comigo – e com Scott – para termos todos os dias a graça de que necessitávamos neste difícil momento.

Scott amava cada vez mais os símbolos do catolicismo, embora sem ostentação. Fazia o sinal da cruz ao rezar. Tinha um crucifixo no escritório. Ouvi-o rezando uma Ave Maria com um amigo. Cada uma destas coisas era uma punhalada no meu coração. Cada uma, uma recordação da nossa desunião.

A ausência da alegria da minha salvação era muito intensa. E isto tornava-se, às vezes, particularmente penoso porque conseguia adivinhar quanta alegria Scott procurava dissimular. Mesmo no meio da sua dor, ele realmente experimentava a alegria do Senhor em moldes novos, especialmente através da Eucaristia. Uma e outra vez perguntava ao Senhor no meu diário de oração: "Onde está a alegria da minha salvação? Sei que fui salva. Scott nem sequer põe isso em dúvida, mas onde está a minha alegria e por que a dele é tão forte?"

Era muito recalcitrante, é o melhor adjetivo que consigo usar. Teria desejado estudar, mas, ao mesmo tempo, tinha medo. Às vezes, Scott vinha e dizia:

– Kimberly, aceita ler só um parágrafo deste artigo?

– É sobre Maria?

– Sim.

– Então não. Por favor, saia. Não poderia encontrar outra coisa sobre a qual nós dois pudéssemos ler e conversar?

Um converso instruído e conversador não é uma pessoa com quem seja fácil conviver (naquela época, eu talvez não tivesse lido muito, mas tinha ouvido teologia suficiente para obter outro *Master*). Para ele, conviver com uma pessoa de mente fechada e avessa a conversar também era muito difícil.

O mais duro, durante todo este tempo, era não conseguir entender onde estava Deus, porque não conseguia dizer se Deus estava do lado de Scott ou do meu lado. Após uma noite em que derramei o meu coração diante do Senhor com muitas lágrimas, escrevi esta "conversa" com Deus no meu diário de oração:

"Estás no Céu, irritado com este prolongado capricho emocional, ou estás chorando comigo, Senhor? Sustentas-me ou estás puxando por mim para me levantar? Não te quero obrigar a tomar partido por Scott ou por mim, Senhor, mas onde é que Tu estás em tudo isto?"

"Estou na Cruz, sofrendo precisamente pelos pecados que ambos estão cometendo agora. Eu sou o Senhor elevado e entronizado, que está chamando vocês dois a um casamento que me exemplifique a mim e à minha Igreja".

"Senhor, podemos fazer isso num casamento misto?"

"Não, essa não pode ser a minha vontade".

"Qual é a Tua vontade, Senhor, e como é que a podemos seguir, enquanto procuramos descobri-la? Como podemos crescer no meio deste sofrimento, Senhor? Posso ser leal a Scott, aos amigos, e à família? A quem posso contar as minhas penas? Por favor, renova em mim a alegria da salvação. Que eu te possa louvar enquanto viver. Digna-te, meu Deus, curar as minhas feridas e restaurar-me. Por favor, dá força a Scott neste tempo de sofrimento, e conduze-o pelos caminhos da verdade".

O desespero batia-me continuamente à porta. Scott sempre tinha dito que o meu maior defeito era ser patologicamente positiva. Mas durante este tempo tive que

lutar duramente contra o desespero. Algumas das cruzes que carregávamos então as tínhamos fabricado nós; outras as fabricávamos um ao outro.

Quando uma amiga católica rezou por mim, comentou que a frase que tinha recebido do Senhor era que a Scott e a mim se nos tinha confiado um "apostolado do Corpo destroçado de Cristo". A angústia que nós sentíamos no nosso casamento era similar à tristeza e separação produzida pela Reforma e outros cismas. Deus nos tinha dado um dom precioso, que podia durar por pouco tempo. Precisávamos conservá-lo como algo bom. Eu não fazia ideia se esse era ou não o plano de Deus, mas certamente sentíamos dia a dia a separação que, desde a Reforma, afetava as famílias. E agora também nós sofríamos a dor dessa separação.

O trabalho como voluntários converteu-se num laço que nos ajudou a trabalhar juntos. Combater um ao lado do outro o aborto e a pornografia dava-nos metas comuns e fortalecia o nosso casamento, tanto ao exercer uma tarefa comum como ao aumentar as nossas amizades. Ajudava-nos a concentrar-nos no que estava à nossa volta, quando olhar para o interior se tornava demasiado penoso.

No Natal de 1986, soubemos que outro filho estava a caminho. A frase que o Senhor me sugeriu foi: "filho da reconciliação". Eu dizia continuamente: "Ó meu Deus, isto significa que será um filho católico? Significa que me terei de tornar católica?" E imediatamente começava a rezar.

A reflexão seguinte era: Como será batizado este filho? Era uma questão crítica. Acreditava no Batismo das crianças, mas assistia a uma Igreja protestante que não acreditava. Sempre sonhei que o meu pai batizaria os nossos bebês, mas já não via como isso seria possível. E além disso, batizar como católico o nosso filho era admitir que pertencia à Igreja Católica.

Foi uma decisão muito custosa. Tratou-se de uma luta interior, pois na realidade Scott e eu nunca discutimos este ponto. Deus foi muito bom, guiando o meu coração para longe de qualquer disputa com Scott. Reconhecê-lo como o líder espiritual de nossa casa tornou-me fácil permitir que o bebê fosse batizado como católico. Por fim, cheguei a ter uma grande paz em relação a este ponto, e quase fiz Scott desmaiar quando, com toda a calma, pedi para falar com monsenhor

Bruskewitz, para batizar o bebê quando nascesse.

Pouco antes de nascer a nossa filha, tive uma conversa importante com o meu pai. É um dos homens mais piedosos que conheço.

Foi realmente o pai que eu necessitava para me conduzir ao meu Pai Celeste. Detectou tristeza na minha voz e me perguntou:

– Kimberly, você reza a oração que eu rezo todos os dias? Diz: "Senhor irei onde Tu quiseres que vá, farei o que Tu quiseres que faça, direi o que Tu quiseres que diga, e entregarei o que Tu quiseres que entregue?"

– Não, pai, nestes últimos dias não tenho rezado essa oração.

Ele não fazia ideia da agonia pela qual eu estava passando, pelo fato de Scott ser católico. Disse, sinceramente afetado:

– Não reza?!

– Pai, tenho medo. Tenho medo que rezar essa oração possa implicar a minha adesão à Igreja Católica. E eu nunca hei-de ser uma católica!

– Kimberly, não creio que isto signifique que tenha que se tornar católica. A questão é: ou Jesus Cristo é o Senhor de toda a tua vida ou não é o teu Senhor. Não diga ao Senhor aonde quer ou não quer ir. Diga-lhe que está à disposição dEle. Isto é o mais importante, mais do que o fato de se tornar católica ou não. Caso contrário, você está endurecendo o coração para o Senhor. Se não consegue rezar esta oração, peça ao Senhor a graça de poder rezá-la, até conseguir. Abra-lhe o coração: pode confiar nEle.

Corria muitos riscos ao dizer isso.

Durante trinta dias rezei diariamente: "Meu Deus, dá-me a graça de conseguir rezar essa oração". Tinha muito medo de estar selando o meu destino ao rezá-la: teria que me despojar da minha capacidade de pensar, esquecer o que estivesse no meu coração, e seguir Scott como uma imbecil na Igreja Católica.

Por fim, senti-me disposta a rezá-la, confiando ao Senhor as consequências. Descobri que eu mesma tinha construído uma jaula, e, em vez de fechá-la à

chave, o Senhor abriu as portas para me deixar em liberdade. O meu coração saltava. Agora sentia-me livre para começar a estudar e a pesquisar, para começar a examinar as coisas com certa dose de alegria outra vez. Agora podia dizer: "De acordo, Senhor, não eram estes os meus planos para a minha vida, mas os teus sonhos são excelentes para mim. Que queres fazer no meu coração? No meu casamento? Na nossa família? Quero saber".

No dia 7 de agosto de 1987, nasceu Hannah Lorraine. Recebemos a nossa primeira filha com grande alegria, e com grande alívio, por ter acabado a situação de placenta prévia e de sangramento intermitente. Este bebê é outro símbolo vivo do poder da oração, e uma testemunha do nosso amor permanente, mesmo no meio dos maiores sofrimentos e lutas.

Assisti ao Batismo de Hannah sem sequer saber se o sacerdote me ia dizer: "Senhora Hahn, quer fazer o favor de se sentar aí enquanto eu batizo a sua filha?" Tudo o que sabia era que, em obediência a Deus, ela tinha de ser batizada como católica.

Assim que entramos, monsenhor Bruskewitz deu-me as boas vindas e convidou-me cordialmente a fazer e a dizer tudo o que, em consciência, pudesse dizer e fazer. Embora tenha estado calada durante a invocação aos santos, e no meu coração dissentisse da sua explicação sobre o Batismo, participei com todo o entusiasmo que pude.

Fiquei assombrada com a beleza, para mim inesperada, da liturgia batismal. Ali estava tudo o que eu teria querido pedir para a minha filha. A certa altura, precisamente antes de o sacerdote terminar de rezar uma impressionante oração, pedindo que a nossa filha ouvisse e respondesse ao Evangelho, apertei a mão de Scott por pura alegria, que sentia nesse momento. (Ele temeu que eu estivesse agarrando a sua mão para não sair correndo.)

Então, Monsenhor concluiu aquela oração com um "Amém e Amém".

Eu exclamei: "Amém!". Não consegui evitá-lo (isso poderia parecer normal num batista, mas eu fora educada como presbiteriana). Todos nós rimos. E o Monsenhor assegurou-me que o sentimento era partilhado por todos.

Não tive a impressão de que Hannah ficasse atada e presa pela carga de ser católica (como em algum momento cheguei a temer), mas, pelo contrário, de que tinha sido libertada para ser a filha de Deus que estava chamada a ser. Ao sair de São Bernardo naquele dia, Deus tinha feito algo grande no meu interior. Disse a Scott: "Sei que hoje é um dia decisivo para mim". Não era certamente o único, mas era muito importante.

8

Uma “Roma-ântica” reunião

Scott:

Pouco antes de nos mudarmos para Joliet, Kimberly e eu compramos a nossa primeira casa, apenas a três quarteirões de distância de *Saint Francis College*. Mudamo-nos para lá menos de um mês depois de Kimberly ter dado à luz a Hannah, em Milwaukee. Estava ainda se recuperando da terceira cesariana, enquanto eu acabava de completar as provas de proeficiência de idiomas, fazendo os exames de francês e de alemão. E no meio de tudo isto, tinha ainda que preparar as quatro cadeiras que começaria a lecionar num prazo de menos de duas semanas.

Trabalhar com estudantes universitários foi alentador e proveitoso. Rapidamente me dei conta de que muito poucos, ou nenhum, dos meus alunos católicos conheciam realmente a doutrina católica, mesmo nos aspectos mais básicos. Por isso, foi muito gratificante ajudar “católicos de berço” a descobrirem as riquezas da sua própria herança espiritual, especialmente da Escritura. Comecei um curso bíblico semanal com uma dúzia de jogadores do time de futebol, e passava muito tempo com os estudantes fora das aulas. Viver a três quarteirões da universidade revelou-se uma grande vantagem para estabelecer novas relações.

Ao longo de três anos, percebi que era preciso algo mais do que um sincero desejo por parte de uns quantos membros da administração e da faculdade, para recuperar a identidade católica de uma universidade, que já estava bastante avançada no caminho da secularização. Às vezes travava-se uma autêntica luta. Foi o meu primeiro encontro direto com católicos que tinham abandonado a sua fé, mas não queriam largar as suas posições de poder. Felizmente tive o privilégio de trabalhar num departamento com quatro grandes colegas: John Hittinger, Greg Sobolewski, a irmã Rose Marie Surwillo e Dan Hauser.

Um dia, no emprego, recebi um telefonema de Bill Bales, um ex-amigo do seminário, que era nessa altura pastor presbiteriano na Virgínia. Telefonava para

me pedir desculpa por algo que tinha feito, quando Kimberly e as crianças tinham estado de visita em sua casa, sem mim, quase um ano antes.

Bill falou num tom calmo e contrito:

– Scott, tenho de te pedir desculpa.

– Por quê, Bill? Para mim é um prazer o simples fato de que ainda queira falar comigo!

– Scott, receio que seja você que não queira mais falar comigo, quando lhe disser o que fiz.

Não precisava dizer mais nada para despertar a minha curiosidade e receio.

– Está bem, Bill, o que é que você fez?

– Há alguns meses, a sua mulher comentou comigo os seus argumentos católicos; creio que ela esperava que eu lhe desse alguns meios para refutá-los. A verdade é que não tinha nenhuma resposta preparada; em vez disso, sugeri-lhe que considerasse se não teria bases bíblicas a possibilidade de ela se divorciar de você.

Aquelas palavras foram um duro golpe; mas sentia-me tão contente por poder estar novamente num plano de diálogo, que me recuperei muito depressa.

– Não se preocupe, Bill. Como sabe, se uma coisa assim tivesse acontecido comigo há cinco anos, eu mesmo teria aconselhado o divórcio.

Bill fez uma pausa e ganhou alento.

– Há ainda outra coisa, Scott.

Não tinha a certeza de conseguir aguentar um segundo tiro de canhão tão depressa.

– O que é, Bill?

– Bom, eu disse a Kimberly que lhe voltaria a telefonar para lhe dar sólidos argumentos para rebater as suas ideias católicas.

– Sim... continua.

– Pois, já passou bastante tempo, e não consegui encontrar um único.

Mal podia conter o tom triunfante.

– Bill, essa é uma ofensa desculpável, se é que é ofensa.

– Obrigado, Scott, mas não estou pedindo desculpa por isso. O que quero é pedir-lhe ajuda. Nestes meses, dediquei-me muito a pensar e a ler sobre o catolicismo, e há vários temas e questões sobre os quais queria falar com você.

Percebi imediatamente aonde queria chegar.

– Bill diga-me só uma coisa: está percebendo a força dos argumentos bíblicos a favor da religião católica?

– Acho que sim.

– Sente um certo pânico ao ponderar as implicações que a longo prazo isto teria para você como pastor presbiteriano?

– Mesmo que não acredite, é isso mesmo.

Nessa altura eu já sabia a verdadeira razão do seu telefonema. Foi o primeiro de muitos outros. Ao longo do ano seguinte, Bill telefonava com perguntas suscitadas pelo seu próprio estudo intensivo da teologia católica. Para mim, Bill era um caso especial. No seminário ultrapassava-nos a todos em compreensão e amor ao hebreu. Colava páginas fotocopiadas da Bíblia hebreia nas paredes do escritório, apenas para ser mais fácil estudá-la e memorizá-la.

Depois da licenciatura, Bill tornou-se ministro presbiteriano, servindo como pastor auxiliar de Jack Lash, o meu mais íntimo ex-amigo dos tempos do seminário. Bill ainda era ministro ali quando me telefonou. Naqueles bons tempos, quando eu ainda era calvinista, Jack pediu-me que pregasse no seu serviço de ordenação e de tomada de posse. Desde que me tornei católico, não voltou a falar comigo.

Após meses de estudo e debates telefônicos periódicos, a orientação do Bill foi-se tornando mais clara. As investigações estavam conduzindo-o cada vez mais perto de Roma. Jack e os “anciãos” da sua Igreja tomaram medidas para contra-atacar

a sua possível deserção. Às vezes, isso chegou a ser cruel e desagradável, o que apenas contribuiu para intensificar a decisão da sua mulher de estudar o catolicismo com maior imparcialidade. Como resultado, ambos, juntamente com Kimberly, continuaram a ler e a discutir cada vez mais.

Até esse momento, as minhas táticas de confronto com Kimberly não tinham alcançado nada construtivo. As tentativas de fazê-la participar nos debates eram infrutíferas, e todos os livros que lhe recomendava eram automaticamente descartados. Deus estava me ensinando a ceder, para que o Espírito Santo tivesse mais campo para atuar.

Em vez de continuar a apresentar argumentos apologéticos, optei por partilhar os meus sentimentos pessoais; mas não como uma estratégia alternativa que me permitisse manipulá-la com mais resultado; simplesmente este era o único modo de enfrentar as nossas diferenças com respeito e amor. Pouco a pouco, fui aceitando o fato de que talvez Kimberly nunca chegasse a tornar-se católica, e de que a sua conversão não devia ser o meu objetivo constante.

Depois de nos mudarmos e de termos feito novos amigos na comunidade, Kimberly e eu começamos a encontrar a espécie mais dura de anticatólicos que já tínhamos conhecido: os ex-católicos fundamentalistas. Ao contrário de qualquer anticatólico protestante normal, que desfruta sobretudo com manter intensos debates bíblicos sobre temas católicos, como Maria e o Papa, os anticatólicos fundamentalistas que nos rodeavam estavam cheios de tal raiva e ressentimento em relação à Igreja, que eram totalmente incapazes de um discurso racional. Para eles, eu estava possuído pelo demônio, e pressionavam Kimberly para que nem sequer me ouvisse, pois Satanás estava me utilizando para confundi-la com as minhas mentiras. Graças a Deus, com uma mulher tão inteligente e independente como Kimberly, semelhante conselho era um tiro pela culatra.

Na maior parte das vezes, procurava dialogar com os anticatólicos fundamentalistas que manifestavam preocupação pela minha salvação. Apreciava o seu zelo apostólico.

Certa noite, depois do jantar, contei a Kimberly uma conversa que mantivera nesse dia com um fundamentalista que, quando soube que eu era católico,

começou diretamente a tentar evangelizar-me.

Naturalmente, começou perguntando-me:

– Você nasceu de novo?

Respondi:

– Sim, claro que sim. Mas, o que é que você quer dizer com isso?

Mostrou-se surpreendido.

– Aceitou Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador?

Sorri abertamente e disse-lhe:

– Sim, evidentemente. Mas não é por isso que nasci de novo. Nasci de novo por aquilo que Cristo, através do Espírito Santo, fez em mim quando fui batizado.

Ainda se mostrou desconcertado, pelo que continuei:

– Bem vê, em parte nenhuma a Bíblia afirma: "Tens que aceitar Jesus Cristo como o teu Senhor e Salvador pessoal". É bom fazê-lo, mas não era disso que falava Jesus quando disse a Nicodemos em João 3, 3 que tinha que "nascer de novo". Jesus esclareceu o que queria dizer ao afirmar, apenas dois versículos mais adiante: "Tens que nascer da água e do Espírito", com o que Ele se referia ao Batismo. João esclarece o leitor sobre este ponto, já que ao terminar de descrever o discurso de Jesus a Nicodemos nos versículos 2 a 21, afirma no versículo seguinte que "depois disto, Jesus e os seus discípulos foram para o território da Judeia; ali esteve com eles e batizava". E uns quantos versículos mais à frente, João relata como "os fariseus ouviram dizer que Jesus estava fazendo e batizando mais discípulos que João. Por outras palavras, quando Jesus diz que devemos "nascer de novo," está se referindo ao Batismo.

De bom grado reconheci diante de Kimberly que eu tinha atuado com demasiada força. De passagem, expliquei-lhe a razão pela qual me parece que é errôneo da parte dos fundamentalistas pensarem que os católicos não são verdadeiros cristãos, pelo simples fato de não usarem certas frases bíblicas no mesmo sentido que eles, especialmente quando os próprios fundamentalistas nem sequer

interpretam adequadamente essas mesmas frases dentro do seu contexto original. Ela estava totalmente de acordo comigo.

Pouco depois disto, regressei de uma conferência para teólogos na *Franciscan University of Steubenville*. Fora a primeira vez que estive ali. Fiquei surpreendido por encontrar tantos católicos ortodoxos e de grande zelo apostólico. E ainda mais surpreendido fiquei com o que vi na Missa do meio-dia: a capela estava repleta, com centenas de estudantes que cantavam com todo o coração, mostrando um grande amor a Cristo na Sagrada Eucaristia.

Mal podia esperar para contar a Kimberly tudo isto. Sentiu-se comovida ao saber que o zelo apostólico com que ela tinha crescido também podia ser encontrado no seio da Igreja Católica.

Comentei a um amigo da paróquia os meus esforços para dar a conhecer a doutrina católica à minha mulher, que era evangélica. Descrevi-lhe o entusiasmo nos cânticos, a dinâmica pregação bíblica e a cálida camaradagem, coisas que Kimberly tinha experimentado desde a infância. Ele fez uma observação curiosa.

– Scott, pessoalmente acho que os protestantes têm todas essas coisas porque não têm o Santíssimo Sacramento. Se você tem a presença real de Cristo na Sagrada Eucaristia, não precisa de nada disso. Não acha?

Mordi a língua. Não queria exaltar-me, mas precisava corrigir o que me pareceu um equívoco inquietante.

– Acho que entendo o que você quer dizer: que o culto eucarístico pode ser silencioso e reverente, sem perder nada da sua profundidade e poder. Nisso estou de acordo. De fato, começo a ter um real apreço pelo canto gregoriano e pelo latim na liturgia. Mas eu apresentaria as coisas de outro modo. Diria antes que, porque nós temos a presença real de Cristo na Sagrada Eucaristia, por isso precisamente – muito mais do que os protestantes – temos motivos para cantar, para pregar, para celebrar juntos.

Houve um momento de incômodo silêncio.

– Ah, sim! Se as coisas são postas assim, quem não estaria de acordo?

Pensando em voz alta, disse:

– Por que razão, então, nem sempre vemos as coisas desse modo?

Ele não teve resposta. E eu também não.

Sempre me perguntei por que razão há tantos católicos que não aprofundam mais nos mistérios da sua fé. Sempre me surpreendeu descobrir como todos e cada um dos mistérios estão enraizados na Escritura, centrados em Cristo, e de certo modo atualizados e proclamados na liturgia da Igreja, a família de Deus baseada na Aliança.

Foi algo que começou a ganhar força dentro de mim um dia depois de ter assistido à Missa no dia de Finados. Kimberly quis saber o significado da celebração. Ao cabo de pouco tempo, a conversa começou a derivar para um novo debate sobre a doutrina do purgatório. Decidi transpor a doutrina para uma chave mais ampla, por assim dizer, enquadrando-a em termos do amor da Aliança de Deus.

– Kimberly, a Bíblia mostra-nos quantas vezes Deus se revelou ao Seu povo na forma de fogo, para renovar a sua Aliança com ele: "como forno fumegante e como tocha de fogo" com Abraão, em Gênesis 15; na sarça ardente com Moisés, em Êxodo 3; na coluna de fogo com Israel, em Números 9; como fogo celeste que consome os sacrifícios do altar com Salomão e com Elias, em 1 Reis 8 e 18; nas "línguas de fogo" em Pentecostes com os Apóstolos, em Atos 2,…

Kimberly interrompeu:

– Está bem, Scott, qual é a sua ideia?

Era uma oportunidade de pôr as coisas no seu lugar.

– Apenas isto: quando Hebreus 12, 29 descreve Deus como "um fogo consumidor", não está se referindo necessariamente à sua cólera. Existe o fogo do inferno, mas há um fogo infinitamente mais abrasador no Céu: é o próprio Deus. De maneira que o fogo se refere ao infinito amor de Deus, muito mais do que à sua eterna cólera. A natureza de Deus é como uma ardente fogueira de veemente amor. Em outras palavras, o Céu com certeza é mais cálido do que o

inferno.

Não é estranho, portanto, que a Escritura se refira aos anjos mais próximos de Deus como serafins, que literalmente quer dizer "abrasadores" em hebreu. Por isso também São Paulo pode descrever em 1 Coríntios 3, 13 como todos os santos devem passar através dum juízo ardente no qual "a obra de cada um ficará a descoberto; manifestá-la-á no dia que se há-de revelar pelo fogo…".

É evidente, que não se fala do fogo do inferno, pois os que são julgados são santos. Está falando do fogo que os prepara para a vida eterna com Deus no Céu; de maneira que o propósito do fogo é claro: revelar se as suas obras são puras ("ouro e prata") ou impuras ("madeira, feno, palha").

O versículo 15 esclarece que alguns santos que estão destinados ao Paraíso passarão através do fogo e sofrerão: "Mas aquele cuja obra fique abrasada sofrerá o dano; ele, contudo, ficará a salvo, mas como quem passa através do fogo". É, portanto, um fogo purgatório, que serve para purificar e preparar os santos que estarão envolvidos no fogo abrasador da presença eterna do amor de Deus.

Tinha falado muito, talvez demais. Fiquei sentado, à espera que Kimberly reagisse com raiva e frustração, como tinha feito sempre que eu puxava o tema do purgatório. Mas desta vez também ela ficou ali sentada, em silêncio, com semblante reflexivo. Podia dizer, pela expressão dos seus olhos, que estava avaliando o que acabava de ouvir. Decidi não prosseguir, pelo menos de momento.

Em meados do semestre de outono de 1989, recebi, como caído do Céu, um telefonema de Patrick Madrid da *Catholic Answers*, considerada a melhor organização apologética de todo o país. Com sede em San Diego, a *Catholic Answers* foi fundada por Karl Keating, autor de *Catholicism and Fundamentalism*, o melhor livro que conhecia para ajudar as pessoas a combaterem os ataques fundamentalistas contra a Igreja. Foi bom poder por fim contatar com espíritos tão afins.

Estivemos em contato constante durante as semanas seguintes. Enquanto falávamos acerca de futuras possibilidades de trabalho, pediram-me que os

visitasse para uma entrevista informal e para dirigir um seminário de uma noite na Igreja de São Francisco de Sales de Riverside, na Califórnia. Rapidamente ficou tudo combinado.

Depois de três anos e meio à procura de almas que pensassem como eu, o encontro com Karl e Patrick foi como sentir-me num oásis. Sábado à tarde, nos escritórios da *Catholic Answers* passei à máquina rapidamente um resumo da palestra que daria no seminário à noite. Consistiria num testemunho da minha conversão ao catolicismo, de pouco menos de uma hora, seguido de perguntas e respostas. A palestra era parecida à que tinha dado dezenas de vezes; mas desta vez resultou diferente de todas as outras. Converteu-se n'*A gravação* (conhecida também como *Um ministro protestante torna-se católico*).

Dez minutos antes de começar, apresentaram-me Terry Barber, da *Saint Joseph Communications*, que estava preparando apressadamente o equipamento de gravação para a palestra. Enquanto colocava o microfone explicou-me que ele e a sua flamante esposa, Danielle, acabavam de chegar da lua de mel em Fátima. Justificou também o seu atraso: tinha estado gravando palestras em cinco lugares diferentes nesse dia. Terry parecia ter tomado na última hora a decisão de vir à minha palestra. Nesse momento não me importei absolutamente com nada disso; mais tarde ambos agradeceríamos o fato eternamente.

Às sete e meia em ponto, fui apresentado a um pequeno grupo de trinta e cinco pessoas. Depois de falar pouco mais de uma hora – nunca acabei nada a tempo –, houve um pequeno intervalo e voltei para a sessão de perguntas e respostas. Quando tudo acabou, fui à parte posterior da sala, para falar com Patrick.

Enquanto falávamos, Terry Barber subiu correndo, agitando uma fita cassete de gravação.

– Deus vai servir-se desta gravação, meu amigo! Tenho certeza.

Fiquei contente ao vê-lo com tanto entusiasmo, mas, tendo dado a mesma palestra em tantas outras ocasiões, em que também tinha sido gravada, não pensava como ele. Disse a mim mesmo: que pouco preparado estava esta noite... em outras ocasiões correu muito melhor. Talvez tenha sido esta a razão pela qual

Nosso Senhor escolheu servir-se desta palestra em particular de um modo tão poderoso: para que ninguém atribuísse a si mesmo o mérito que só a Ele corresponde.

Voei de volta à casa, em Joliet, e contei a Kimberly tudo o que se referia ao fim de semana com a *Catholic Answers*. Nem me passou pela cabeça contar-lhe sobre o seminário da noite. Achava que era algo sem importância. No dia seguinte, fui de novo dar as minhas aulas.

Passaram algumas semanas antes de ter novamente notícias de Terry Barber. Telefonou-me para me dizer que tinha enviado dezenas de cópias gratuitas da minha gravação a vários católicos eminentes e a grupos de todo o país. Terry comentou-me que estava tendo uma resposta maravilhosa.

Pouco imaginava eu que aquela gravação mudaria a vida de ambos, e a de uma das nossas esposas!

– Não me admiro – disse-lhe – o que é que podia esperar de tamanho esforço editorial? Terry, acho que você tem a determinação de um apóstolo.

Descobri que uma cópia fora enviada a um evangelizador católico, padre Ken Roberts, o qual, ao ouvi-la, fez uma encomenda de cinco mil cópias, que começou a distribuir por todo o país. A referência do padre Ken à gravação, no canal católico de televisão EWTN, abriu caminho para eu aparecer como convidado no programa da madre Angélica vários meses mais tarde.

Karl e Patrick advertiram-me:

– Scott, muito em breve a sua vida vai acelerar-se e tornar-se extremamente ocupada.

Tinham razão; e tinham também alguma culpa. Um dos nossos primeiros projetos comuns surgiu pouco depois da produção de *A gravação*. A *Catholic Answers* patrocinou um debate público de três horas entre o doutor Robert Knudser – professor de Teologia e Apologética no *Seminário Teológico de Westminster* – e eu. Durante a primeira parte do debate discutimos sobre a doutrina da *sola Scriptura*; durante a segunda parte, sobre a doutrina da *sola*

fide. Devo confessar que me sentia mais do que um pouco nervoso ao preparar-me para discutir com um especialista reconhecido mundialmente, sobre os dois temas mais transcendentais que separam os protestantes e os católicos.

Nunca sonhei com um resultado tão positivo. Não só os estudantes do *Westminster Seminary*, presentes no seminário, expressaram no fim a sua surpresa e entusiasmo, como também, o que é mais importante para mim, logo que cheguei em casa, Kimberly ligou um gravador para ouvir integralmente o debate. Três horas mais tarde, ela ali estava sentada, com um olhar de absoluta surpresa. Tudo o que conseguiu dizer foi:

– Não posso acreditar no que ouvi.

Fiquei emocionado. Sem perder tempo passei-lhe uma cópia de *A gravação*. Era a primeira vez que ouvia o meu testemunho, desde que me tinha tornado católico.

As coisas continuaram a precipitar-se. Recebi um telefonema do doutor Alan Schreck, diretor do Departamento de Teologia da *Franciscan University of Steubenville*. Falou-me de uma oportunidade de trabalho nesse departamento no ano letivo seguinte, 1990-1991, e sugeriu que lhe enviasse o *curriculum vitae*. Mandei-o imediatamente.

Um par de anos antes, a *Franciscan University* tinha patrocinado uma conferência sobre matrimônio e família, e eu tinha assistido com Phil Sutton, um bom amigo e colega, que então ensinava Psicologia no *Saint Francis College*. Depois da conferência, quando voltávamos a casa, recordávamos que os judeus dispersos pelo mundo têm um dito: "No próximo ano, em Jerusalém". Na brincadeira, Phil e eu inventamos um novo dito católico para nós próprios: "No próximo ano, em Steubenville". No ano seguinte, Phil abandonou *Saint Francis* para começar a ensinar na *Franciscan University of Steubenville*; fora contratado para iniciar o programa de licenciatura em Assessoria Psicológica. Agora contatavam-me para o próximo ano. Nunca imaginamos que o Senhor tivesse interpretado um dito engenhoso como uma oração.

Quando falei a Kimberly desta oportunidade, recordei-lhe a minha experiência

ali. Falei-lhe da orientação pró-vida da universidade, desde o reitor, o padre Michael Scanlan, até a faculdade e os estudantes. Fiz-lhe saber que a *Franciscan University* tinha mais de cem estudantes de Teologia – mais do que a *Catholic University* ou que *Notre Dame* – além de um programa de Master em Teologia com uma especialidade em Matrimônio e Família. Pela primeira vez em cinco anos, voltávamos a rezar com um só coração.

Pelo Natal, viajamos a Steubenville para uma entrevista inicial com o padre Michael Scanlan e o doutor Schreck. No dia anterior à nossa partida, Kimberly sofreu um segundo aborto espontâneo. Senti-me esmagado, ela estava destroçada. Já no final da entrevista, Kimberly comentou o que nos acabava de acontecer. E imediatamente pediu – a um sacerdote católico! – que rezasse por ela. Sem hesitar um instante, o padre Scanlan levantou-se do outro lado da mesa, impôs as mãos sobre os seus ombros, e começou a invocar a graça curativa de Deus com uma oração.

Durante a entrevista, padre Scanlan falou-nos das suas próprias lutas no passado relativamente a certas doutrinas e devoções marianas. Nada poderia ter agradado mais a Kimberly do que ouvir o que custou a um sacerdote católico crescer em compreensão e apreço a Maria. Ouvia atentamente, enquanto ele continuava a explicar a sua recente descoberta de como são na realidade bíblicas e cristocêntricas a doutrina e devoção marianas, quando devidamente entendidas e praticadas como as apresenta o Concílio Vaticano II. Foi algo breve mas impressionante.

Passaram várias semanas antes de viajar de novo, para uma segunda entrevista e para dar uma conferência aos estudantes. Ambas as coisas correram muito bem. O tempo que passei com Alan e Nancy Schreck foi particularmente cordial. Além de magníficos anfitriões, começaram a tornar-se bons amigos. Poucos dias depois de voltar a casa, Alan telefonou-me dizendo que me ofereciam a vaga. Nessa altura, as nossas orações pedindo a orientação divina não eram muito neutras. Com grande ansiedade e entusiasmo, aceitamos a oferta.

Embora pareça estranho, estava mais inseguro do que nunca sobre a posição de Kimberly relativa ao catolicismo. Finalmente aprendera a lição martelada na

minha cabeça por Gil Kaufmann, um amigo do Opus Dei: mais romance e menos doutrina.

Voei de novo a Nova Iorque, para participar numa conferência nacional sobre apologética patrocinada pela *Catholic Answers*. Muita gente ali tinha ouvido *A gravação*, e fazia-me perguntas sobre Kimberly. Depois de terminar a exposição, a primeira pergunta foi mais ou menos a seguinte: "Scott, todos nós aqui ouvimos a gravação que você fez há poucos meses. Diga, como vai progredindo a sua mulher na compreensão da fé católica?". Foi embaraçoso, mas tive que lhes confessar que não sabia.

Nesse dia à noite, telefonei a Kimberly, à casa dos Schreck, em Steubenville, onde se encontrava passando o fim de semana, enquanto procurava casa. Quando lhe contei que a maioria dos participantes na conferência tinha ouvido *A gravação* e queria saber o que é que ela pensava agora, perguntei-lhe se havia alguma coisa que quisesse que lhes dissesse. Não esperava em absoluto a resposta dela.

Depois de uma pausa, disse-me:

– Diga-lhes que ontem, Quarta-feira de Cinzas, quando vinha dirigindo para Steubenville, depois de muita reflexão e oração, vi claramente que Deus me chama a voltar para casa na Páscoa.

Nenhum dos dois soube o que dizer durante mais de um minuto. Depois vieram as lágrimas, as orações e a alegria.

Pouco depois, todos na conferência sabiam a notícia.

Kimberly foi recebida na Igreja Católica na Igreja de Saint Patrick, em Joliet, durante a Vigília Pascal de 1990 (A data era mais do que irônica; cinco anos antes tínhamos fixado 1990 como a primeira data em que eu poderia entrar na Igreja: a minha data tinha-se convertido na dela). A alegria pela conversão de Kimberly era às vezes difícil de conter; e viver juntos o espírito de penitência da Quaresma foi um verdadeiro desafio para os dois. A celebração da Semana Santa nunca fora tão especial.

No meio da Semana Santa perguntei a Kimberly por acaso:

– Quem você escolheu como santo padroeiro?

Ficou olhando para mim, atordoada.

– Que quer dizer?

Expliquei-lhe:

– Quando recebemos a Confirmação, temos a opção de escolher um nome de confirmação, tomado de um santo padroeiro a quem nos sentimos mais unidos. Por exemplo, quando eu entrei para a Igreja Católica, escolhi São Francisco de Sales.

Kimberly parecia ainda não entender. Perguntou-me:

– E por que ele?

Expliquei-lhe em detalhe:

– São Francisco de Sales era bispo de Genebra, na Suíça, quando João Calvino afastava as pessoas da fé católica. Descobri, pelas minhas leituras, que São Francisco de Sales foi um pregador e apologista tão eficaz com os seus sermões e escritos, que mais de quarenta mil calvinistas voltaram à Igreja Católica. Imaginei então que, se ele foi capaz de guiar o regresso de toda essa gente, poderia agora guiar o regresso de mais uma. Além disso, São Francisco de Sales foi declarado padroeiro da Imprensa Católica, e como adquiri cerca de quinze mil livros, pensei que era a escolha natural para mim.

Kimberly afastou-se com ar pensativo:

– Acho que tenho que fazer oração sobre isso, para ver se o Senhor me traz alguém à cabeça.

Não disse nada, mas eu já tinha uma primeira opção para seu santo padroeiro. Dois anos antes, pouco depois de ser recebido na Igreja, assisti a uma conferência da *Associação de Intelectuais Católicos*, onde me encontrei com um conhecidíssimo teólogo: Germain Grissez. Sentei-me ao lado dele e da sua mulher, Jeannette, no banquete do sábado à noite. Comentei-lhes tudo acerca

do entusiasmo da minha conversão, e a minha preocupação pela resistência da Kimberly.

No fim da conversa, olharam um para o outro, e depois para mim. Germain disse:

– Acho que temos a solução.

Não captei o sentido daquela enigmática observação.

– Que quer dizer?

Ambos começaram a me falar de Santa Elizabeth Ann Seton: dona de casa, mãe de cinco crianças, católica convertida do protestantismo e fundadora das Irmãs da Caridade Americanas. Fora recentemente canonizada como a primeira santa nascida nos Estados Unidos. Mencionaram também que a basílica a ela dedicada ficava perto da casa deles em Emmitsburg, em Maryland.

Ouvi-los falar de Santa Elizabeth Ann Seton foi interessante, mas só mais tarde este fato me pareceu o principal momento da conferência.

Uma semana depois, recebi um embrulho pelo correio. Quando vi "Germain e Jeannette Grisez" no remetente, pensei que era algum artigo religioso católico, pelo que subi ao escritório para abri-lo, longe do olhar ansioso de Kimberly. Dentro havia um exemplar da biografia de Santa Elizabeth Ann Seton, escrita por Joseph Dirvin, e algo que nunca vira antes: um pequeno relicário com uma relíquia da Madre Seton.

Não fazia ideia do que fazer com o relicário, por isso pedi a um amigo católico que me explicasse o que era. Depois, comecei a levar o relicário no bolso. Servia-me de recordatório, quando as coisas se punham tensas entre mim e Kimberly, para recomendar a sua causa ao Senhor sob o patrocínio e a intercessão da Madre Seton.

Um dia aconteceu o inevitável. Ao esvaziar os bolsos para lavar a roupa, Kimberly encontrou o relicário.

– Scott, o que é isto?

Senti arrepios. Não conseguindo dissimular o nervosismo, gaguejei:

– Ah, não é nada, Kimberly, não é nada. Certeza que não lhe interessa.

Observou-o um momento com desconfiança – creio que temia que, se continuasse a perguntar, eu lhe explicaria algo que realmente não estava interessada em ouvir – e depois me devolveu.

Numa combinação de medo e prudência, deixei de levar o relicário comigo e o pus na parte de trás da gaveta da escrivaninha. Já tinha escondido a biografia na estante do fundo, na esquina mais escondida do escritório.

Um dia depois de perguntar a Kimberly sobre o seu nome de confirmação e o seu santo padroeiro, enquanto me preparava para me deitar, perguntei-lhe:

– O que é que você está lendo, querida?

– É um livro sobre Santa Elizabeth Ann Seton.

Parei a meio vestir o pijama.

– Kimberly, posso saber onde é que o encontrou?

Com tom indiferente, explicou-me:

– Bom, Scott, hoje andei vasculhando nos seus livros, e peguei este por acaso.

Ignorei os arrepios que me corriam pelas costas.

– E então, o que acha?

– Ah, bem! – disse com emoção – Já faz horas que leio, Scott, e acho que encontrei a minha santa padroeira.

– Ou ela encontrou você! – pensei.

Tudo o que consegui fazer foi exclamar: "A sério?" (Nesse momento eu já não tinha a certeza de onde terminava a "comunhão dos santos" e onde começava a zona de penumbra). A seguir, sentei-me na cama e expliquei-lhe o que tinha acontecido dois anos antes. Depois, dei-lhe a relíquia.

Acabamos o dia com uma curta oração de agradecimento a Deus e à sua

maravilhosa filha, a nossa irmã espiritual em Cristo, Santa Elizabeth Ann Seton.

Chegou finalmente a grande noite. Kimberly foi à igreja para a Vigília Pascal meia hora antes, para que o padre Memenas pudesse ouvir a sua primeira confissão.

No meio da Missa, Kimberly passou-me uma pequena nota. Olhei, e li as seguintes linhas: "Meu querido Scott, estou tão agradecida por você e pelo seu esforço em conseguir este passo para nós. Te amo. K". Senti-me tão paralisado pela felicidade que não consegui dizer nada; mas o sorriso e as lágrimas foram suficientes para Kimberly saber o que eu estava pensando.

Nessa noite, pela primeira vez, recebemos a Comunhão juntos. Foi o clímax adequado para este vertiginoso romance religioso: a minha mulher e eu novamente unidos por meio de Cristo e da sua Esposa, a Igreja.

Kimberly:

Uma semana depois do Batismo de Hannah mudamos para Joliet, em Illinois. Foi um período muito agitado, procurando instalar-nos numa nova casa, a primeira que comprávamos, ajustando-nos ao novo bebê, e começando pela primeira vez a aventura da educação em casa das crianças. Scott dava aulas em tempo integral em *Saint Francis*, no Departamento de Teologia, e estava encantado. Era uma vida em cheio!

Para mim foi como o degelo primaveril depois do inverno. Com todo o coração queria agora estudar, especialmente o Batismo. Scott arranjou tempo para tomar conta das crianças, para que eu conseguisse dedicar algum tempo ao estudo. Longe de ver os dias do seminário como uma perda de tempo, dei-me conta que neles adquirira ferramentas com as quais podia examinar séria e detidamente a Escritura. Foi uma grata surpresa para mim estudar especialistas católicos da Bíblia; não sei por que razão pensava que os católicos se limitavam a citar documentos papais. Pude apreciar melhor como Hannah tinha sido transformada em filha de Deus pelo Batismo, ao nascer de novo pela água e pelo Espírito. O que estudava sobre o Batismo ajustava-se perfeitamente com o que estudara sobre a justificação. Tal como Scott, os meus estudos no seminário tinham-me levado a rejeitar como não bíblico o ensinamento protestante da

justificação “exclusivamente pela fé”. O Batismo das crianças punha a ênfase na justificação “exclusivamente pela graça”. Fiquei encantada com a beleza dos tratados católicos sobre a justificação e o Batismo.

Não tinha voltado a assistir à Missa desde a Vigília Pascal em que Scott entrou na Igreja, dois anos antes. Ao assistir agora à cerimônia de Quarta-feira de Cinzas numa pequena capela, fiquei surpreendida ao ver quão profundamente me tocou a liturgia.

O apelo ao arrependimento era tão claro que eu perguntava a mim própria como é que vários dos nossos amigos ex-católicos podiam não o notar, e diziam que nunca tinham sentido a chamada do Evangelho na Igreja Católica.

Logo que Scott se fez católico, pareceu-me que os nossos meninos (na altura com dois e três anos) começaram a falar que queriam ser padres. Mal podia acreditar no que ouvia! Naquela altura isto me deixava em carne viva. Mas em Joliet encontrei um grande número de sacerdotes maravilhosos, cheios de fé. E o meu coração começou a mudar de atitude quanto à vocação que Deus quisesse suscitar nos nossos filhos. Agora agradava-me o desejo expressado pelo nosso filho Gabriel, então de três anos, quando disse: “Mamãe, não há suficientes sacerdotes e freiras no mundo. Quero ser sacerdote para ir por todo o mundo para fazer mais sacerdotes e freiras”. Este tipo de mudança em mim só podia vir do Senhor.

Comecei a colocar as perguntas na oração de um modo diferente. Comecei a pedir ao Senhor que me desse a perspectiva do seu coração e da sua mente em relação à Eucaristia e aos outros sacramentos. Em vez de gritos de lástima – causados pelos confrontos com Scott, nestas matérias – procurava aproximar-me de Deus, desejando encontrar a sua perspectiva, mesmo que esta fosse católica.

Tinha ainda períodos de grande angústia, pela sensação de estar sendo absorvida pelo vazio, de não ser capaz de pensar com suficiente clareza, pois, se o fazia, podia ver os erros da Igreja Católica. Tinha ainda momentos de soluços tão profundos no meu ser, que quase me deixavam sem respiração, ao sentir o peso do medo do desconhecido.

Mas também tinha momentos de graça incrível, que me faziam ver com mais clareza. Nem sempre conseguia distinguir onde acabavam as minhas convicções e onde começava a minha obstinação. Mas Deus, na sua infinita misericórdia, ia-me guiando.

Scott e eu concordamos que quando Michael fizesse sete anos receberia a Primeira Comunhão, e que as crianças seriam católicas. Mas este plano não surgiu das minhas reflexões. Não podia suportar a pressão que isto traria. Procurava antes concentrar-me nas consequências.

Scott animou-me a aproveitar a oportunidade de visitar uns amigos que eram ministros na Virgínia, durante a primavera de 1988. Tinha muitas dúvidas que esperava que eles pudessem ajudar-me a resolver.

Foi uma viagem muito frutuosa, que me permitiu renovar amizades afastadas pela conversão de Scott, e ter interessantes conversas teológicas. Ao procurar explicar aos nossos amigos porque é que Scott dizia o que dizia, comecei a convencer-me da lógica que havia nos seus argumentos, embora isso não fosse exatamente o que eu queria.

Jack e eu começamos a ler, frase a frase, a passagem de João 6, 52-69, analisando a doutrina católica. Embora tivesse lido *São João* por completo várias vezes na vida, nunca me tinha sentido tão impressionada pela força das palavras de Jesus quando diz, uma e outra vez, que devemos comer (inclusive mastigar) e beber o seu Corpo e Sangue para ter a sua Vida.

Disse:

– Jack, como é que você entende isso?

– Penso que Jesus está falando da fé, Kimberly.

Era a mesma análise que nos tinham apresentado nas aulas que ambos tínhamos tido no seminário.

– Espere um pouco. Você se baseia na frase: "a carne é inútil" do versículo 63? Leia o resto do versículo: "O Espírito é que dá vida, a carne é inútil". É o Espírito que dá vida. Por outras palavras, Jesus não estava dizendo às pessoas: "Vinde, e

um pode pegar num pedaço da minha mão e outro num pedaço do meu pé…". Refere-se a um tempo posterior à Sua Morte, Ressurreição e Ascensão, no qual o Espírito daria aos seus discípulos o seu Corpo glorificado de modo que a sua carne pudesse ser fonte de vida para o mundo.

Além disso, porque é que havia de ofender tanto os judeus que Jesus falasse apenas acerca da fé e de um sacrifício simbólico do seu Corpo e Sangue. Eles foram-se embora descontentes, pensado que Jesus estava falando de canibalismo. Por que é que Jesus deixaria ir embora a maioria dos seus discípulos só por um mal-entendido tão simples sem esclarecer nunca, nem sequer aos discípulos mais próximos, que estava só falando da fé num mero símbolo do seu eventual sacrifício? Pelo menos, aos discípulos mais próximos, esclareceu más interpretações dos seus ensinamentos em outras passagens da Escritura.

Jack não via as dificuldades que eu percebia na interpretação protestante desta passagem, mas eu estava realmente sentindo, pela primeira vez, a força dos argumentos católicos. Esta discussão lançou luz também sobre outro problema que eu tinha em relação à transubstanciação: como pôde Jesus na sua humanidade dar aos seus discípulos na Última Ceia o corpo e o sangue que Ele mesmo tinha ali? E se não o fez nesse momento, então como podemos dizer que a nossa repetição deste ato é mais do que um mero símbolo?

Sabia que os católicos respondiam que se tratava de um milagre, mas isso sempre me tinha parecido uma explicação demasiado fácil, até entender a sua relação com os ensinamentos da primeira parte do capítulo 6 de *São João*, sobre o milagre dos pães e dos peixes. Esta multiplicação da comida aponta para a milagrosa multiplicação do corpo e do sangue de Jesus para a vida do mundo. Mesmo que, considerando apenas a sua humanidade, Jesus não pudesse separar o seu Corpo e o seu Sangue no Cenáculo, para os oferecer aos seus discípulos, Ele nunca foi exclusivamente humano. Dado que Jesus era totalmente divino e totalmente humano, podia estar ali sentado com o seu Corpo e com o seu Sangue, e ao mesmo tempo converter o pão e o vinho no seu corpo e no seu sangue.

Depois disto visitei outro amigo pastor, Bill, e a mulher, Lisanne. Depois de bastante conversa, Bill perguntou-me:

– O que vai acontecer com os seus filhos?

– Os nossos filhos serão educados como católicos, mais cedo ou mais tarde. Não tenho alternativa.

– Tem sim – assegurou-me Bill –, você pode ficar com as crianças e se divorciar, porque Scott abandonou a fé e abraçou uma heresia.

– Não posso fazer isso, porque sei que Scott atuou com suficiente integridade cristã para considerá-lo agora perdido espiritualmente, e levar as crianças.

Bill e Lisanne fizeram inúmeras perguntas e brindaram-me a oportunidade de partilhar o que havia no meu coração, ao contrário da maioria dos amigos protestantes que tínhamos. Mais tarde disse-lhes:

– Atenção, eu não sou uma relativista, e vocês também não. Se chegasse a converter-me ao catolicismo – o que certamente não quero -, se chegasse a convencer-me de que é a fé verdadeira, levaria também vocês comigo!

Poucos meses mais tarde, Bill telefonou a Scott para lhe pedir desculpa por me ter aconselhado a divorciar-me dele, e disse-lhe que as minhas explicações sobre as crenças dele tinham sido tão convincentes que tinha começado a estudar a doutrina católica com seriedade. Lisanne veio a ser a minha companheira de estudo à distância. Ambas nos encontrávamos numa situação similar: tendo que estudar estas coisas, e ao mesmo tempo com sentimentos contraditórios sobre o assunto. Líamos sobre um tema ou um livro, e depois tínhamos longas conversas, duas vezes por mês. Uns meses depois da minha conversão, Bill e Lisanne converteram-se também, no meio de muitos sofrimentos por causa da atitude da sua antiga Igreja e confissão.

Voltei a casa, depois da viagem, com emoções contraditórias. Tinham-se acrescentado mais peças ao *puzzle* católico, mas sabia que algumas das minhas amizades protestantes ficariam muito magoadas se eu prosseguisse a minha busca. Tinha ainda os meus momentos de depressão e solidão. E sentia que

algumas das nossas novas amizades católicas desconfiavam de mim.

Não estava muito segura de que os católicos acreditassem que o que eu estava estudando fosse a doutrina católica. Quando íamos à Missa, as pessoas chegavam e ficavam de casacos postos, dando a impressão de estarem prontas para sair em disparada assim que recebessem a Hóstia (Eu nunca jantaria na casa de ninguém, ficando de casaco!) Para uma evangélica protestante, habituada à fraternidade e à conversa amigável depois do culto, era uma perturbação descobrir que a maioria das pessoas não tinha a menor intenção de demorar ou de se cumprimentar.

Via as pessoas que se aproximavam para receber a Comunhão e saíam imediatamente (suponho que para serem os primeiros a tirarem o carro do estacionamento). Como é possível que alguém seja convidado para jantar, e nem sequer agradeça a quem o convidou e lhe deu de comer? E, contudo, supunha-se que estavam recebendo o Senhor do universo, o Deus-Homem que morreu para salvá-las! E não tinham tempo para Lhe darem graças por este dom tão incrível! Scott chamava a isso de "saída de Judas": receber e desandar.

Uma noite tivemos oportunidade de assistir a uma Missa seguida de uma procissão eucarística. Nunca vira nada assim antes. Ao ver que, fila após fila, homens e mulheres maduros se ajoelhavam e inclinavam à passagem da custódia pensei: "Esta gente realmente acredita que é o Senhor, e não só pão e vinho. E se é mesmo Jesus esta é a única reação apropriada. Se hoje em dia as pessoas se inclinam diante de um rei, quanto mais não se devem ajoelhar diante do Rei dos Reis e Senhor dos Senhores! Será prudente não fazer o mesmo?"

Mas continuei a hesitar. "E se não é Jesus? Se não é Jesus que está na custódia, então o que esta gente está fazendo é uma idolatria grosseira. Será prudente ajoelhar-me?" A situação fazia ressaltar o que Scott costumava dizer: a Igreja Católica não é apenas uma confissão mais: ou é verdadeira ou é diabólica.

Como eu tinha que decidir, uma vez que a custódia se aproximava, fiz um movimento vacilante, meio para cima meio para baixo. Uma vez mais senti que o Espírito Santo me dava um empurrão, para me animar a continuar o meu estudo com seriedade, porque aqui não se tratava apenas de escolher a minha confissão

favorita.

Apesar de ainda não estar preparada para me comprometer com a Igreja Católica, alguns amigos fundamentalistas afastaram-se porque achavam que estava me tornando demasiado católica. Como se não entendessem que todos estamos no regaço do Pai, e me quisessem afastar dizendo: "Você não tem direito de estar aqui! Está se convertendo numa católica romana".

Contudo, ainda tinha grandes objeções para poder me converter, especialmente sobre Maria. Scott compreendia-me bem; ele também passou pelo mesmo. Quando soube que doutor Mark Miravalle ia fazer uma apresentação sobre Maria na universidade, convidou-me para a conferência. Pensei que não era má ideia assistir à exposição, variando assim os confrontos nos quais Scott e eu costumávamos cair.

Nem tudo o que ouvi me agradou; fiquei com muitas perguntas. Mas também não estava na defensiva, como antes. Ouvi o doutor Miravalle esclarecer o que a Igreja Católica ensina sobre Maria. Primeiro, que ela não é uma deusa: é digna de louvor e veneração, mas não de adoração, pois esta só é devida a Deus. Segundo, que Maria é uma criatura formada de uma maneira única pelo seu Filho, como nenhuma outra mãe tinha sido nem será depois dela. Terceiro, que Maria se regozijou em Deus seu salvador, como ela própria afirma no *Magnificat*, porque foi preservada do pecado por Jesus, desde o momento da concepção. Por outras palavras, a sua impecabilidade era um dom de graça que a salvou antes de pecar. (Na realidade, Deus salvou muitos de nós de uma libertinagem feroz antes de cairmos nela; talvez tivesse salvo Maria ainda antes.)

Quarto, o título de Maria como Rainha do Céu não derivava de estar casada com Deus – como eu pensava –, baseava-se na honra de ser a Rainha Mãe de Jesus, o Rei dos Reis e Filho de David. No Antigo Testamento, o rei Salomão, filho de David, elevou a sua mãe, Betsabé, colocando-a num trono à Sua direita, rendendo-lhe homenagem na sua corte como Rainha Mãe. No Novo Testamento, Jesus elevou a sua mãe, a Bem-Aventurada Virgem Maria, colocando-a no trono que está à sua direita no Céu, animando-nos a render-lhe homenagem como Rainha Mãe do Céu.

Quinto, a missão de Maria era apontar para além dela, para o seu Filho, dizendo: "Fazei o que Ele vos disser". Dei-me conta então de que certos exemplos de piedade mariana, que se centravam demasiado em Maria, ao ponto de negligenciarem Jesus, talvez não correspondessem aos ensinamentos católicos sobre ela. Talvez as boas almas que faziam isto nem sequer se dessem conta que estavam ofendendo a Virgem Santíssima, com as suas tentativas de a honrarem, ao descuidarem a missão primária de Maria que é conduzir-nos ao seu Filho.

Quando Scott e eu voltamos a casa nessa noite, tivemos um belo debate sobre as afirmações do doutor Miravalle. Ele acrescentou uma descrição de Maria como a obra-prima de Deus, que me pareceu muito útil.

– Maria é a obra-prima de Deus. Você já foi alguma vez a um museu onde um artista tenha em exposição as suas obras? Acha que ele ficaria ofendido se você se entretivesse para contemplar o que ele considera a sua obra-prima? Ficaria ressentido se você ficasse contemplando a sua obra, em vez de contemplá-lo? "Escute, é para mim que você deve olhar!" Em vez disso, o artista sente-se honrado pela atenção que você presta à sua obra. E Maria é a obra por excelência de Deus, do princípio ao fim.

Scott prosseguiu:

– E se alguém elogia um dos nossos filhos na sua presença, você vai interrompê-lo para dizer: "fui eu que o dei à luz!"?... Não, você se sente honrada quando os nossos filhos são admirados. Do mesmo modo, Deus é glorificado e honrado quando os seus filhos são admirados.

Com estas considerações fiz a minha oração naquela noite, e pela primeira vez perguntei a Deus o que pensava de Maria. As frases que vieram ao meu coração foram estas: "Ela é a minha filha amada", "a minha filha fiel", "a minha preciosa vasilha", e "a minha arca da Aliança que leva Jesus ao mundo".

Não podia entender porque é que os católicos davam a impressão de adorar a Maria, mesmo sabendo eu que a adoração a Maria era claramente condenada pela Igreja. Veio-me então à cabeça esta ideia: a questão está no que se considera *adoração*.

Os protestantes definem a adoração em termos de cantos, louvores e pregações. Assim, quando os católicos cantam a Maria, lhe dirigem súplicas através da oração e pregam sobre ela, os protestantes interpretam que está sendo adorada. Mas os católicos definem a adoração como o sacrifício do corpo e do sangue de Jesus, e nunca ofereceriam um sacrifício de Maria ou a Maria sobre o altar. Estas reflexões foram um benéfico alimento para a minha alma.

Muitas das dúvidas teológicas mais importantes estavam resolvidas, mas ainda havia um muro, um obstáculo emocional que requeria um dom sobrenatural de fé só para eu reconhecê-lo, quanto mais para vencê-lo!... Em novembro de 1988 escrevi: "Onde há morte, Deus pode trazer ressurreição; mas não se pode ressuscitar o que não está completamente morto. Morri finalmente? Estou completamente disponível para Ti, Senhor, para morrer para mim mesma e viver em Ti? É muito difícil continuar a esquivar a depressão e o desespero, mas mesmo no meio da minha confusão louvo-Te, Senhor, porque Tu conheces o fim desde o princípio".

Num dia em que estava com muitos problemas, principalmente com as crianças, telefonou-me um amigo. Contei-lhe que estava tendo um dia horrível, e ele me disse:

– Porque não pensa em Maria como a mãe maravilhosa, a quem pode dirigir-se e pedir ajuda?

Eu disse:

– Sejamos honestos. Primeiro, você está me dizendo que converse com uma mulher que nunca pecou. Segundo, fala de uma mulher que só teve um filho, que era perfeito. Pense só nisto: se alguma coisa na mesa corre mal, todos se viram para São José, a culpa tem que ser dele! Eu não acredito nisso de rezar aos santos. Mas se o fizesse, eu me dirigiria a São José. Não tenho nada a ver com Maria!

Mais tarde comentei esta história com uma amiga que andava preocupada com o fato de eu não conseguir me dirigir a Maria. Depois de pensar um pouco, disse: "Kimberly, o que você falou é verdade – ela é perfeita e só teve um filho, também

perfeito – mas, se realmente é a mãe de todos os crentes, pense só quantos filhos difíceis tem!"

Foi por essa época que Deus, na sua misericórdia, nos concedeu um sofrimento especial: perdemos dois bebês prematuros em 1989: um em janeiro (Raphael) e outro em dezembro (Noel Francis). Digo na sua misericórdia porque Deus tem uma maneira extraordinária de usar a dor e o sofrimento para afastar de nós muitas coisas supérfluas e aproximar-nos mais dEle. Como diz a Madre Teresa, os nossos sofrimentos são carícias bondosas de Deus que nos chama para que voltemos a Ele, e para nos fazer reconhecer que não somos nós que controlamos as nossas vidas, mas que é Deus que tem o controle, e podemos confiar plenamente nEle. Compreendi mais profundamente as verdades que já tinha aceitado em relação à contracepção, no que respeita ao dom de novas vidas por parte de Deus, e comecei a entender de um modo pessoal a natureza redentora dos nossos sofrimentos.

O Céu converteu-se numa realidade mais plena. Até então, eu o entendia como algo só entre Jesus e eu. Tinham-me ensinado que pensar em estar com alguém mais no Céu ia, de certo modo, em detrimento da glória e maravilha de estar com Jesus. Mas, em cada aborto, uma parte de mim morrera. Desejava estar com essas crianças, ampará-las e conhecer as suas preciosas almas. A alegria de voltar a reunir-nos com aqueles que amamos – pais, irmãos, filhos – e que, como nós, amam o Senhor, é uma alegria que manifesta a glória de Deus, refletindo, não ofuscando, a luz da sua Glória.

O Céu é descrito como uma grande celebração, como a festa das bodas do Cordeiro! Certamente que o amor não é aniquilado à medida que se aperfeiçoa, mas, pelo contrário, chega ao seu máximo florescimento na presença do nosso Deus.

Após uma operação causada por uma gravidez extrauterina, em 22 de janeiro de 1989, encontrava-me prostrada no quarto do hospital, cheia de vazio, com um grande sentimento de solidão pela perda desta vida dentro de mim, e com a dor física da cesariana que me tinham feito (sem o consolo natural de uma criança a quem abraçar). Scott tinha ido para casa para estar com os nossos outros três

filhos, que não tinham licença para me visitarem no hospital, durante os quatro dias da recuperação. E para piorar as coisas, o médico me internara na maternidade, onde estava continuamente ouvindo os bebês e as mães, durante todos os dias da estadia.

Enquanto abria o meu coração ao Senhor, imaginando o meu bebê, separado de mim mas nos Seus braços, Ele trouxe-me à cabeça passagens da Escritura que aprendera uns tempos antes em *Hebreus* 11 e 12. É de notar como foi importante ter memorizado esses textos da Escritura, pois assim Deus pôde trazê-los ao meu coração num momento de crise, quando não tinha acesso à sua Palavra. Os católicos podem e devem memorizar a Escritura; os protestantes não têm nenhum gene especial que lhes facilite a tarefa!

Hebreus 11 é esse grande capítulo sobre a fé que menciona santos maravilhosos que arriscaram tudo, incluindo as próprias vidas, por Deus. O princípio do capítulo 12 diz: "Portanto, também nós, tendo à nossa volta uma grande nuvem de testemunhas, sacudamos todo o pecado e o lastro que tão facilmente nos cerca, e corramos com fortaleza a prova que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, o iniciador e consumador da nossa fé".

Pensava, no meu modo de entender protestante, que a comunhão dos santos que se afirmava no Credo significava que os santos no Céu estão em comunhão entre si, e os santos na terra em comunhão entre si, mas que o contato do Céu e da terra se dá só entre cada um de nós e o Senhor. Afinal de contas o Antigo Testamento condena claramente a necromancia: consultar os mortos para conhecer o futuro.

Mas *Hebreus* 12 parecia dizer que estamos rodeados (verbo no presente) na nossa prova aqui embaixo, por todos os irmãos e irmãs que partiram antes de nós. Por outras palavras, não estava só no meu quarto de hospital. Sabia que Cristo estava ali, mas também estavam muitos outros irmãos e irmãs que tinham morrido antes de mim. Era como se estivéssemos num estádio olímpico e os que ocupavam as bancadas fossem antigos premiados na mesma prova que eu agora estava disputando. Sabiam o que lhes custou ganhar, e agora estavam à minha volta para me animarem.

Nessa nuvem de testemunhas presente ali mesmo, junto à minha cama de hospital, seguramente havia santas que tinham perdido filhos de mais idade do que o meu bebê, ou cujos esposos tinham morrido (não tinham ido simplesmente para casa tomar conta das outras crianças), ou cujas experiências de solidão foram piores do que as que eu tinha vivido, e cuja condição física fora pior do que a minha. E, contudo, não estavam ali para me julgarem, afiando as suas línguas, sobre a minha miserável incapacidade de superar a tristeza e a solidão. Estavam antes para me assistirem em nome do Senhor, com a sua compaixão e intercessão por mim, enquanto jazia ali com toda aquela dor e pesar.

Se as orações do justo são tão poderosas, como diz *São Tiago* 5, 16, quanto mais as daqueles que já foram purificados? Se posso pedir à minha mãe na terra que reze por mim, e sei que o Senhor ouvirá as suas petições, por que não posso pedir à Mãe de Jesus que interceda por mim? Isto não é necromancia: estas almas são de vivos, não de mortos. E não estava pedindo que me predissessem o futuro, estava pedindo que intercedessem por mim, exatamente como peço aos meus irmãos e irmãs em Cristo, aqui na terra. Não me dirigia a eles em vez de me dirigir a Jesus, mas me dirigia com eles a Jesus, como faço com as pessoas na terra.

Esta oração de intercessão não diminui em nada a glória de Deus; manifesta essa glória, porque vivemos como irmãos e irmãs nEle. Outros textos da Escritura adquiriam agora sentido, e comecei a entender a rica doutrina da comunhão dos santos: todos eles eram verdadeiramente meus irmãos mais velhos no Senhor!

Até essa altura, os crucifixos sempre me tinham incomodado. Mas, enquanto estive prostrada na cama do hospital (só por um dos abortos tive três hospitalizações), olhava para o crucifixo e rezava: "Jesus, o simples fato de estares nessa Cruz dá sentido ao meu sofrimento, porque te posso oferecê-lo. Embora o meu sofrimento não seja nada em comparação com o que Tu suportaste". A Sua dor dava sentido à minha. Sentia-me muito reconhecida por isso. Estas hospitalizações foram instrumentos de Deus para me atrair a si mais fortemente do que nunca.

Na ocasião seguinte em que assistimos à Missa em família, tive a forte sensação de que toda a nossa família estava unida. A Escritura ensina que os que estão no Céu participam da mesma liturgia em que participam os que estão na terra. Deste modo, na presença do Senhor, a nossa família estava unida.

Perguntei à minha irmã mais nova, que já sofrera cinco abortos, como encarava a possibilidade do sofrimento por um novo aborto, uma e outra vez. Kari referiu-se a essas preciosas crianças que ela e o marido tinham perdido, como os seus tesouros guardados no Céu. Dei-me conta que, tal como ela, também eu e Scott, com aquelas duas queridas alminhas, tínhamos dois tesouros no Céu. O Senhor concedera dois intercessores especiais à nossa família.

Pouco depois, por ocasião da Páscoa, a nossa filha Hannah (de ano e meio) teve que ser hospitalizada por desidratação. Uma coisa era eu estar no hospital com a minha dor, e outra muito diferente era estar dia e noite ao lado da cama da minha filha, com o seu sofrimento. Quando foi internada tinha febre altíssima, e passados cinco dias subiu aos 40,6º.

As enfermeiras apressaram-se a aplicar-lhe panos com gelo, para baixar rapidamente a febre. Eu dormia no quarto, pelo que me levantei de um salto, para ajudar. Felizmente, ao não ser enfermeira, não chegava a avaliar a gravidade da situação.

Quando o seu corpinho ardendo aquecia uma das toalhas, a tirávamos e colocávamos outra gelada: era absolutamente necessário conseguir baixar a febre. Hannah estava ali prostrada, com um braço ligado a um tubo intravenoso, com o outro esticado para mim, o mais que podia, e tremendo fortemente ao mesmo tempo que gritava: – Mamãe! Mamãe!

Hannah não conseguia entender o que eu estava fazendo. Sabia que eu estava ali para protegê-la do sofrimento e, em vez disso, ajudava a pôr sobre ela esses panos que tanto a faziam sofrer e a incomodavam. Não conseguia explicar-lhe, mas sabia que estava fazendo, com todo o meu amor, o que era melhor para ela.

Enquanto tudo isto acontecia, senti que o Senhor punha a sua mão no meu ombro e me dizia: “Kimberly, vê como é boa mãe? Ama a sua filha e por isso lhe

provoca um sofrimento para curá-la. Percebe agora como Eu te amei, minha filha? Eu te fiz sofrer para te curar, para te atrair a Mim". Enquanto as enfermeiras se concentravam em aliviar Hannah, dentro de mim também se realizava uma profunda cura, e chorei pelas duas.

Nesse momento da minha vida, dei-me conta que tinha de enfrentar uma nova aflição: se tomasse a decisão de não continuar a ser a única protestante na minha família imediata, teria uma nova ruptura, como a única católica na minha família de origem. Como podia escolher separar-me da minha família, dentro da qual fora educada e partilhara tão fortes laços espirituais? Como era possível que as mesmas pessoas que me conduziram à mesa do Senhor não pudessem a partir de agora partilhá-la comigo? Eram novas questões e novos motivos de tristeza.

As conversas com os meus pais e irmãos sobre temas da Escritura, as mesmas Escrituras que os meus pais me tinham ensinado a conhecer e a amar, tornaram-se mais difíceis. Foi também muito duro para os meus irmãos comprovarem a dor que eu estava causando aos meus pais. E sei que os meus pais não a exteriorizavam muito diante dos meus irmãos, para não perturbarem as minhas relações com eles (são almas nobres, que suportam o sofrimento face ao Senhor).

Nesse tempo escrevi: "O vigor da fé dos meus pais, e a sua disponibilidade para mudarem à medida que crescem na sua vida espiritual, são para mim um testemunho claro para seguir a Cristo na sua Palavra até que estiver convencida que Ele me conduz. Não lhes posso evitar a dor que sentem ao ver-me percorrer este caminho. Não o procurei, foi Deus que pela sua graça e misericórdia me pôs nele".

Em Chicago, Scott e eu descobrimos um grupo que se chamava a *Sociedade de São Tiago*. Ali fizemos amizade com pessoas que tinham as mesmas convicções que nós (diferentes das dos nossos amigos protestantes que não queriam saber nada, ou das dos nossos amigos católicos que não conseguiam entender o que é que me detinha para me comprometer com a Igreja Católica). Eram pessoas em peregrinação, a caminho, que colocavam muitas das questões que eu colocava. Foi um alívio encontrar pessoas que valorizavam o agonizante esforço que nos

custava alcançar uma unidade espiritual, e que se alegravam com as descobertas que iam fazendo.

No ano seguinte fiz um curso sobre o *Rito de iniciação cristã para adultos* (RCIA) na Igreja de Saint Patrick, para resolver as minhas dúvidas de uma forma mais convencional. Muitos aspectos da fé católica faziam sentido, mas muitos outros eram ainda pouco claros. Isso me fez recordar as primeiras semanas na nova casa de Joliet: Scott andava muito ocupado em dar aulas no *College of Saint Francis*, e eu tinha o dia inteiro ocupado, cuidando da recém-nascida e dos nossos filhos de três e quatro anos. Isso não nos deixava muito tempo para desempacotar e abrir as caixas. Quando me sentia desanimada pelo lento avanço da mudança, ia até à bela sala de jantar, virava-me, para não ver as caixas, e simplesmente desfrutava da beleza da sala. Voltava então a acreditar que a vida voltaria rapidamente à normalidade. Sucederia a mesma coisa com a Igreja Católica? Poderia ser, bastava que soubesse "o que havia nas caixas". Em outras palavras, a beleza da Igreja atraía o meu coração, mas ainda havia excessivas interrogações para me comportar como se tudo já tivesse sido desempacotado.

Uma das aulas lançou um pouco de luz sobre um tema incômodo: os quadros e as imagens de Jesus, de Maria e dos santos. Perguntei:

– Por que se permitem e até se estimulam as imagens, se um dos Dez Mandamentos condena fabricar ídolos e prostrar-se diante deles? O padre Memenas respondeu com outra pergunta.

– Kimberly, você tem em sua casa fotografias de família?

– Sim.

– Por quê? O que é que representam para você?

– As fotografias me lembram todas as pessoas maravilhosas que eu amo: pais, irmãos, filhos...

– Kimberly, o que é que você ama, as fotografias ou as pessoas que representam?

– Claro que as pessoas.

– Pois essa é a função das imagens e dos quadros: elas nos recordam esses

maravilhosos irmãos e irmãs que partiram antes de nós. Nós os amamos e damos graças a Deus por eles.

A questão decisiva não é se as imagens devem existir ou não, uma vez que o Antigo Testamento, pouco depois de enumerar os Dez Mandamentos, dá instruções específicas acerca das imagens que se devem fazer como parte do Santo dos Santos – do jardim do Éden, e o querubim sobre o propiciatório, por exemplo. Deus até ordenou a Moisés que fizesse uma serpente de bronze sobre uma haste, que o povo devia olhar para ser curado da praga. Ou Deus deu mandamentos contraditórios, ou a ideia do mandamento não é tanto não ter imagens, mas sobretudo não adorá-las (como fizeram os judeus no Monte Sinai com o bezerro de ouro).

Estas e outras discussões deram-me muito o que pensar. Começou a surgir um dilema: agora que me sentia atraída pela Igreja Católica, o que é que ia fazer com toda a amargura e feios sentimentos que acumulara contra ela? Tinha chegado às vezes a detestá-la, culpando-a pela crise do meu casamento, a odiá-la por ter destruído uma vida familiar feliz, a amaldiçoá-la pela falta de alegria na minha relação com Deus por causa da sua intromissão na minha vida. Sentia rancor pela perda dos meus sonhos. E agora a minha "inimiga" estava se tornando amiga, ou pelo menos assim me parecia.

Quando levei isto à oração, senti que Deus me dizia: "Você deve ver-me por trás de tudo isso. Você culpou Scott, e culpou a Igreja Católica. Mas deve entender que sou Eu que estou por trás de tudo isso. E Eu posso assumir a sua mágoa".

Quando fui me deitar nessa noite, sentia-me como uma criancinha, porque tinha abandonado tudo isso em Deus. Sentia-me como uma criança que se senta sobre as pernas do seu pai dando murros no peito e chorando até adormecer exausta. Deixei as coisas assim.

De manhã recebi uma chamada de um amigo, Bill Steltemeier, do canal católico EWTN. Disse-me:

– Kimberly?

Respondi:

– Olá!

– Estava rezando esta manhã e o Senhor me disse que te ligasse e te dissesse, da parte dEle: “Kimberly, Eu te amo”. Isso é tudo.

Não relacionei isto com a oração da noite anterior, até que chegou a minha mãe dizendo a mesma coisa, um pouco mais tarde. E a minha mãe não costuma dizer coisas como “o Senhor deixou algo no meu coração para você”. De repente, compreendi que Ele estava me dizendo: “Kimberly, Eu arranquei essa raiva do teu coração. Eu a absorvi. Ainda te amo. Como você pode ver, estou ao seu lado, estou atrás de você, Eu te guio”. Tive uma profunda sensação de paz.

Além de frequentar o RCIA, ajudei também na aula de catequese do Michael, não só para colaborar com a paróquia, mas também para saber o que os católicos iam ensinar ao meu filho. Na aula repetíamos o Pai Nosso, a Ave Maria e o Glória. Eu rezava o Pai Nosso e o Glória, mas não a Ave Maria. Já a sabia, mas não a rezava.

Quando chegou o momento da primeira Confissão, já acreditava que era um sacramento. Senti-me particularmente contente por uma garotinha: se alguém necessitava verdadeiramente da primeira Confissão, era ela. Quando voltou, depois de falar com o sacerdote, vinha quase chorando.

-Aconteceu alguma coisa ruim? – perguntei-lhe.

– O padre me falou para rezar a Ave Maria – respondeu.

– Bem, então o melhor é rezar já – disse.

– Não me lembro.

Eis aqui outro dilema. Eu não rezava a Ave Maria porque não tinha a certeza de não ofender a Deus; mas também sabia que ela tinha que rezar a sua penitência. Engoli em seco e disse:

– Repete comigo: Ave Maria.

– Ave Maria.

– Cheia de graça...

Recitamos tudo e quando acabamos, ficou olhando para mim com os seus grandes olhos e disse:

– Duas vezes!

Sabia que ela necessitava realmente do sacramento! Voltei a respirar fundo, e recomeçamos a rezar. Muita gente não se lembra quando rezou pela primeira vez a Ave Maria, mas eu guardo uma recordação muito viva da minha primeira vez!

Dave, um amigo de Milwaukee, telefonou-me uma noite para ver se podíamos falar sobre o que ainda me impedia de me converter ao catolicismo. Disse-lhe que o problema era ainda não saber se Maria era ou não a minha mãe espiritual. Ele disse:

– O que é que pensa do capítulo 12 do *Apocalipse*?

– Não sei. Não me lembro de ter lido. Deixe-me buscar a Bíblia.

Quando voltei ao telefone, Dave explicou-me:

– Esse capítulo trata de quatro personagens principais que travam uma batalha. Embora sejam símbolos de certos grupos de pessoas, a verdade é que são também pessoas específicas. A mulher com o filho varão é Maria com Jesus. Leia o versículo 17: "Furioso contra a Mulher, o dragão foi fazer a guerra ao resto dos seus filhos, os quais guardam os mandamentos de Deus, e dão testemunho de Jesus".

Fiquei perplexa. Como podia ter omitido esta passagem no meu estudo sobre Maria? Tinha que admitir:

– Suponho que significa que, se eu der testemunho de Jesus e guardar os seus mandamentos, então espiritualmente ela é minha mãe. Puxa! Maria é uma "donzela guerreira" que combate por meio da sua maternidade.

Sentia-me identificada com isso.

Esta passagem ajudava a compreender por que razão ao pé da Cruz, quando estava em plena agonia, segundo relata *São João* 19, 26-27: "Jesus viu a sua mãe e o discípulo que amava, e disse à sua mãe: «Mulher, eis aí o teu filho!» Depois

disse ao discípulo: «Eis aí a tua mãe!» E a partir daquele momento o discípulo a recebeu em sua casa". Baseando-se nesta passagem, a Igreja Católica ensina que a oferta que o Senhor fez de Maria ao discípulo amado era uma prefiguração deste mesmo dom de Maria a todos os seus discípulos amados.

Eu era uma discípula amada. Como João, também tinha que recebê-la em minha casa como minha mãe? Em vez de ver Maria como um tremendo obstáculo para mim, começava a vê-la como um precioso presente do Senhor: alguém que me amava, que me cuidava e rezava por mim com coração de mãe. Já não era uma doutrina que tinha que entender, mas uma pessoa a quem abraçar com todo o coração!

Estava ainda indecisa a respeito de me converter nessa Páscoa. Na Quarta-feira de Cinzas, deixei os nossos filhos na casa da minha irmã, para procurar possíveis casas em Steubenville. (Scott acabava de receber um contrato da *Franciscan University of Steubenville*). Como era Quarta-feira de Cinzas, perguntei a Deus o que é que eu poderia oferecer como penitência durante a Quaresma: chocolates, sobremesas..., grandes sacrifícios para mim.

Senti então que o Senhor dizia:

– Kimberly, por que não se rende?

– O quê?! Por que não me rendo a quê?

Ele disse:

– Por que não se entrega a si mesma? Você sabe o suficiente para confiar em mim e na minha ação na Igreja Católica. A sua atitude passou de reclamar: "Eu não creio nisto... Demonstre-o!" a dizer: "Senhor, não entendo isto. Ensine-me". Por que não aceita o convite? Por que não renuncia a si mesma nesta Quaresma?

Naquele momento, senti que era realmente o Senhor que me chamava à Igreja Católica. Passei as quatro horas seguintes rezando e louvando-o, finalmente com uma grande paz. A surpresa que Scott ia ter!

Na noite seguinte, depois de ouvir ao telefone a descrição das casas que eu tinha visto, ele me disse:

– É verdade, estou nesta conferência de apologética aqui na Califórnia, e toda a gente me pergunta qual é a sua posição atual em relação à Igreja. – Scott fazia um grande esforço para aparentar indiferença. Tinha entendido a diferença entre a sua argumentação e a convicção que vem do Espírito Santo. – Não a quero pressionar em nada. Se não for nesta Páscoa, não há nenhum problema. Mas você tem alguma ideia de onde se encontra neste processo?

Mal podia esperar para lhe contar:

– Será nesta Páscoa, Scott. O Senhor me falou ao coração enquanto dirigia o carro e me disse que seria nesta Páscoa. Scott?... Scott... Você está aí?

Demorou um minuto para se recuperar. "Louvado seja Deus!" Pela primeira vez Scott podia sonhar com o muito que poderíamos fazer como uma família católica unida. Era tanta a felicidade! Era tanta a liberdade!

Já era hora! Já era hora de estarmos unidos sob a liderança espiritual de Scott. Hora de procurarmos juntos, dentro da Igreja Católica, um apostolado que pudéssemos realizar como casal. Hora de decidir que podia encontrar as respostas às minhas dúvidas dentro da Igreja que o próprio Jesus fundou e preservou do erro. Hora de me libertar de toda a resistência e de estar agradecida a Deus por tudo o que me tinha revelado.

Embora acreditasse na transubstanciação há mais de um ano, nunca tinha sentido até então o desejo de receber a Comunhão. Mas agora a fome de Eucaristia converteu-se no último pensamento da noite e no primeiro da manhã. Pela fé, aceitara Jesus como Salvador e Senhor desde a adolescência, mas agora ansiava por receber o seu Corpo e o seu Sangue. Porque Jesus não só se tinha humilhado por nós ao assumir a natureza humana para ser o nosso sacrifício perfeito, tinha-se rebaixado ainda mais dando-nos a sua própria carne como vida e alimento das nossas almas. E tudo isto para que o pudéssemos ter em nós, não só no coração, mas também no corpo físico, convertendo-nos em sacrários vivos. Sentia que o meu coração rebentava de felicidade!

Dar a conhecer a boa notícia não foi tão fácil. Alguns se alegraram tanto que foi muito humilhante, para não dizer uma coisa pior ("...não imagina quantos terços

rezei pela sua conversão!"). Houve amigos protestantes que não queriam acreditar que, ao fim de quatro anos, eu tivesse cedido ("É uma tragédia!"). Para a minha família foi uma grande tristeza; não me rejeitavam por esta decisão, mas foi para eles muito dolorosa, porque me amavam e porque temiam as consequências que pudesse ter no restante da nossa família.

Quando telefonei aos meus pais para lhes comunicar que decidira entrar na Igreja Católica nessa Páscoa, o papai nem me animou nem me desalentou. Disse simplesmente:

– Kimberly, Jesus é a única Pessoa a quem você tem de prestar contas. Quando você tem Jesus diante de si, o que é que consegue lhe dizer com a consciência tranquila?

Eu lhe respondi:

– Pai, vou lhe dizer com todo o coração: "Jesus, eu te amei com grande pesar, e fui obediente a tudo o que entendi, seguindo-te até a Igreja Católica".

– Kimberly, se é isso o que diria, então é isso o que deve fazer.

As semanas da Quaresma estiveram repletas de graças especiais para Scott e para mim. As minhas objeções a respeito da Confissão esfumaram-se: já não podia esperar mais.

Um dia, umas semanas antes da Páscoa, Scott me disse:

– Por que não reza o terço?

Com o meu típico estilo dócil, disse-lhe:

– Já estou me fazendo católica, querido. Não me pressione!

– Está bem... era só uma sugestão – respondeu.

Na semana seguinte, enquanto Scott visitava a EWTN, Bill Steltemeier lhe disse:

– É verdade, o Espírito Santo me disse que mandasse o meu terço à sua mulher.

Pensando na nossa conversa recente, Scott observou:

– Não sei se faria isso.

Bill não se desanimou:

– O Santo Padre me deu este terço, e eu nunca pensei em me desfazer dele. Mas o Espírito Santo me disse para dá-lo a Kimberly, por isso vou entregá-lo à sua mulher.

Scott contou-me isto e deu-me um livro sobre o rosário bíblico. Quando o terço do Bill chegou, olhei-o e disse a mim mesma: "Que tesouro isto é para um católico! Realmente não posso deixá-lo abandonado numa gaveta. Mas, terei coragem de usá-lo?"

Eu estava preocupada pensando que o terço fosse um exemplo de repetição inútil ao rezar, que fora claramente condenada por Jesus. Contudo, uma introdução ao terço, preparada por uma freira, ajudou-me a adquirir uma nova perspectiva. Animava os fiéis a se verem a si mesmos, não como adultos cristãos, mas como crianças diante do Senhor. Por exemplo, recordava aos leitores que quando os nossos próprios filhos pequenos dizem uma e outra vez durante o dia: "Eu te amo, mamãe", nunca lhes respondemos: "Querido, isso é só uma repetição inútil". Do mesmo modo, nós, como crianças pequenas, dizemos a Maria, por meio do terço: "Mamãe, eu te amo; reze por mim". Embora seja repetitivo, só se tornaria vão se disséssemos as palavras sem lhes dar sentido.

Nos primeiros três dias rezei só um mistério, dizendo: "Senhor, espero que isto não Te ofenda". Mas, passados mais alguns dias, senti realmente que o Senhor dava a sua aprovação e me ajudava espiritualmente por este meio. O terço converteu-se assim num elemento normal da minha vida. Decidi então contar isto a Scott. Foi mais uma das ocasiões em que, entre lágrimas e abraços, tive que me humilhar para reconhecer diante de Scott que ele havia tido razão em muitas coisas. E li para ele o que acabava de escrever no meu diário de oração:

"Senhor, quebra o gelo do meu coração com o cálido alento do teu Espírito. Quero sair de cima do muro e deixar-te trabalhar em mim. Perdoa-me, por favor, os anos em que rejeitei a orientação espiritual de Scott, e muda o meu coração de pedra por um coração de carne, da tua carne eucarística. Obrigada pela oportunidade de apagar os meus sujos pecados com as tuas poderosas graças no sacramento da Confissão e da Penitência, permitindo-me participar na reparação

do dano que causei ao Corpo de Cristo.

Fiquei toda feliz com o Noivo – Jesus – e o seu Pai, e espero com emoção a festa de casamento já próxima; mas Jesus quer que conheça também a sua Noiva, a Igreja, para compreender mais profundamente com quem participarei na celebração. Qual seria o noivo que quereria que o convidado fosse à festa de casamento e só olhasse para ele? Queria que também conhecesse a sua esposa e a apreciasse. Até agora, a Igreja tem sido para mim uma abstração, algo puramente espiritual e não tangível. Mas agora está se convertendo em algo mais do que sermões inspiradores e estimulantes serviços; está se tornando pessoal. Mais do que uma coleção de doutrinas mais verdadeiras e ricas do que as que tinha antes, a Igreja tornou-se uma realidade viva, palpitante, cheia de pessoas defeituosas, como eu, que estão doentes e precisam de médico, e tudo isto envolto na magnífica glória de Deus.

Prometi negar-me a mim mesma nesta Quaresma, e contudo, como sempre acontece com Deus, o que é que entreguei que não fosse o que já não quero conservar? O teu amor transformou tudo, Senhor. Sim, Scott tinha razão: por que me trataste assim? Para me demonstrar o teu amor.

Lembro-me do dia em que em Grove City comecei a sentir que já não sabia quem eras Tu: o Deus dos protestantes ou o Deus dos católicos. Aplaudias Scott e estavas desgostado comigo? perguntava a mim mesma. Mas não mudava de opinião. Não lia, não estudava, não rezava: era muito doloroso. Não queria renunciar aos meus sonhos, aos meus projetos, ao meu título acadêmico, à minha forma de entender a verdade. Tinha tudo controlado. Redefinir os meus termos teológicos, ou arriscar-me a perder amizades ou desgostar a minha família? Nem pensar! Era uma espécie de pesadelo, tinha a certeza de que ia acordar brevemente.

Mas agora, Senhor, posso sentir o teu amor por mim em plenitude. Tu não me amas só agora que cheguei à verdade. Tu me amaste em cada passo do caminho, pelo que sou, não só pelo que viria a ser.

Peço-te que me ensines tudo desde o princípio. Quero ser dócil. Fui quebrada. Derrama o azeite do Teu gozo para tornar moldáveis os cacos de barro. O meu

coração canta novamente a bondade do Senhor.

As cruzes que me enviaste por meio de Scott e de mim mesma nestes últimos sete anos, são grandes dons. A dor deu o seu fruto".

Durante um período de oração, na semana anterior à Páscoa, fiquei maravilhada ao descobrir como a custódia parece um símbolo da Igreja Católica. Como muitos protestantes, pensava que Maria, os santos e os sacramentos eram obstáculos no caminho entre os crentes e Deus, dos quais deviam esquivar-se para chegar a Ele. Pareciam complicar desnecessariamente a vida com Deus, como as aderências sobre os tesouros imersos no mar, que se devem pôr de lado para chegar ao que é realmente importante.

Mas agora via que era precisamente o contrário. O catolicismo não é uma religião ausente, mas, pelo contrário, orientada à presença. Eram os católicos que tinham Jesus fisicamente presente nas Igrejas, e se viam a si mesmos como sacrários vivos depois de receberem a Comunhão. E, como Jesus é a Eucaristia, tê-lo como centro permite que toda a riqueza doutrinal da Igreja emane dEle, como os belos raios dourados se derramam da Hóstia na custódia.

A minha Vigília Pascal teve um misto de gozo e de pesar, como aconteceu com a de Scott. Os meus pais decidiram assistir à Missa; uma vez que eu ia tomar uma decisão importante, que mudaria toda a minha vida, consideraram que deviam estar presentes. Alegrei-me de que viessem, pois isto me permitia partilhar a dor que lhes causava, embora experimentasse ao mesmo tempo a alegria de ser recebida na Igreja Católica.

Vieram cheios de amor para estar conosco. Jantamos fora na véspera, e tive uma ótima oportunidade de lhes explicar do fundo do coração a razão pela qual me tornava católica. Queria que soubessem que era uma decisão longamente meditada, e alcançada depois de muita oração e estudo. De fato – disse-lhes – mesmo que Scott morresse na segunda-feira de Páscoa, eu nem sequer pensaria em voltar a sair com um protestante, já que a minha fé se tinha forjado a tão alto preço.

Queria dizer-lhes também que eu não era a causa principal da sua dor, pois o

Senhor estava por trás de tudo. Para mim teria sido mais fácil lançar as culpas a Scott pelo meu sofrimento, ou à Igreja Católica por se ter metido na minha vida, em vez de ver a mão do Senhor atuando. Mas agora podia ver que Deus, na sua misericórdia, tinha intervindo na minha vida porque me amava muitíssimo.

Na manhã da Vigília Pascal, a minha querida amiga Barb trouxe três círios pascais da parte de um grupo do qual a nossa família fazia parte. Este grupo, o *Catholic Families and Friends*, preparou uma festa especial nessa noite para festejar conosco. Queriam que a casa estivesse todo o dia cheia de um aroma de felicidade. Em seguida, os meus padrinhos, doutor Al Szews e a mulher, chegaram, vindos de Milwaukee, com presentes especiais. Como preparação para a cerimônia, os meus pais rezaram comigo em casa, e os meus padrinhos rezaram depois comigo na Igreja.

Depois da Confissão, rezei sozinha para preparar o meu coração para a Missa da Vigília. A seguir, rabisquei uma nota para Scott: "Meu querido Scott, estou tão agradecida por você e pelo seu esforço para conseguir este passo para nós. Eu te amo. K". Não sabia como exprimir a enorme gratidão que sentia pela fidelidade de Scott a Deus.

No banco ao meu lado sentou-se Scott, que chorava de alegria ao ver-me chegar à plenitude da fé católica e receber com ele o Senhor na Eucaristia, e sentaram-se os meus pais, que choravam de tristeza ao verem-me convertida a uma Igreja que eles nunca teriam escolhido para mim, e que agora nos separava à mesa do Senhor. Pensei que mal poderia suportar quer o gozo quer a pena no momento de dar o sinal da paz.

Logo após a Missa, começou a festa. Os meus pais escaparam passados poucos minutos. A alegria de todos pela minha conversão era indescritível. No Domingo de Páscoa, depois da Missa de Glória, de manhã, fomos a Milwaukee, onde celebramos a nossa nova condição de família católica na companhia de grandes amigos, em casa dos Wolfe (os padrinhos de Scott). Que imensa alegria! No meu caminho espiritual, tinha chegado o verão.

9

A vida de uma família católica

Scott:

Quando os protestantes evangélicos se convertem à Igreja Católica é frequente sofrerem uma espécie de "traumatismo cultural religioso". Deixaram para trás congregações em que se canta a plenos pulmões, com uma pregação prática baseada na Bíblia, um tom conservador pró-família no púlpito, e um vivo sentido de comunidade, com várias reuniões de oração, companheirismo e estudo bíblico, durante a semana. Em contraste, a paróquia católica média é geralmente parca nestes aspectos. Embora os novos conversos normalmente sintam que "voltaram a casa" ao se fazerem católicos, nem sempre se sentem "em casa" nas suas novas famílias paroquiais. Kimberly e eu pudemos experimentar isto.

No entanto, lugares como a *Franciscan University of Steubenville* demonstram que as coisas não têm necessariamente de ser assim. O que mais nos impressionou durante a estadia em Steubenville foi precisamente a forma como se conjuga o evangélico com o católico. Refiro-me ao modo como a fé católica une o que outras religiões tendem a separar: devoção pessoal e ritual litúrgico, apostolado evangélico e ação social, fervor espiritual e rigor intelectual, liberdade acadêmica e ortodoxia dinâmica, culto entusiasta e reverente contemplação, pregação vigorosa e devoção sacramental, Escritura e Tradição, corpo e alma, o individual e o comunitário.

Depois da conversão de Kimberly, podemos partilhar tudo isto em família. Esforçamo-nos por assistir diariamente à Missa em família na universidade. Com a Eucaristia como centro das nossas vidas, somos capazes de mostrar aos nossos filhos como a Bíblia e a liturgia estão unidas, assim como o cardápio com a refeição. Os nossos filhos veem dezenas de sacerdotes e centenas de estudantes que vivem o Evangelho de um modo prático.

Dar aulas a esses estudantes revelou-se uma das experiências mais gratificantes da minha vida. Eles têm paixão por estudar a Escritura, por aprender teologia e

por fazer centenas de perguntas difíceis. (Afetuosamente chamo aos meus alunos "os meus santos esgota-cérebros"). Depois da aula, procuram o modo de aplicar o que aprenderam, nos seus trabalhos e nas relações pessoais. Estou persuadido de que Deus está preparando muitos dos futuros responsáveis da Igreja Católica nesta universidade.

Além do trabalho na universidade, o Senhor proporcionou-nos, a Kimberly e a mim, inúmeras oportunidades de dar testemunho. Com centenas das minhas palestras gravadas em cassetes e vídeos, a mensagem chega muito além do nosso limitado raio de ação por meio das viagens. Essas gravações circulam atualmente por muitos países. Têm-nos telefonado ou escrito do Canadá, México, Inglaterra, Escócia, Holanda, Polônia, Lituânia, Bélgica, Áustria, Austrália, Nova Zelândia, Gana, Japão, Indonésia, Filipinas, etc. E pensar que temíamos não poder voltar a fazer apostolado juntos!

Tudo isto se tornou possível graças à associação com Terry Barber e a *Saint Joseph Communications*. No período de um ano, a gravação da palestra que dei a apenas trinta e cinco pessoas em 1989, foi adquirida por mais de trinta e cinco mil. Os números ascenderam a centenas de milhar nos últimos anos. Além da gravação da minha conversão, Terry distribuiu mais de duzentas gravações dos meus discursos, que abordam uma grande variedade de temas e explicam diversos aspectos da doutrina católica.

Afinal, o meu pai tinha razão (e ele se encarrega de que eu não o esqueça). Assegurou-se bem de que eu soubesse como sentia-se orgulhoso do seu filho mais novo, o teólogo não joalheiro.

Depois de uma longa doença, faleceu em dezembro de 1991. Foi uma das mais duras, e ao mesmo tempo das mais belas, experiências da minha vida. Durante muitos anos foi um agnóstico, mas através do sofrimento recuperou a sua fé pessoal em Cristo. Nas últimas semanas de vida, conseguimos partilhar momentos muito significativos, rezando, lendo a Escritura e falando a respeito da sua vida e do Senhor. Nunca esquecerei o privilégio que tive de segurar a sua mão e lhe fechar os olhos quando o Pai Celeste o chamou; e também nunca deixarei de agradecer a Deus ter-me dado um pai terreno que me tornou tão fácil

amar o Pai do Céu.

Uma semana mais tarde, o meu sogro, doutor Jerry Kirk, telefonou convidando-me a acompanhá-lo a Roma no mês seguinte, a uma reunião com o Papa João Paulo II. O que faz a graça de Deus!

Como fundador da R.A.A.P. (*Religious Alliance Against Pornography*), Jerry tinha sido convidado por membros da hierarquia católica a dirigir uma sessão de três dias no Vaticano, com um grupo de cerca de doze responsáveis religiosos norte-americanos. O cardeal Bernardin organizou a reunião, com o fim de coordenar estratégias com representantes do Vaticano para combater a pornografia em todo o mundo. No fim das deliberações, teríamos uma audiência privada com o Santo Padre, para lhe apresentar as conclusões e comentá-las com ele de forma mais detalhada.

Foi assim que fui a Roma pela primeira vez. Entre as sessões pude visitar São Pedro e alguns outros lugares santos, não como turista mas como peregrino. Foi algo impressionante.

Ao fim dos três dias, numa quinta-feira à tarde, conduziram-nos por um labirinto de corredores e acompanharam-nos a uma sala de reuniões. Enquanto estávamos ali sentados à espera da chegada do Papa, rezei intensamente. Logo que ele entrou na sala, os trâmites pareceram completar-se num instante.

Quando terminamos, Jerry teve o privilégio de nos apresentar pessoalmente ao Papa. Ao chegar a minha vez, ouvi o meu sogro dizer ao meu pai espiritual: "Santidade, permita-me que lhe apresente Scott Hahn, professor na *Franciscan University of Steubenville*".

Apertei-lhe a mão, e foi tudo; o Papa passou a cumprimentar o seguinte da fila. Eu ali fiquei, todo feliz e dando graças a Deus pelo privilégio de ter estado com o meu pai espiritual em Cristo, embora apenas por breves segundos. Pelo menos pude apertar a mão ao Vigário de Cristo, o sucessor de Pedro, uma emoção não pequena para este antigo anticatólico.

Uma hora mais tarde, os responsáveis voltaram a reunir-se na sala do Vaticano onde nos tínhamos reunido durante toda a semana. Quando entrei, ouvi uma

explosão de risos vindos do lado onde se encontrava a minha sogra, parada diante de uma mesa observando uma fotografia. Aproximei-me para ver. Ao chegar junto dela, pude ver uma fotografia do seu marido apresentando o genro ao Papa. "Consegue acreditar? Depois de todos estes anos, por fim o teu sogro conseguiu te apresentar ao Papa". Enquanto ria ainda mais, abraçava-me carinhosamente. Que sogra tão extraordinária!

Poucos minutos depois soou um telefone num escritório ao fundo do corredor. Um homem de idade veio à sala de reuniões e perguntou:

– Está aqui o Professor Hahn?

Levantei a mão para me identificar.

– É uma chamada para o senhor.

Enquanto avançava pelo corredor, perguntava a mim mesmo quem poderia ser. Peguei no telefone e ouvi uma voz com sotaque acentuado:

– Poderia estar amanhã, às sete da manhã, na capela privada de Sua Santidade, o Papa João Paulo II, para assistir à Santa Missa?

Ao princípio pensei que era uma brincadeira. Mas imediatamente recordei um encontro no princípio da semana com o professor Rocco Buttiglione, que se ofereceu para usar a sua influência diante do secretário privado do Papa, e conseguir que eu assistisse à Missa matutina do Papa.

– Sim, claro que posso estar.

Mas estava tão nervoso que me esqueci de perguntar os pormenores.

Felizmente o cardeal Cassidy, um dos representantes do Vaticano na sala de reuniões, explicou-me o procedimento. Devia estar às seis e meia da manhã diante de certa entrada, onde um guarda suíço me acompanharia.

Na manhã seguinte, depois de tentar em vão dormir, levantei-me e apanhei um táxi para a Praça de São Pedro. Cheguei com mais de uma hora de antecedência. Dando voltas na praça, rezei o rosário e preparei-me para o que sabia ser um privilégio de toda uma vida.

Conforme me tinham indicado, à hora prevista alguém veio buscar-me. Levou-me por escadas e corredores, até que me encontrei entre vários bispos e sacerdotes que se paramentavam para concelebrar com o Papa.

Ali permaneci, nervoso, até que, subitamente, o secretário pessoal do Papa assomou com a cabeça à porta, olhando à volta da sala. Por fim disse:

– Onde está o teólogo da *Universidade de Steubenville*?

Mal consegui entender as suas palavras devido ao sotaque. Por fim, entendi que perguntava por mim. Levantei a mão com timidez, e disse:

– Estou aqui.

Olhou-me e inclinou a cabeça.

– Muito bem, eu lhe direi...

Não fazia a menor ideia do que se tratava, mas senti-me observado por todos os prelados estrangeiros que olhavam para mim e se perguntavam: "Quem é este tipo, e que cargo ocupa?

Momentos depois fui conduzido pelo corredor a uma pequena capela privada. Assim que entrei, notei que o Papa João Paulo II já ali se encontrava no seu genuflexório, orando diante do Tabernáculo. Ajoelhando-me a pouca distância, pedi ao Senhor a graça especial de unir o meu coração ao do meu pai espiritual ao renovar a Aliança pela celebração do Sacrifício de Cristo na Missa.

Quanta reverência e amor manifestava o Papa em cada parte da liturgia eucarística. Não me lembro de ter sentido nunca antes tão vivamente a realidade da presença de Cristo.

Ao terminar a Missa, conduziram-nos ao vestíbulo da capela, enquanto o Santo Padre permanecia no seu genuflexório em ação de graças. Fui o último a sair e não consegui resistir à tentação. Detive-me, ajoelhei-me uns quantos passos atrás dele e rezei, ali a sós com o Papa, durante quase meio minuto, até que ouvi passos aproximando-se apressadamente em direção à capela. Como suspeitei, tinham contado as pessoas e notado a falta de alguém. Pus-me de pé, precisamente quando o secretário pessoal do Papa entrava na capela. Guiou-me

com amabilidade e firmeza à sala onde o Papa se reuniria conosco dentro de poucos minutos.

Enquanto esperávamos, rezei e antevi o que ia fazer. Nisto entrou o Papa. O que mais me impressionou imediatamente foi ver como parecia agora mais desperto e enérgico, imediatamente depois da Missa, em comparação com o ar de cansaço que notara no seu rosto no dia anterior à tarde, durante a audiência privada.

Parecia vivamente interessado em cada um dos que ia cumprimentando. Tratava cada um como se fosse a única pessoa na sala. Olhava-o diretamente nos olhos e escutava atentamente antes de falar. Chegou a minha vez.

Avançou para me saudar, e como eu lhe estendi os dois braços, nos abraçamos. Entreguei-lhe então um exemplar, belamente embrulhado, das minhas gravações intituladas *Respostas às objeções mais comuns*, juntamente com um envelope com uma carta pessoal e dois cheques, como manifestação de amor e respeito da parte das famílias Barber e Hahn.

Olhou-me nos olhos e disse:

– Deus te abençoe. Você é que é o professor de Teologia da *Universidade de Steubenville*?

– Sim, Santo Padre, sou eu.

– Por favor transmita as minhas saudações e bênçãos à comunidade de Steubenville.

– Santo Padre, o meu pai natural acaba de morrer no mês passado, e agora o meu Pai Celeste abençoa-me com o privilégio de encontrar-me com o senhor, o meu pai espiritual.

E abraçamo-nos pela segunda vez.

Olhou-me intensamente e disse:

– Sinto que o seu pai tenha falecido. Deus o abençoe. Rezarei por ele.

O meu coração saltou ao recordar imediatamente aquela linha da Escritura: – Tudo o que atares na terra será atado no Céu...

Depois, expliquei-lhe brevemente, num minuto apenas, toda a minha peregrinação espiritual de pastor presbiteriano, anticatólico, que se convertera ao catolicismo apenas seis anos antes.

Ele ouviu atentamente antes de me dar outro aperto de mão, uma bênção e um terço. Ao sair da presença de João Paulo II – o ungido pelo meu Pai celeste e o meu Irmão mais velho que pastoreia a família da Aliança de Deus na terra – tive a forte sensação de que Deus me dizia: "Scott, o melhor ainda está para vir".

Kimberly:

Seis semanas depois de ter sido recebida na Igreja Católica, o nosso filho mais velho, Michael, fez a Primeira Comunhão. Era católica há muito pouco tempo, e senti que o meu coração estalava de alegria. Não consigo imaginar o que sentirão esses pais, que, tendo nascido católicos, sonharam ter um filho e levá-lo à mesa do Senhor para a Primeira Comunhão. (Já tivemos a oportunidade de levar também o Gabriel, e esperamos com impaciência a chegada desse dia especial para a Hannah.)

As preocupações do meu coração foram sempre estas: primeiro, espero que a festa do Cordeiro Pascal do Céu seja mais importante do que a festa terrena que se lhe segue. E, em segundo lugar, procuro que a atenção esteja mais centrada na presença de Jesus na Eucaristia do que nos presentes que as crianças vão receber a seguir.

Um dia, durante a consagração, Scott inclinou-se e disse-me:

– Consegue imaginar o que devem pensar os anjos?

A pergunta levou-me a pensar em realidades que não tinha tido em conta antes. É verdade que os anjos estão presentes na liturgia, mas não recebem o Senhor. Devem contemplar com espanto e respeito o incrível amor que o Pai celeste tem por nós, enviando Jesus à terra para assumir a humildade da natureza humana, para entregar a sua vida em sacrifício por nós, e finalmente para nos alimentar com a oferenda gloriosa e ressuscitada do seu Corpo e Sangue. Que magnífico mistério!

Jejuar na hora anterior foi também uma boa experiência, pois é uma pequena mortificação (há sempre poucas na minha vida), que me recorda a necessidade de ter fome de almas.

A mudança para Steubenville foi uma grande bênção. Encontramos muitos amigos maravilhosos na universidade e na comunidade. Temos mais de quarenta famílias no nosso grupo de apoio à educação em casa, chamado *Coração de Maria*. E os estudantes da universidade foram para os nossos filhos um grande reforço do nosso próprio compromisso com o Senhor.

Em que é que mudou a nossa vida? O meu coração está cheio da bondade do Senhor e dessa alegria da minha salvação, que durante cinco anos queria sentir e não conseguia. Creio que poderia resumir tudo em três frases: unidade restaurada, apostolado renovado e família revigorada.

A unidade entre nós foi restaurada. Temos novamente fortes convicções em comum, até mais profundas agora, depois de tudo aquilo por que passamos. Fico encantada ouvindo os ensinamentos de Scott. Em lugar de me impacientar durante as suas aulas sobre a Bíblia, realmente aproveito.

Participamos juntos na Missa, habitualmente na *Franciscan University*, unidos a um grupo de fiéis comprometidos que amam o Senhor e querem partilhar fielmente o seu amor por Ele. Antes, as crianças notavam a nossa desunião, embora não falássemos muito das nossas divergências diante delas. Mais do que um grande alívio, os nossos filhos experimentaram realmente a nossa alegria por estarmos de novo tão profundamente unidos.

O nosso apostolado renovou-se enormemente. Alguns sonhos morreram, mas Deus os renovou superabundantemente. Em casa, temos tido muitíssimas ocasiões de oferecer hospitalidade; anualmente almoçam conosco mais de trezentas pessoas. Além disso, hospedar em casa estudantes da universidade, que mudam de um semestre para o outro, tem sido uma nova aventura para nós, a aventura de viver numa família ampliada. E a enorme sala de estar de nossa casa acolhe todas as semanas grupos de vinte a cinquenta pessoas nos cursos bíblicos que damos, Scott e eu.

Ambos começamos também a dar palestras juntos, durante as viagens, e temos tido o privilégio de nos reunirmos, e partilhar a fé, com tantos católicos maravilhosos, comprometidos e maduros, por todo o país. A difusão das gravações através da *Saint Joseph Communications*, possibilitou que a nossa mensagem chegasse muito mais longe do que nós com as viagens. E o permanente apostolado do telefone e do correio pôs-nos à prova até o limite do nosso tempo e energia! E pensar que cheguei a achar que todas essas formas de apostolado estavam perdidas para sempre! O Senhor tinha o seu tempo para fazer revivê-las.

A nossa família revigorou-se graças aos novos canais de graça agora à nossa disposição: a Confissão regular e a Eucaristia quase diária. Tivemos a alegria de aprender o calendário litúrgico, com a observância da abstinência (Advento, Quaresma e sextas-feiras) e com a alegria das festas (além dos aniversários e do Natal, celebramos os dias dos nossos santos e os aniversários de Batismo).

Ao conceber o meu primeiro filho já como católica, sabia que todas as manhãs, ao receber a Eucaristia, o meu bebê era alimentado e nutrido pelo próprio Senhor. Depois dos abortos espontâneos, não tinha a certeza de conseguir levar a gravidez até o fim, mas tinha a certeza de que todos os dias podia levar essa pequena vida à presença de Jesus e receber a bênção do sacerdote. Pela primeira vez, pus também os santos do Céu a trabalhar, pedindo-lhes que intercedessem pelo meu filho. Que grande alegria foi dar à luz Jeremiah Thomas Walker no dia 3 de julho de 1991, e batizá-lo em princípios de setembro! Foi uma enorme alegria para nós, e uma ponte com a minha família de origem, que o meu pai participasse no Batismo.

Até o dia em que fui recebida na Igreja, nunca tínhamos ido à Missa diária em família; agora, é o centro do nosso dia. Recebemos a bênção de muitos sacerdotes que passam por Steubenville e celebram a Missa. A pergunta mais comum de Hannah, surpreendida ao ver tantos sacerdotes, é: "E esse, também é meu pai?"[1]3

Apreciamos a tradição evangélica, na qual as pessoas cantam e rezam com todo o entusiasmo. Por isso, um dos elementos do culto que a nossa família mais

apreciou na *Franciscan University* é a forma como a assembleia participa. Como Scott costuma dizer: “Se a Missa não te leva a cantar, que outra coisa o fará?”

Embora nem sempre seja fácil, é muito bom que toda a família participe na Missa. É um bom momento para a proximidade física e para falar com as crianças sobre o Senhor. Embora às vezes pareça que a graça recebida se esgota ainda antes de terminar o cântico final (por causa das distrações) sempre é melhor levá-los à presença de Jesus, do que deixá-los lá fora. No fim da Missa, costumamos ter o que chamamos o nosso “santo amontoamento”. Juntamo-nos todos e elevamos uma oração de ação de graças em família. Sinto-me muito agradecida pela unidade da nossa família sob a orientação espiritual de Scott.

Que doce é sentir-se em casa na Igreja Católica! E que grande privilégio foi poder refletir sobre as nossas vidas e dar testemunho de como o Senhor guiou os nossos passos para Ele e para a sua Igreja. Certamente, como diz o salmista: “Fez memoráveis as suas maravilhas, o Senhor é clemente e compassivo” (Sal 111, 4). Que o Senhor, pela sua abundante misericórdia, nos faça a todos capazes de nos entregarmos cada dia mais a Ele.

1 - Em inglês, pai (*father*) é utilizado tanto para pai como para padre, sacerdote (N.T.).

Conclusão

Apelo aos católicos para serem cristãos bíblicos (e vice-versa)

Já contamos a nossa história. Para terminar queremos dar graças a Deus pela sua graça e misericórdia. Brevemente, queremos ainda partilhar o desafio que Deus nos fez através da sua Palavra.

Aos nossos irmãos e irmãs católicos queremos animá-los e motivá-los a conhecerem melhor a fé católica, que lhes foi confiada como um patrimônio sagrado. Para seu próprio bem – e para o bem dos demais – estudem-na, para saber aquilo em que acreditam e porquê acreditam nisso. Peguem na Sagrada Escritura e leiam diariamente. É a inspirada e infalível Palavra de Deus escrita para vocês, como a Igreja Católica ensinou sistematicamente ao longo deste século, especialmente no Concílio Vaticano II. Acreditem nela. Partilhem-na. Usem-na para fazer oração. Memorizem-na. Mergulhem nela, como numa piscina! Aprendam-na bem, para poderem vivê-la mais plenamente, e partilhá-la com maior alegria. Esse é o caminho para tornar a fé "contagiosa"! Precisamos de mais católicos contagiosos!

Além da Bíblia, tenham também um exemplar do *Catecismo da Igreja Católica* e leiam-no integralmente – do princípio ao fim – pelo menos uma vez. É indispensável para pôr em prática os ensinamentos do Vaticano II. É na verdade "a chave do Concílio". E uma vez feito isto, por que não ler também os documentos do Concílio Vaticano II? (vocês têm esses documentos, não é verdade?). Podem dedicar algumas semanas a se refrescarem com o verdadeiro "espírito do Concílio", tirado diretamente dos seus textos. O Vaticano II dirige um apelo à renovação, mas a resposta a esse apelo se atrasou. Não demorará que os católicos normais e correntes – como vocês e como eu – deem este passo fundamental. Na realidade não é assim tão difícil: qualquer "cristão corrente" pode fazê-lo!

A mensagem mais importante do Vaticano II é a "chamada universal à

santidade". Basicamente isto significa que todos – não só os padres e as freiras – estão chamados a ser santos. Isto requer que cada um dê a máxima prioridade à oração, e oração diária. Como norte-americanos, costumamos achar que estamos excessivamente ocupados para ter vida interior e para crescer nela; mas, como católicos, sabemos que isto é absolutamente essencial, mais do que todo o restante. Façam um "plano de vida" pessoal que inclua a oração. Pode parecer fácil, mas às vezes é realmente difícil, embora nunca tão difícil como uma vida sem oração diária.

O fundamento da vida cristã de um católico devem ser os sacramentos, especialmente a Eucaristia. Não podemos fazer as coisas sozinhos. Cristo sabe disso; por isso instituiu os sacramentos, para nos dar a sua vida e poder divinos. Temos que estar atentos para não participarmos nos sacramentos de modo inconsciente ou distraído. Não são meios mágicos ou mecânicos para nos fazerem santos sem a nossa fé e esforço pessoal. Um católico não pode estar na Missa como um automóvel que passa pela lavagem automática. As coisas não funcionam assim. A graça não é algo que "fazem" em nós; é sobretudo a vida sobrenatural da Trindade enxertada profundamente nas nossas almas, para que Deus possa fazer a sua morada em cada um de nós. É a Aliança que estamos chamados a viver como irmãos e irmãs na Família Católica de Deus. Cristo é o alimento das nossas almas; não façamos dieta.

Os católicos que cultivam a oração, o estudo e uma vida baseada nos sacramentos, devem também ser apóstolos mais ativos no lugar onde se encontram: em casa, no trabalho, no mercado, mas principalmente na família e entre os amigos. Nos últimos anos a Igreja Católica perdeu literalmente milhões de fiéis, que passaram para confissões ou congregações fundamentalistas e evangélicas. Este fato oferece novas e estimulantes oportunidades, não só de convencer ex-católicos a voltarem à Igreja, mas também de mostrar aos não católicos a nossa fé como ela é realmente: baseada na Bíblia e cristocêntrica.

Temos de reconhecer: muitos cristãos não católicos fazem que nos sintamos envergonhados. Com a Bíblia na mão e o seu grande zelo pelas almas, fazem muito mais com menos meios, do que muitos católicos, que têm a plenitude da fé

na Igreja, mas que estão raquíticos e adormecidos. Partilhamos com os outros cristãos muito da verdade que a Bíblia ensina sobre Cristo; mas a eles falta-lhes nada mais e nada menos do que a presença real de Cristo na Eucaristia. Para falar de modo simples: eles estudam o cardápio enquanto nós desfrutamos da Refeição! E com demasiada frequência nem sequer conhecemos os ingredientes, pelo que não podemos partilhar a receita. Será que Nosso Senhor pede demais aos católicos, quando nos diz que façamos mais, muito mais, para ajudar os nossos irmãos separados a descobrirem no Santíssimo Sacramento o Senhor que tanto amam? Se não o fazemos nós, quem o fará?

Queremos também partilhar este desafio com os nossos irmãos e irmãs em Cristo que não são católicos. Com amor e respeito, damos testemunho da fidelidade do nosso Deus à sua Aliança, o qual ao longo das épocas gerou a grande família da Igreja, una, santa, católica e apostólica. Paulo refere-se a esta Igreja como "o lar de Deus", que é "coluna e fundamento da verdade" (1 Tim 3, 15). É outro modo de dizer que a família de Deus foi estabelecida e capacitada divinamente para manter a verdade revelada.

Deus gera a Sua família numa única Igreja. Um pai é glorificado pela unidade da sua família; um homem é desgraçado quando tem os filhos desunidos. A unidade real significa identidade de vida que se experimenta na unidade da fé e da prática. Tudo isto se aplica à Igreja de Deus: um Pai santo é capaz de preservar a sua única Família santa, e isto foi o que fez com a Igreja Católica.

É desta Igreja que Cristo fala: "Construirei a Minha Igreja". Não é a tua Igreja nem a minha; é a de Cristo. É Ele o construtor, nós somos apenas instrumentos. Engrandecer a Igreja não é desprezar o Senhor. A Igreja Católica é obra dEle. Reconhecer a grandeza da Igreja Católica – a sua autoridade divina e testemunho infalível – é nada mais nada menos do que enaltecer a obra redentora de Cristo. Consequentemente, rejeitar a autoridade e desprezar o testemunho da Igreja – mesmo que isso se faça por um mal-entendido zelo pela exclusiva honra de Cristo – é desafiar a Ele e à plenitude da sua graça e verdade. A duras penas, Saulo aprendeu esta lição.

A Igreja Católica é chamada também o Corpo Místico de Cristo; o Espírito Santo

é a sua Alma. Um corpo sem alma é um cadáver; uma alma sem corpo é um fantasma. A Igreja de Cristo não é nem uma coisa nem outra; mas dificilmente se poderá chamar um corpo se carecer de unidade visível. Se assim não fosse, Paulo não lhe teria chamado Corpo de Cristo, mas simplesmente sua Alma. Mas a alma está feita para dar vida ao corpo, não para andar flutuando sem ele. Quando a alma cumpre a sua missão, todas as partes e os membros do corpo estão vivos e saudáveis. Dentro da Igreja Católica, estas partes e membros chamam-se "santos". Os santos irradiam a vida do Espírito Santo no Corpo de Cristo. Este é, portanto, o propósito do Espírito Santo: manter o Corpo visível de Cristo vivo na verdade e na santidade. Isso é o que tem sido feito ao longo de dois mil anos; isto chama-se Igreja Católica. Não é, portanto, por acaso que no *Símbolo dos Apóstolos* estes dois elementos estão tão intimamente conectados: "Creio no Espírito Santo, na santa Igreja Católica, na comunhão dos santos".

No centro dessa visão católica está a Trindade. Deus é uma Família eterna de três Pessoas Divinas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A Aliança é o que nos capacita para participar na sua própria vida divina. Para nós isso significa nada mais nada menos do que a participação familiar – como filhos de Deus – na comunhão interpessoal da Trindade. Isto é o que os católicos chamam graça, graça santificante. Este elevado conceito da graça é a base de cada uma das crenças católicas. Quer se trate de Maria, do Papa, dos bispos, dos santos ou dos sacramentos, tudo se torna possível pela graça de Deus viva e ativa. A graça divina é o modo como Deus conduz a nossa natureza caída mais além de si mesma. (A palavra-chave aqui é "além de" – não "contra" – já que a graça não destrói a natureza, mas constrói sobre ela: para a curar, para a aperfeiçoar, e para a elevar, de modo a poder partilhar a vida de Deus). Chamar a Igreja Católica de "família de Deus" não é então uma afirmação metafórica; é uma asserção metafísica. É na realidade o mistério da nossa fé.

É verdade que Jesus Cristo quer ter uma relação pessoal com cada um de nós como nosso Salvador e Senhor. Mas quer muito mais do que isso: quer-nos em aliança com Ele. Eu posso ter uma relação pessoal com o vizinho do lado, mas isso não significa que ele queira que partilhe a sua casa. Do mesmo modo, César Augusto proclamou-se a si mesmo senhor e salvador de todos os seus súditos;

mas não morreu numa cruz para que eles pudessem ser seus irmãos e irmãs. Jesus Cristo nos quer na Nova Aliança que estabeleceu por meio da Sua carne e do Seu sangue, a mesma Aliança que Ele renova na Sagrada Eucaristia. Quando o seu sacrifício por nós se renova no altar, reunimo-nos à mesa familiar para a refeição sagrada que nos une. Jesus quer que conheçamos não só o Pai e o Espírito Santo, mas também a sua Bendita Mãe e todos os seus irmãos e irmãs santificados. Deseja também que vivamos de acordo com a estrutura familiar que estabeleceu para a sua Igreja na terra: o Papa e todos os bispos e sacerdotes a ele unidos. Regressem à casa na Igreja fundada por Cristo. A Ceia está preparada, e o Salvador chama: "Eis aqui que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz e me abrir a porta, entrarei na sua casa e cearei com ele e ele Comigo" (Ap 3, 20).

Index

Folha de rosto	2
Ficha catalográifca	3
Apresentação	4
Apresentação da edição brasileira	6
Prefácio	8
Introdução	10
1 – Do berço a Cristo	11
2 – Do apostolado ao casamento	21
3 – Novas concepções da Aliança	32
4 – Ensinar e viver a Aliança em família	49
5 – Scott à procura da Igreja	64
6 – Ir a Roma é voltar para casa	89
7 – As dificuldades de um casamento misto	99
8 – Uma Roma-ântica reunião	119
9 – A vida de uma família católica	161
Conclusão	171